

**ELITA DE MEDEIROS**

**IMAGINARIOS EM DIÁLOGO:  
A LENDA DO LOBISOMEM EM UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA COMO  
RESGATE DE NARRATIVAS FOLCLÓRICAS**

**TUBARÃO, 2006**

*“... aos que me contaram estórias e histórias; aos que me acolheram com o valor cultural do calor humano; aos que me hostilizaram, a todos, enfim, o meu obrigado”.*

Franklin Cascaes

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido como monografia de graduação para o curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa e suas respectivas literaturas na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. A abordagem passa pela necessidade de resgatar e compilar os contos e lendas orais de nossa região que, por falta de registro, estão ameaçados de total esquecimento. Um dos objetivos buscados foi promover o diálogo entre as faces do imaginário através da investigação de contos orais que sobreviveram ao tempo e às condições adversas que estão expostos, privilegiando a figura do lobisomem. Acreditamos que, para que essa cultura folclórica não se perca, é necessário resgatar, compilar e, porque não, recontar essas narrativas antes que caiam no esquecimento. Através das obras de Câmara Cascudo e de Franklin Cascaes e à luz dos teóricos constantes da bibliografia, procuramos resgatar parte dos contos orais compilando alguns deles e, emprestando nova roupagem através do cotejo com elementos do imaginário em que o lobisomem figura, recontar uma das narrativas recolhidas. Nesse contexto, percebemos a importância da dialogia e da polifonia presentes nas narrativas, pois são textos que se tocam e emprestam novas vozes ao discurso. Acredita-se na relevância da realização dessa pesquisa, visto que, além da análise presente, procura-se, de certa forma, promover a preservação de aspectos folclóricos através das narrativas trabalhadas como tentativa de sua perpetuação para as gerações futuras.

A autora

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Luís da Câmara Cascudo pela lente de Carlos Lyra. ....  | 25 |
| Figura 2 – Memorial Câmara Cascudo. ....   | 26 |
| Figura 3 – Museu Câmara Cascudo. ....  | 26 |
| Figura 4 – Câmara Cascudo na nota de cinquenta mil cruzeiros, lançada no início dos anos 90 e já recolhida pelo Tesouro Nacional. .... | 27 |
| Figura 5 – Franklin Cascaes. ....  | 27 |
| Figura 6 – À esquerda, Franklin Cascaes; à direita, ilustração do artista sobre <i>O Fantástico</i> . ....                             | 28 |
| Figura 7 – Boto. ....  | 32 |
| Figura 8 – Caipora. ....   | 32 |
| Figura 9 – Boitatá. ....   | 33 |
| Figura 10 – Iara, a mãe d'água. ....   | 34 |
| Figura 11 – A Gralha Azul. ....  | 34 |
| Figura 12 – Saci Pererê. ....  | 35 |
| Figura 13 – Negrinho do Pastoreio. ....  | 36 |
| Figura 14 – Mula-sem-cabeça. ....  | 36 |
| Figura 15 – Lobisomem. ....  | 38 |
| Figura 16 – Lobisomem. ....  | 38 |
| Figura 17 – Homem com hipertricose. ....   | 39 |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>6</b>   |
| <b>1 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....   | <b>10</b>  |
| 1.1 CULTURA .....  | 10         |
| 1.2 LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....  | 11         |
| 1.2.1 <i>Ficção e Verossimilhança</i> .....  | 11         |
| 1.2.2 <i>As formas e o gênero literário</i> .....  | 12         |
| 1.2.2.1 O gênero narrativo .....   | 13         |
| 1.2.3 <i>Elementos literários</i> .....  | 13         |
| 1.2.3.1 Enredo .....   | 14         |
| 1.2.3.2 Espaço .....   | 15         |
| 1.2.3.3 Tempo .....  | 15         |
| 1.2.3.4 Personagens .....  | 15         |
| 1.3 FOLCLORE .....   | 16         |
| 1.3.1 <i>Mito e lenda, qual a diferença?</i> .....   | 17         |
| 1.3.1.2 A narrativa maravilhosa .....  | 18         |
| 1.3.1.3 A narrativa fantástica .....   | 19         |
| 1.4 O DISCURSO .....   | 20         |
| 1.4.1 <i>Intertextualidade</i> .....   | 20         |
| 1.4.2 <i>Dialogia e polifonia: vozes, faces e interfaces textuais</i> .....  | 21         |
| 1.4.3 <i>Cotejo</i> .....  | 22         |
| <b>2 GRANDES FOLCLORISTAS BRASILEIROS</b> .....  | <b>24</b>  |
| 2.1 LUÍS DA CÂMARA CASCUDO .....   | 24         |
| 2.2 FRANKLIN JOAQUIM CASCAES .....   | 27         |
| 2.3 BREVE OLHAR SOBRE OBRAS DE CÂMARA CASCUDO E FRANKLIN CASCAES .....   | 28         |
| 2.3.1 <i>A obra do Mestre do Folclore</i> .....  | 29         |
| 2.3.2 <i>O Perpetuador do Folclore Ilhéu</i> .....   | 30         |
| <b>3 DIALOGOS E VOZES: ALGUMAS FIGURAS FOLCLÓRICAS BRASILEIRAS</b> .....   | <b>32</b>  |
| <b>4 VOZES E DIALOGOS DAS FACES DO LOBISOMEM</b> .....   | <b>38</b>  |
| <b>5 J.K. ROWLING, J.R.R. TOLKIEN, C.S. LEWIS E O IMAGINÁRIO COM NOVA ROUPAGEM: DIALOGOS POSSÍVEIS ENTRE VOZES DISTANTES</b> ..... | <b>42</b>  |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | <b>45</b>  |
| <b>ANEXO A – COMPILAÇÃO DE ALGUNS CONTOS RECOLHIDOS</b> .....  | <b>50</b>  |
| <b>ANEXO B – CÓPIAS DE TRABALHOS DE ALGUNS ALUNOS</b> .....  | <b>54</b>  |
| <b>ANEXO C – BIBLIOGRAFIA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO</b> .....  | <b>62</b>  |
| <b>APÊNDICE A – UMA HISTÓRIA RECONTADA</b> .....   | <b>67</b>  |
| <b>BIBLIOGRAFIA AUXILIAR</b> .....   | <b>148</b> |

## INTRODUÇÃO

Com a imensa quantidade de informações às quais estão expostas atualmente, muitas crianças, adolescentes e mesmo os adultos, acabaram perdendo o jeito de contar e o interesse por ouvir histórias. Em um passado não muito remoto, avós eram verdadeiras contistas quando, à beira da cama dos netos, transmitiam-lhes, de maneira oral, contos que aprenderam de seus antepassados. Desta maneira, muito da cultura popular foi preservada.

A origem dos contos remonta às raízes da formação dos povos, pois são encontrados em todas as culturas, no mundo inteiro. Muitos dos contos de nossa região vieram com os colonizadores europeus, outros são do folclore indígena e, posteriormente, foram incorporados à nossa cultura, que também foi enriquecida pelos negros, que trouxeram consigo histórias do continente africano.

O objetivo deste trabalho é promover o diálogo entre as faces do imaginário, através da investigação de contos orais que sobreviveram ao tempo e às condições adversas às quais estão expostos, privilegiando a figura do lobisomem e, num segundo momento, recontando uma das lendas, emprestando-lhe nova roupagem.

A mídia, a ânsia pelo novo e pelo tecnológico têm sido muito mais sedutoras que histórias à beira da cama. Acreditamos que, para que esta cultura folclórica não se perca, resta-nos resgatar e compilar o que ainda podemos, pois certamente muito já caiu no esquecimento, desaparecendo para sempre. Para tanto, desenvolvemos reflexões a partir das considerações do folclorista Câmara Cascudo<sup>1</sup>, considerado o papa do folclore brasileiro. Segundo esse autor, essas histórias merecem ser compiladas para a posteridade. A obra desse folclorista, porém, não contempla o nosso Estado. Da Região Sul são citados, em *Antologia do Folclore Brasileiro*<sup>2</sup>, o *Negrinho do Pastoreio*, conto primeiramente compilado por Simões Lopes Neto na obra *Contos gauchescos e lendas do Sul*<sup>3</sup>, figurando nas páginas 86 a 92.

Também são importantes os apontamentos de Franklin Cascaes<sup>4</sup>. Como compilador do folclore em nosso estado, contempla o folclore ilhéu na obra *O fantástico na ilha de Santa Catarina*. Entretanto, a obra de Cascaes não atinge nossas paragens, limitando-se à Ilha de Santa Catarina.

Procura-se recontar uma das histórias catalogadas na tentativa de apresentá-la como importante instrumento da promoção do imaginário como legado às gerações atuais, a exemplo do que fizeram outros escritores. A figura do lobisomem foi eleita entre os contos

---

<sup>1</sup> Escritor e folclorista nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, em 1898 e faleceu na mesma cidade, em 1986. É

<sup>2</sup> Obra de Câmara Cascudo que busca resgatar a literatura oral.

<sup>3</sup> Obra onde constam lendas e contos da tradição oral do Rio Grande do Sul, publicado pela Editora Globo. A edição utilizada neste trabalho é de 1965.

<sup>4</sup> Franklin Joaquim Cascaes, artista plástico, escritor e folclorista catarinense.

recolhidos não apenas por figurar em maior número, também por estar presente no imaginário de diversas partes do mundo, possibilitando uma análise de suas várias faces, por seu caráter dialógico e polifônico, entre outros.

A memória folclórica dos povos serve, até a atualidade, de base para a criação e recriação literária, filmográfica e musicográfica, sem mencionar a própria propaganda que, muitas vezes, recorre a elementos folclóricos. Dele desenvolveram-se inúmeras idéias, algumas preservando, outras relendo e, ainda outras, criando novidades.

Podemos citar como exemplo a obra de Joanne Katerinne Rowling, autora do fenômeno *Harry Potter*. Professora de Literatura, a autora utiliza-se de inúmeros elementos do imaginário inglês, muitos deles aparecem de maneira idêntica na obra de outro grande escritor conterrâneo de Rowling, John Ronald Reuel Tolkien, cuja obra inclui *O Senhor dos Anéis*, recentemente transposto para as telas do cinema com enorme sucesso. Mas não apenas a obra de Tolkien possui elementos mostrados na saga de Harry Potter. *As Crônicas de Nárnia*, do irlandês Clive Staples Lewis possivelmente também serviram de inspiração para Rowling, pois nomes e personalidades d'*As Crônicas* são recorrentes na obra da autora, como veremos no capítulo cinco.

As obras brasileira e inglesa citadas são diferentes. A primeira existe em forma de compilação, onde as histórias eram descritas de maneira muito semelhante ao modo como eram contadas. Câmara Cascudo e Franklin Cascaes não acrescentaram elementos, nem narrador. Apenas transportam aquilo que se ouvia, da maneira como se ouvia, para a escrita. A obra inglesa é um resgate da oralidade em forma de romance, recontada, com elementos contemporâneos à época da produção.

Pouco se têm registrado os contos orais em nossa região e tal fato justifica ainda mais a pesquisa que nos propusemos a desenvolver. Romancear um dos contos para sugerir a perpetuação da memória cultural, buscando, de forma atraente, oferecer leitura contemporânea, culmina com o fechamento deste trabalho.

Acredita-se, então, ser relevante resgatar a memória folclórica da região de Tubarão buscando coletar informações com estudantes, visando conhecer os contos que compõem o folclore oral. As informações foram analisadas à luz dos teóricos que figuram nas referências bibliográficas, constituindo-se, portanto, em pesquisa bibliográfica e de campo. Elegeram-se para a amostra da pesquisa os alunos de ensino fundamental e médio de algumas escolas da rede pública de ensino das cidades de Tubarão e Jaguaruna, os quais entrevistaram pessoas idosas de suas famílias, ou mesmo amigos, para relatarem contos folclóricos que conheciam. Estes foram entregues na aula seguinte em forma de redação, primando pela máxima fidelidade possível ao relato oral.

A produção textual dos alunos foi recolhida, compilada e digitada, evitando a repetição das histórias. A compilação de alguns contos constitui o anexo A. As cópias de alguns contos, o anexo B.

No primeiro capítulo desenvolvemos a revisão de literatura, base para a compreensão desse trabalho.

O segundo capítulo discorre sobre aqueles que procuraram resgatar o folclore de nosso país através de suas obras.

No terceiro capítulo busca-se mostrar algumas das figuras folclóricas mais conhecidas em nosso país, privilegiando-se as que aparecem em nossa região.

Embora seja grande a variedade de histórias e personagens, optou-se pela figura do lobisomem, personagem central da trama recontada, que configura o apêndice A. A análise com base nas referências bibliográficas contempla as considerações finais.



*“Um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado.”*

CHARTIER

## 1 REVISÃO DE LITERATURA

Ao iniciar este trabalho, faz-se necessário compreender alguns conceitos para melhor apreensão do objeto em investigação. Esses são analisados primeiro como palavras isoladas, buscando no léxico suas significações. Posteriormente, busca-se a luz de autores consagrados que versam acerca do tema.

Nessa proposta, passamos desde as concepções mostradas em alguns dicionários até obras de caráter filosófico, procurando as que traduzissem a compreensão não só dos próprios termos, mas a razão da existência e a origem dos contos transcritos.

### 1.1 CULTURA

Conceituar o termo cultura é bastante difícil. O léxico traz diferentes opiniões. Em Larousse (2001, p. 262), encontramos o termo como:

1. Acervo intelectual e espiritual. 2. Conjunto de conhecimentos adquiridos, instrução, saber. 3. Conhecimentos em um domínio particular. 4. Conjunto de estruturas sociais, religiosas, etc., de manifestações intelectuais, artísticas, etc., que caracterizam uma sociedade.

Podemos concluir que o conjunto de saberes de uma determinada região é parte de sua cultura. LUFT (2001, p. 209) conceitua, no âmbito antropológico, como “conjunto de experiências humanas (conhecimentos, costumes, instituições, etc.) adquiridas pelo contato social e acumuladas pelos povos através dos tempos”.

Ora, o contato social vem se perdendo, modificando-se. Já não acontece mais da maneira como conhecíamos. As avós dos dias de hoje são trabalhadoras dessa sociedade acelerada. Os netos já não as visitam com a frequência que fazíamos em nossa infância e as histórias, na maioria das famílias, já não mais é contada à beira da cama, antes de dormir.

Para FERREIRA (2001, p. 212), cultura é “o conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre os indivíduos em sociedade”. Logo, podemos concluir que é imprescindível que a comunicação perpetue estes conhecimentos, os quais, sem ela, podem perder-se. Resta-nos oferecer essa cultura de outra maneira, como se um objeto antigo fosse restaurado e embrulhado para presente.

## 1.2 LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A literatura tem origem nas narrativas que fazem parte da cultura dos povos. Primeiramente difundindo a cultura de forma oral, passando pela fase em que os monges eram encarregados de copiar os livros, foi concretizada a partir do advento da imprensa. CEREJA E MAGALHÃES (2003, p. 31) afirmam que “literatura é a arte da palavra” e, sendo esta última o instrumento de comunicação das sociedades, “cumpre também o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade” (idem). Podemos, ainda, afirmar que “a literatura (...) é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista<sup>5</sup> e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade” (NICOLA et al, 2002, p. 291).

É, então, a literatura, a transcrição quase radiográfica de épocas vividas por uma sociedade, pois mesmo sendo obra da imaginação do escritor, sua ambientação reflete determinado período, por vezes o vivido por aquele que escreve. Mas, em se tratando de narrativas das quais as origens se perdem no tempo e na história, sendo impregnadas pela superstição, como as lendas, e das quais se desconhece o autor, caracterizamo-la como parte do folclore, ou como mitos, segundo a idéia que expressam.

Além das características que diferenciam mito e lenda, existem outras, capazes de dividir a literatura. É pertinente, portanto, verificar as características que conceituam certos tipos de escritos, a partir dos quais compreenderemos de maneira mais clara as histórias estudadas.

### 1.2.1 Ficção e Verossimilhança

A obra de ficção é uma recriação, mostrando como fatos poderiam ser, e não realmente o que são. Ela diferencia-se da obra histórica porque não se mantém fiel aos acontecimentos.

A narrativa verossímil é a que mais se assemelha com a realidade, “se o evento parecer verdadeiro ou provável, a narrativa será verossímil” (idem, p. 288). Logo, a narrativa que não se assemelha à realidade é inverossímil, ou inacreditável.

---

<sup>5</sup> Entendamos como artista aquele que escreve a obra literária, o autor, pois a literatura é, também, uma forma de arte.

Portanto, as narrativas maravilhosas ou fantásticas têm o caráter inverossímil, muito embora vários povos ainda conservem determinadas crenças que coincidam com elementos que, para efeitos literários, são meras obras da imaginação.

### 1.2.2 As formas e o gênero literário

Quanto à forma, as obras literárias podem apresentar-se em verso ou prosa. Para LARROUSSE (2001, p. 1024), o primeiro significa “cada uma das linhas de um poema, (...) qualquer composição poética”, levando-nos a concluir que as obras escritas em verso possuem, essencialmente, característica poética. E XIMENES (2001, p. 763) conceitua prosa como “o modo natural de falar (por oposição a verso)”. Concluimos, portanto, que a forma literária em prosa não se atém ao caráter poético, mas à narração em si, ainda que impregnada pela poesia.

De acordo com SARMENTO E TUFANO (2004, pp. 15-20), quanto ao conteúdo, podemos afirmar que as obras literárias são agrupadas em três gêneros:

- a) Lírico: não apresenta ações encadeadas no tempo, ou mesmo uma história, mas “nele predomina a expressão do eu. (...) que fala no texto e projeta (...) seus sentimentos, desejos e emoções” (idem, p. 17). Pode apresentar-se em prosa ou verso;
- b) Dramático: por essência é o gênero utilizado no teatro, pois os atores tomam a palavra e interpretam personagens, fazendo a evolução da história. Dentre o gênero dramático, podemos citar a tragédia, cujas ações despertam terror ou piedade; a comédia, que objetiva criticar a sociedade através do ridículo, provocando o riso, o qual busca a reflexão da platéia; a farsa, que é breve, com poucas personagens e busca o riso de situações cotidianas, de forma caricaturizada ou exagerada; o auto, geralmente breve, de conteúdo simbólico e cujo caráter é moral; e o drama que, através da seriedade ou solenidade, opõe-se à comédia;
- c) Narrativo: o narrador apresenta fatos ligados no tempo e o espaço pela movimentação das personagens, onde o enredo é formado pelo encadeamento dos fatos. Há, ainda, os gêneros narrativos, os quais serão contemplados a seguir.

### 1.2.2.1 O gênero narrativo

Este pode ser dividido, de acordo com NICOLA et al (2002, pp.304 e 305), em:

- a) Romance: narra um fato imaginário, mas verossímil, representando a vida familiar ou social de uma época. Podemos citar como exemplo os romances históricos ou de cavalaria;
- b) Novela: apresenta um corte menos amplo que o romance, retratando a passagem do tempo de forma mais rápida. A novela valoriza principalmente um evento, ou a postura diferente do narrador;
- c) Fábula: possui caráter didático, objetivando transmitir uma lição de moral. Normalmente apresenta animais como personagens. Quando apresenta personagens inanimados, como os objetos, é chamada de **apólogo**;
- d) Crônica: relatos de viagens, ou mesmo de fatos históricos segundo sua ordem cronológica, como as crônicas de Fernão de Magalhães. De caráter contemporâneo, relata acontecimentos cotidianos. A palavra deriva do radical grego *cronos*, que significa tempo;
- e) Conto: narrativa mais breve que a novela, centra-se em determinado episódio da vida, como um flagrante, um momento singular e representativo.

Todas essas narrativas apresentam-se em prosa.

Para SARMENTO e TUFANO, a epopéia “é uma longa narrativa em verso acerca de um assunto grandioso e na qual sobressaem personagens heróicas, quase sempre representantes de uma coletividade” (2004, p. 16), como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. A enciclopédia Universal Multimédia (sic) On-Line<sup>6</sup> corrobora com a definição de que epopéia é um “Poema narrativo ou ciclo de poemas cujo tema é um grande feito — frequentemente a fundação de uma nação ou a construção da unidade nacional — apresentando muitas vezes linhas temáticas religiosas e cosmológicas”, citando como exemplos a *Ilíada* e a *Odisséia*, atribuídas a Homero.

### 1.2.3 Elementos literários

Como importantes elementos literários, podemos citar os componentes indispensáveis de uma narrativa. Esses formam o verdadeiro tecido da trama, deles dependendo a compreensão da história, pois prestam informações.

<sup>6</sup> Disponível em <[http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=6\\_61](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=6_61)> Acesso em 21.04.2006.

Alguns elementos estão presentes em todas as narrativas. Não importa a qual gênero pertença, todas terão enredo e personagens. Podemos afirmar que<sup>7</sup>,

Basicamente narrar é contar uma história, e para tanto teremos personagens, cenários, conflitos, cenas. O estudo da narrativa e destes elementos é chamado de narratologia (...). Roland Barthes, mestre no estudo da narrativa, afirma que "a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, começa com a própria história da humanidade; é fruto do gênio do narrador ou possui em comum com outras narrativas uma estrutura acessível à análise.

Cabe salientar que o fato de confundir-se com a própria história da humanidade faz com que os elementos narrativos sejam velhos conhecidos, mesmo não tendo sido contemplado nesse estudo acadêmico.

### 1.2.3.1 Enredo

É a trama da narrativa, mostrando *o que acontece e por que*, configurando o conjunto de acontecimentos que ocorrem durante determinado tempo. Inicia com uma situação em que apresenta fatos, personagens, idéia de tempo e espaço. Essa situação desenrola-se para um *conflito*, também chamado de *complicação*. A sucessão de acontecimentos busca a resolução do conflito, configurando-se no *desenvolvimento* da narrativa. O ponto máximo do conflito é chamado de clímax, seguido do *desfecho* ou *situação final*, onde pode ou não ocorrer a resolução do conflito, normalmente apresentados nessa sequência.

Para BUENO, (1996, p. 245), enredo é o “desenvolvimento de uma peça, escrito literário ou motivo musical”, e podemos, ainda, tomar o verbo enredar, que significa “emaranhar, comprometer” para percebermos que o emaranhado de acontecimentos, o comprometimento das personagens é que determinam o enredo da narrativa. “No conto, o que mais deve atrair é o enredo, pois o fundo sobreleva-se de certo modo à forma e justifica, basicamente, a arte do contador de histórias (*hakawati*), quer na transmissão oral, quer na escrita<sup>8</sup>”, onde cada um destes elementos e o envolvimento, o comprometimento que apresentam entre si são indispensáveis para tornar a narrativa atraente para quem lê, ouve ou assiste.

<sup>7</sup> Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Narra%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em 17.04.2006.

<sup>8</sup> Disponível em <[http://www.hottopos.com/collatio/literatura\\_e\\_educacao.htm](http://www.hottopos.com/collatio/literatura_e_educacao.htm)> acesso em 17.04.2006

### 1.2.3.2 Espaço

O espaço é o lugar onde ocorre a história, caracterizando o espaço físico em que as personagens interagem e as ações se desenvolvem. As atitudes das personagens estão intimamente ligadas aos lugares onde acontece o fato narrado, influenciando ações e sentimentos, os quais diferem pelo espaço – se aberto, como no campo; ou fechado, como numa casa. Espaço e tempo emprestam características importantes, pois interferem até mesmo em artefatos utilizados pelas personagens, ou mesmo na indumentária: as roupas usadas devem condizer com a época que se desenvolve a narrativa<sup>9</sup>.

### 1.2.3.3 Tempo

O tempo representa o momento em que a história aconteceu, dependendo da habilidade do narrador para caracterizá-lo a contento. Pode apresentar-se de duas formas:

- a) Tempo cronológico – a ordem de acontecimentos contados é a natural dos fatos, sendo chamado de enredo linear;
- b) Tempo psicológico – não é medido pela sucessão de fatos, mas pela percepção que uma personagem tem do tempo. O enredo é não-linear, podendo apresentar lembranças das personagens, chamadas de *flashback*, ou adiantar fatos que acontecerão no futuro, chamados de *flashforward*<sup>10</sup>.

### 1.2.3.4 Personagens

As personagens são elementos vivos na narrativa, podendo ser uma pessoa, um animal, um boneco ou mesmo um objeto, no caso do apólogo. Estão ligados à imaginação do criador. Vemos que “Existem personagens tanto em obras ficcionais como não-ficcionais, assim como o termo se aplica não apenas à literatura, como também ao cinema, teatro, dança, história em quadrinhos, etc.<sup>11</sup>” Estes conceitos auxiliam na compreensão da necessidade da presença de personagens. Sem elas não há enredo, nem história.

---

<sup>9</sup> Disponível em <[http://www.hottopos.com/collatio/literatura\\_e\\_educacao.htm](http://www.hottopos.com/collatio/literatura_e_educacao.htm)> acesso em 17.04.2006

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Personagem>> Acesso em 17.04.2006.

São os agentes, ou atores da história narrada. Em algumas narrativas, seres inanimados ganham características humanas, como nos contos fantásticos. Essas personagens praticam ações próprias de seres humanos, mostrando, inclusive, sentimentos. As personagens podem apresentar características físicas e psicológicas, as quais fazem parte de sua composição.

Para RODELLA et all (2005, p.240), “num texto, um personagem é construído com palavras. Para conhecê-lo, precisamos ler as descrições que o narrador faz, prestar atenção ao seu comportamento e às suas ações na narrativa”. As personagens têm, então, diferentes papéis nas histórias:

- a) Protagonista – personagem principal, podendo ser herói<sup>12</sup> ou anti-herói<sup>13</sup>;
- b) Antagonista – é o vilão. Aquele que se opõe ao herói, atrapalhando suas ações;
- c) Personagens secundários - têm participação menor, mas também são importantes no desenvolvimento dos fatos.

### 1.3 FOLCLORE

A origem da palavra folclore vem de dois antigos vocábulos saxônicos: “*folk*, em inglês, significa *povo*. E *lore*, conhecimento. Assim, folk + lore (folklore) quer dizer *conhecimento popular*”<sup>14</sup>. Foi usada pela primeira vez por William John Thomas, pesquisador da cultura européia que publicou, em 22 de agosto de 1846, um artigo intitulado Folk-lore. Não por acaso, 22 de agosto é o dia do folclore.

Ora, se a palavra tem esse significado, pode-se afirmar que o folclore confunde-se com a cultura, pois essa, para XIMENES (2001, p.272), é o “conjunto de experiências e realizações humanas (costumes, crenças, instituições, produções artísticas e intelectuais) que caracterizam uma sociedade”, e esses, pode-se dizer, caracterizam *conhecimento*. O mesmo autor (idem, p. 444) define *folclore* como “conjunto de tradições, conhecimentos e crenças de um povo, expressas em seus usos, lendas, canções, provérbios, etc.” Logo, podemos usar como definição para o folclore *cultura popular*, visto que ambas as definições de XIMENES são bastante semelhantes.

A preservação do folclórico, então, necessita da comunicação para que se perpetue, sob pena de cair no esquecimento. A cultura dos povos transmitiu-se ao longo dos séculos principalmente de maneira oral, visto que a massificação da alfabetização é um fenômeno

<sup>12</sup> Possui características especiais, como superpoderes, grande força, inteligência ou sensibilidade.

<sup>13</sup> Pessoa comum ou atrapalhada, mas que está na posição de herói.

<sup>14</sup> Disponível em <<http://educaterra.terra.com.br/almanaque/datas/folclore.htm>> Acesso em 11.04.2006



relativamente recente. E se as crenças fazem parte do folclore, da cultura de um povo, podemos inserir entre elas os mitos e as lendas, nos quais o povo crê, mesmo não havendo comprovação científica e, muitas vezes, contradizendo a própria razão. Afirma João Alfredo de Freitas, na *Antologia do folclore brasileiro*, organizada por Câmara Cascudo (1965, pp. 52,53) que

Quem estudar a natureza humana verá, necessariamente, que quanto menor é o grau de adiantamento de povo tanto maior é o poder impressionista e ilusório que o domina. (...) A ilusão exerce um poderio tão enérgico sobre a imaginação do homem inculto, que o faz conceber um terror invencível por certos fatos que o impressionam. (...) A impressão, como a ilusão, influi diretamente sobre o poder imaginativo, e daí as concepções obstinadas que abatem o espírito humano, e daí a constante transfiguração dos fatos. (...) o espírito humano é muito suscetível à impressões que, nele calando, se tornam firmes, imbatíveis como inscrições nas campas.

Pode-se, a partir das afirmações de João Alfredo de Freitas encontrar fonte para explicar muitas das superstições existentes no folclore, na cultura popular. Os contos não têm fundamento científico e, quando históricos, procuram explicar, com a pouca ciência do homem antigo, fatos que não podem ser entendidos. Dessa forma surgem os mitos e as lendas, os quais fazem parte da cultura de todos os povos.

### 1.3.1 Mito e lenda, qual a diferença?

Marilena Chauí, em sua obra *Filosofia* (2001, p. 23), afirma que “mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, (...) do bem e do mal, (...) das guerras, do poder”. A palavra mito tem origem grega, derivando dos verbos *mytheyo*, que significa contar, narrar, e *mytheo*, significando nomear, designar. O mito, para os gregos, é um discurso aceito pelos ouvintes como verdadeiro, pois o narrador é alguém público, digno de confiança. Confiança essa que vem do fato de o narrador ter testemunhado a narrativa, ou de tê-la recebido de quem testemunhou. A exemplo de narrativa mítica, temos a origem do amor, no nascimento do deus Eros<sup>15</sup>.

Para definir lenda, recorreremos, mais uma vez, ao léxico. FERREIRA (2001, p. 453) afirma que a lenda faz parte da tradição popular, sendo “narração de caráter maravilhoso, em que os fatos históricos são deformados pela imaginação do povo ou poeta, (...) ficção, fábula”, e LUFT (2001, p.420) complementa com “história fabulosa ou mentirosa, (...) mentira”.

<sup>15</sup> Também conhecido como cupido, nasceu da relação sexual entre a deusa Penúria, sempre miserável e faminta, com o deus Poros, sempre astuto e engenhoso, onde, ao final de uma festa para a qual não foi convidada, ela come os restos da ceia e dorme com o deus.

Podemos afirmar, portanto, que algumas características do mito e da lenda se confundem, sendo ambas narrativas, porém, o primeiro procura explicar algo para o qual o homem não encontrava, na época de seu surgimento, conceitos que trouxessem entendimento; a segunda, que para compreendê-la buscamos a já citada idéia de João Alfredo de Freitas, em que este atribui ao pouco conhecimento científico do povo a distorção de fatos, a grande influência das superstições e, conclui-se, ao surgimento das lendas. Elas, talvez, não busquem a explicação do surgimento de algo, mas procurem contar o que foi ouvido ou visto, sendo influenciado pela mente fantasiosa ou pelo medo.

Essas narrativas encontram-se impregnadas de elementos que as distinguem entre si. Através de tais elementos, atribui-se o caráter maravilhoso ou fantástico.

### 1.3.1.2 A narrativa maravilhosa

A narrativa maravilhosa pertence a um mundo além da imaginação, onde “**dominam as leis do sobrenatural**<sup>16</sup>, não existem distâncias e os personagens podem deslocar-se com grande facilidade da terra para o céu e deste para o mar” (MACHADO, 1994, p. 42). Com esse conceito, a autora mostra que tempo, espaço e distância são elementos extremamente flexíveis. Nas narrativas dos irmãos Grimm, por exemplo, o clássico início *Era uma vez*, ou, *num reino muito distante* destacam que a localização geográfica e temporal são elementos pouco marcados, ficando ao cargo do leitor/ouvinte imaginar o local onde os acontecimentos narrados passaram. Estas histórias já foram adaptadas um sem número de vezes, por uma quantidade semelhante de escritores, mas essas características e alguns elementos permanecem inalterados. Devemos, entretanto, levar em conta o fato de que, a medida do tempo como a conhecemos e vivenciamos, é algo relativamente novo. Até pouco mais de um século, o relógio mais utilizado era a luz do sol.

Nesse ambiente onde predominam as leis do sobrenatural, os elementos que caracterizam o maravilhoso são os seres que pertencem a esse mundo: bruxas, dragões, fadas, anões, magos, gênios, gnomos, duendes e outros seres, todos com poderes mágicos ou sobrenaturais. O encantamento, a bruxaria, o embate do bem contra o mal serão sempre elementos característicos da narrativa maravilhosa.

---

<sup>16</sup> Grifo do autor

### 1.3.1.3 A narrativa fantástica

Diferentemente da narrativa maravilhosa, os elementos do fantástico caracterizam-se pelo que “existe apenas na fantasia; imaginário, (...) extraordinário, incrível, fabuloso, (...) *que só existe na imaginação*” (LUFT, 2001, p.320). *Não estão presentes, portanto, os seres elencados acima, ou mesmo os elementos mágicos do maravilhoso, embora o tempo e o espaço constituam-se com a mesma flexibilidade.*

Atualmente podemos ver, nos desenhos animados de William Hanna e Joseph Barbera, personagens como o Pica-pau que, sem qualquer instrumento mágico, consegue desvencilhar-se de inúmeros problemas, como o fato de estar preso em um barril e serrá-lo de dentro para fora sem que apresentasse, previamente, qualquer lugar por onde fosse possível começar a serrar, ou sequer a posse do serrote, já que esse aparece como mágica. Essas características dão-se apenas no âmbito fantástico, conforme o parágrafo acima.

Não se pode deixar de observar, entretanto, que há certa permeabilidade de sentidos, no que se refere ao fantástico e ao que é maravilhoso. Em comentário na contracapa da edição de 2005 de *Crônicas de Nárnia*, Lloyd Alexander afirma que “nos nossos tempos, todo o reino da fantasia deve ser avaliado em comparação com Nárnia”. Podemos perceber, então, que o termo *fantástico* está ligado à fantasia, ou seja, à imaginação. A editora *Videotexto*<sup>17</sup>, por sua vez, disponibiliza para os internautas uma análise bastante interessante acerca da confusão entre esses termos e, citando renomados escritores, afirma que,

...embora se costume incluir os mitos, as lendas e fábulas como modalidades da literatura fantástica, as análises mais acuradas sobre o assunto estabelecem uma distinção entre o especificamente fantástico e o âmbito mais geral do maravilhoso que recobre aqueles gêneros citados.

Podemos, então, a despeito de certa confusão existente entre o que é fantástico e o que é maravilhoso, concordar com as opiniões do mesmo texto, as quais afirmam que elementos como a atmosfera do caos e a impossibilidade de explicar fatos com as leis da natureza e da ciência conhecidas pelos homens deixa o leitor/ouvinte intrigado pelo mistério sobrenatural presentes nesses contos, exercendo fascínio. Justamente pelo clima, por esses elementos, a cultura folclórica mostra-se com tanta importância, sendo fascinante e, infelizmente, pouco explorada em se tratando do país em que vivemos.

<sup>17</sup> Disponível em <[http://www.videotexto.tv/fantastica\\_literatura\\_cinema.html](http://www.videotexto.tv/fantastica_literatura_cinema.html)> acesso em 21.04.2006

## 1.4 O DISCURSO

Partindo da maneira como a narrativa é contada, podemos caracterizá-la segundo os tipos de discurso:

- a) Discurso direto – é contado a partir das falas das personagens, que são marcadas por indicativos destas falas, como o travessão. O narrador conta os acontecimentos, que são intercalados pelas falas das personagens;
- b) Discurso indireto – o narrador reconta os acontecimentos com suas palavras, sem ceder a voz ao personagem. Essa modalidade de discurso determina mudanças nos tempos verbais e a citação das falas das personagens, geralmente, é iniciada com o pronome relativo *que*;
- c) Discurso indireto livre – Essa possibilidade pode ser considerada quanto à sua estrutura idêntica ao discurso indireto, com a omissão, porém, do verbo de elocução.<sup>18</sup>

### 1.4.1 Intertextualidade

É importante, ainda, salientar a intertextualidade devida à pertinência desta no que se refere ao objeto de estudo deste trabalho. Em princípio, no estudo da cultura e por questões históricas, percebemos que muitas das lendas e mitos que encontramos em nossa cultura são heranças de nossos colonizadores. Entretanto, novos elementos foram acrescentados, visto que os primeiros habitantes das terras colonizadas também tinham suas lendas e mitos.

A intertextualidade pode ocorrer quando o narrador utiliza outro texto conhecido como ponto de partida. É uma conversa entre textos. Muitas vezes, o entendimento do significado de um texto pressupõe o conhecimento de outro, mas a intertextualidade pode apresentar-se em níveis diferentes. O narrador pode lançar mão de recursos diversos, como as epígrafes, citações, paráfrases, ou mesmo paródias. Ainda, em outros níveis, “trazem, como referência, elementos capturados uns dos outros ou resgatados de uma tradição do passado” (RODELLA et all, 2005, p. 42), perpetuando a cultura, como no caso das personagens ou narrativas folclóricas recontadas ou mesmo romanceadas, objeto principal deste estudo.

---

<sup>18</sup> Disponível em

<http://www.profabeatriz.hpg.ig.com.br/gramatica/discurso.htm#DISCURSO%20INDIRETO%20LIVRE> – Acesso em 01.12.2006.

### 1.4.2 Dialogia e polifonia: vozes, faces e interfaces textuais

No âmbito das reflexões teóricas, faz-se significativa a leitura das narrativas como aporte para o olhar que se lança sobre elas. Para tanto, evidenciam-se as apreensões do pensador russo M. M. Bakhtin, em especial a dialogia e a polifonia.

O pensador comenta a possibilidade de diálogos, onde uma obra está sempre aberta à interação, sem nunca ser acabada. É a partir desse momento que o indivíduo opta por valores-referência construindo seu eu a partir do “nós” por meio de interações entre interlocutores (Bakhtin, 1986).

Entretanto, as idéias de Bakhtin não se resumem à dialogia. É preciso refletir acerca desse conceito. Segundo Todorov (apud CUNHA 1997, p. 71-96), a respeito da dialogia, afirma que:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo, interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Toda comunicação verbal, toda interação verbal se realiza em forma de uma troca de enunciados (grifos do autor), em forma de diálogo. Duas obras verbais, dois enunciados justapostos um ao outro, entram numa espécie particular de relações semânticas que chamamos dialógicas. As relações dialógicas são relações (semânticas) entre todos os enunciados no seio da comunicação verbal.

Então, podemos concluir que a própria vida é permeada por vários diálogos que se tocam promovendo novas interpretações, novas visões de um mesmo assunto, pois os valores-referência do indivíduo implicarão em suas idéias e conceitos. Assim,

O enunciado nunca é simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse, fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo que, antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado com um valor. [...] qualquer coisa se cria sempre a partir de uma coisa que é dada [...]. O dado se transfigura no criado (BAKHTIN, 1992, p. 348).

O conceito de obra, então, não pode ser de ordem hermética, mas como o eco de várias vozes e, segundo Bakhtin seria a polifonia que ainda pode incorporar muitas outras.

Segundo Ingo Voese, Bakhtin “privilegia duas noções fundamentais para o estudo do discurso: a de dialogia e polifonia. Os conceitos falam da multiplicidade de vozes presentes no discurso e das relações que entre elas se estabelecem obrigatoriamente [...], cada voz corresponde a um universo polifônico de vozes sociais” (VOESE, 2005, p. 358/ 360).

Voese ressalta que

A dimensão dialógica e o caráter polifônico do discurso que se efetivam na interação permitem entender que, como resultado da diversidade, o produto da atividade humana pode ter diferentes finalidades, ou seja, as coisas produzidas pelo homem podem estar comprometidas com diferentes valores e ocupar diferentes lugares nas hierarquizações (2005, p. 385).

Os processos dialógicos e polifônicos são formados por um conteúdo de conhecimento sobre o mundo e as relações humanas.

Então, a partir da apreensão desse olhar que são desenvolvidas e anunciadas as narrativas nessa pesquisa.

Podemos falar, também, sobre os diversos contos que dialogam entre si, de várias origens, perpetuando-se através do tempo e espaço como um exemplo intertextual.

### 1.4.3 Cotejo

Como visto anteriormente, o pensamento de Bakhtin não se resume à dialogia e à polifonia. Através do cotejo podemos analisar o conceito de obra, que não pode ser hermética, mas como o eco de várias vozes que ainda podem incorporar muitas outras, pois

Não existe nem a primeira nem a última palavra, e não existem fronteiras para um contexto dialógico. (...) Em qualquer momento do diálogo existem as massas enormes e ilimitadas de sentidos esquecidos que serão recordados e reviverão em um contexto e num aspecto novo” (Bakhtin, 1985).

Logo, essas fronteiras perpassam o que vem a ser o entendimento, pois "A compreensão é o cotejo de um texto com os outros textos", como nos diz Bakhtin. (...) O texto só vive em contato com outro texto (contexto)" (1992, p. 404).

Então, dialogia, polifonia e cotejo são conceitos intrínsecos, pois dizem respeito aos aspectos do que se deseja comunicar, ou perpetuar, visto serem relevantes ao que dispomos nesse trabalho.

Podemos afirmar, então, que o cotejo toma emprestadas características, aspectos e informações que promovem a compreensão entre os textos, privilegiando os pontos em que se tocam.

*“A Natureza não conhece a extinção; tudo o que conhece é transformação.”*

Thomas Pynchon  
Gravity's Rainbow

## 2 GRANDES FOLCLORISTAS BRASILEIROS

O Brasil tem grandes folcloristas que pesquisaram sobre a cultura popular de suas regiões. Na obra *Antologia do Folclore Brasileiro*<sup>19</sup> figura nomes de vários estados, como Ermano de Stradelli, italiano que versa sobre as entidades indígenas; João Alfredo de Freitas, que narra as “legendas e superstições do Norte do Brasil” (p.53); Simões Lopes Neto, gaúcho, com o Negrinho do Pastoreio (p.86), entre tantos outros. Mas falta a menção do Estado de Santa Catarina nessa obra, o qual será estudado posteriormente através do trabalho do não menos importante Franklin Cascaes.

Em outra obra de Câmara Cascudo, *Lendas Brasileiras*, são contempladas as regiões, da seguinte forma, com seus respectivos contos:

- I. Norte: A lenda da Iara; Cobra Norato; Sapucaia-oróca; Barba-Ruiva;
- II. Nordeste: A cidade encantada de Jaricoacoara; Carro caído (sic); Senhor do corpo santo; Mangas Jasmim de Itamaracá; Morte de Zumbi;
- III. Este: O frade e a freira; A serpente emplumada da Lapa; O sonho de Paraguassu;
- IV. Centro: Tatús brancos; A missa dos mortos; Chico Rei; Romãozinho;
- V. Sul: Negrinho do Pastoreio; A lenda da gralha azul; Fonte dos Amores; A Virgem Aparecida; A lenda de Itararé.

Mesmo com um capítulo dedicado ao Sul, inclui-se aí, de Santa Catarina, a lenda da gralha azul, a qual pertence à região serrana. De acordo com o próprio autor, as 21 lendas que compõem a obra “figuram como os documentos mais importantes do folclore e da poesia do Brasil<sup>20</sup>”.

### 2.1 LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Folclorista, historiador, antropólogo, jornalista e advogado, Câmara Cascudo dedicou a vida ao estudo da cultura. Foi professor pela Universidade do Rio Grande do Norte, cujo instituto de antropologia leva seu nome. Foi um incansável pesquisador das manifestações culturais de nosso país, deixando extensa obra, que consta do anexo B deste trabalho.

<sup>19</sup> Obra que conta com nomes de vários autores de diversos estados e até mesmo estrangeiros que estudaram a cultura brasileira, organizadas Luís da Câmara Cascudo.

<sup>20</sup> Memória viva de Câmara Cascudo. Disponível em <<http://www.Memória Viva de Câmara Cascudo1.htm>> Acesso em 06.04.2006.



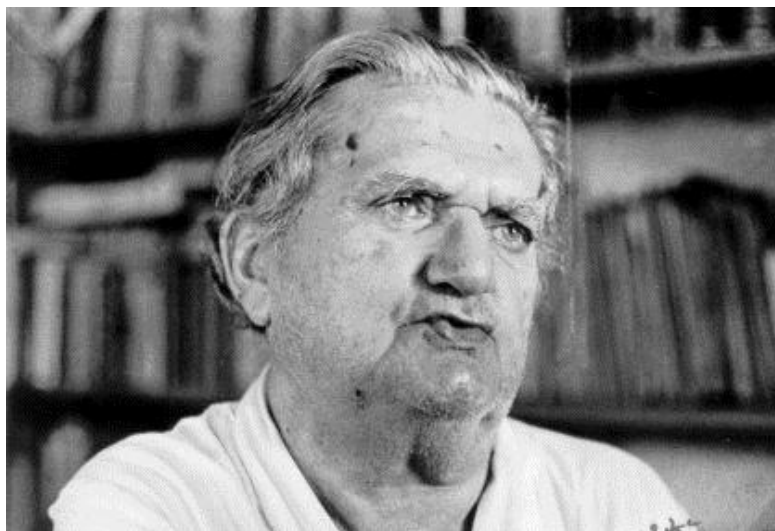


Figura 1 – Luís da Câmara Cascudo pela lente de Carlos Lyra.

A página eletrônica da Revista *Ciência Hoje*<sup>21</sup> das Crianças traz uma pequena biografia de Luís da Câmara Cascudo, onde se pode ver a homenagem póstuma que recebeu ao ter seu rosto na nota de cinquenta mil cruzeiros. A pequena reportagem sobre o folclorista que sempre quis ser chamado de professor traz dados curiosos, como o fato de ter sido filho único, de família rica e de serem seus padrinhos de batismo o governador e a primeira dama da província. Nascido em Natal, capital do Rio Grande do Norte em 30 de dezembro de 1898, Câmara Cascudo formou-se em Direito pela Universidade de Recife em 1928. Trabalhou como jornalista, tendo iniciado sua carreira no jornal *A Imprensa*, de propriedade de seu pai, o coronel Francisco Cascudo. Posteriormente, colaborou em todos os jornais de Natal.

O autor ainda viajou à Europa, à África e ao Uruguai. Casou-se com Dahlia Freire Cascudo, com quem teve dois filhos, Fernando Luís e Ana Maria.

Entre outras distinções, foi Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval, Comendador da Ordem do Mérito Militar (Brasil), Ordem do Mérito Militar de Cristo (Portugal), Ordem do Cisneiros (Espanha), Ordem de São Gregório (Santa Fé), Ordem da Coroa (Itália), além de várias Ordens particulares e honoríficas. Faleceu na cidade em que sempre morou, no lugar em que nasceu a 30 de julho de 1986.

Escreveu sobre vários assuntos, mas destaca-se de seu trabalho uma obra composta por mais de cento e cinquenta livros, sua especialização no folclore e sua predileção pela história, geografia e biografia.

De humor singular, suas frases são conhecidas por mostrar não só seu conhecimento, mas seu temperamento ímpar.

Faço questão de ser tratado por esse vocábulo que tanto amei: professor. Os jornais, na melhor ou na pior das intenções, me chamam folclorista. Folclorista é a puta que

<sup>21</sup> Disponível em <<http://ich.unito.com.br/view/2926>> Acesso em 21.04.2006.

os pariu. Eu sou um professor. Até hoje minha casa é cheia de rapazes me perguntando, me consultando.<sup>22</sup>

Câmara Cascudo tem sido homenageado de várias formas, não apenas com sua imagem numa nota durante os anos noventa, já fora de circulação. Seu nome está ligado à instituições voltadas à cultura, nada menos que merecido, visto que sua obra procurou não apenas preservar, como também divulgar a cultura de nosso país, sempre pautado pelo conhecimento e busca científicos.

Podemos ver, nas páginas seguintes, imagens de algumas dessas instituições e, ainda, a homenagem recebida no início da década de 90, quando figurou numa das notas de maior valor da moeda brasileira.



Local onde se encontram objetos pessoais de Cascudo e pode consultar os livros da biblioteca pessoal do mestre.

Figura 2 – Memorial Câmara Cascudo.

Museu mantido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Figura 3 – Museu Câmara Cascudo.

<sup>22</sup> Memória Viva de Câmara Cascudo. Disponível em <<http://www.memoriaviva.digi.com.br/cascudo/index2.htm>> Acesso em 21.04.2006.



Figura 4 – Câmara Cascudo na nota de cinquenta mil cruzeiros lançada no início dos anos 90 e já recolhida pelo Tesouro Nacional.

## 2.2 FRANKLIN JOAQUIM CASCAES



Figura 5 – Franklin Cascaes.

Historiador, pesquisador, ecólogo, artista plástico e folclorista, Franklin Joaquim Cascaes dedicou parte de sua vida ao registro das tradições, usos e costumes do povo ilhéu. Nasceu em 16 de outubro de 1908 no município de São José, na então Itaguaçu. Embora tenha entrado pela primeira vez numa escola com mais de 20 anos, pois “Seu pai achava que estudar era “algo delicado demais e que o homem de verdade tinha que trabalhar na roça”<sup>23</sup>, Cascaes tornou-se professor no mesmo lugar onde iniciou seus estudos, a antiga Escola Industrial, após superar a resistência do pai.

De família numerosa, seu Francolino, como os pescadores o chamavam, cresceu ouvindo histórias fantásticas: fosse dos escravos ou dos trabalhadores de seus avós, foi ouvindo histórias e gostando. Na década de 40, realizou um trabalho quase solitário de “recolher as histórias, rabiscar a mitologia, desenhar as formas, moldar as figuras, mostrando do-

<sup>23</sup> Disponível em <http://www.pmf.sc.gov.br/franklincascaes/index.php?link=institucional&sublink=sobre> Acesso em 07.04.06 - fundação Franklin cascaes

mínio de várias artes. Só não foi condenado ao insucesso pela persistência teimosa de que sentia que lidava com o seu próprio passado e com uma tradição que amava<sup>24</sup>”.

Foi um verdadeiro artista que expressou a cultura do ilhéu, predominantemente açoriana em diversas formas: ilustrou seus escritos, rabiscou suas formas como eram descritas pelos contadores, esculpiu e, ainda, colecionou diversos objetos. Viveu no sentido contrário aos ventos de seu tempo: quando todos buscavam a novidade, Franklin Cascaes garantiu que a cultura de sua terra não caísse no esquecimento. Sua primeira obra artística e cultural foi apresentada em 1931, sempre enfatizando o folclore açoriano.

Felizmente, o trabalho do artista é reconhecido, sendo mantida pela Prefeitura de Florianópolis a Fundação Franklin Cascaes, que busca incentivar a cultura e preservar a memória folclórica catarinense, entre seus objetivos.



Figura 6 – À esquerda, Franklin Cascaes; à direita, ilustração do artista sobre *O Fantástico*.

### 2.3 BREVE OLHAR SOBRE OBRAS DE CÂMARA CASCUDO E FRANKLIN CASCAES

Seria demasiado pretensioso analisar as obras destes dois folcloristas nesse trabalho, dadas a importância, extensão e valor de ambas. Uma análise, por mais simplista que fosse, necessitaria enorme tempo a empenhar, o que inviabilizaria a conclusão desse estudo em função dos prazos a serem cumpridos. A extensa lista das obras disponível na página eletrônica Memória viva de Câmara Cascudo, que compreende o A, vem corroborar a justificativa acima.

A obra de Franklin Cascaes não se limita apenas às publicações: sua coleção de objetos, ilustrações criadas por ele, a própria Fundação Franklin Cascaes seriam material suficiente para uma análise profunda, mas que acarretaria em informações que fugiriam do tema desse estudo, oferecendo, inclusive, suficiente material para nova pesquisa.

<sup>24</sup> Idem.

Optamos, então, por lançar um breve olhar sobre as obras, percorrendo apenas no que é pertinente ao objeto dessa monografia.

### 2.3.1 A obra do Mestre do Folclore

Luís da Câmara Cascudo é considerado o mais fiel historiador da cidade de Natal. A obra do mestre, entretanto, não se limita a essa cidade, mas é fundamental para estudos etnográficos e antropológicos no Brasil. Sua particular dedicação foi ao folclore, disciplina da qual afirmava dever ser estudada em todas as manifestações tradicionais na vida coletiva.

Sua obra foi levantada criticamente por Zila Mamede em *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual: 1918-1968*, publicada em 1970<sup>25</sup>.

Segundo Cláudio Costa, em edição eletrônica do Jornal da USP, “Câmara Cascudo não gostava de ser chamado de folclorista, mas de professor. Um professor que escreveu sobre muitas áreas do saber, tendo como foco principal a cultura popular brasileira<sup>26</sup>”. Era um professor da literatura oral. Cascudo escreveu sobre vários gêneros, entre ensaios, poesias, romances, reportagens e passou por diversos temas, como história, geografia, política e religião, mas partiu da cultura popular brasileira para os outros temas.

Foi a partir da temática regional popular que abordou questões mitológicas dos diversos povos da Europa. Embora o autor não parecesse tencionar registrar os elementos folclóricos como o fez para preservá-los, mas para difundir-los, sua preocupação com a oralidade vem das histórias que ouviu do pai e mostra-nos, em sua obra, a importância da memória oral.

Sua obra é um retrato do Brasil em suas entranhas, pois difunde os *causos*<sup>27</sup> contados entre amigos, entre a família; e mostra a mesa em *História da alimentação no Brasil*, mas foi o *Dicionário do Folclore Brasileiro (1956)* sua obra mais divulgada e conhecida, a qual pode ser considerada verdadeira síntese de seu trabalho, onde figuram o que ele mesmo afirmou serem suas curiosidades, o segredo e a alegria de sua preferência<sup>28</sup>.

Mas a obra de Câmara Cascudo é rara. De acordo com o Jornal da USP, um exemplar de *Fabulário do Brasil* só é encontrado no Real Gabinete Português de Literatura no

---

<sup>25</sup> Disponível em <<http://www.terrabrasileira.net/folclore/biografo/cascudo.html>> acesso em 22.06.2006.

<sup>26</sup> Disponível em <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp659/pag17.htm>> acesso em 22.06.2006.

<sup>27</sup> Corruptela de casos

<sup>28</sup> Disponível em <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp659/pag17.htm> acesso em 22.06.2006.

Rio de Janeiro. A colaboradora do autor, Laura Della Monica, relançou o *Dicionário do Folclore Brasileiro* em 2000, em edição revista, ilustrada e atualizada até a morte do autor, em 1987.

Entretanto, a raridade da obra do mestre pode ser encarada como um desafio, pois seu estudo implicaria na análise de precioso material não apenas para a produção de conhecimento, mas para a preservação da memória folclórica do país.

### **2.3.2 O Perpetuador do Folclore Ilhéu**

Franklin Cascaes realizou, durante toda sua vida, estudos sobre a cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina, contemplando os aspectos folclóricos, culturais, lendas e superstições. Sua obra começou a ser divulgada a partir de 1974.

Vivendo até a adolescência entre pescadores, o autor colecionou artigos produzidos pela gente simples da ilha durante toda a vida e, quando morreu, aos 75 anos, em 15 de março de 1983, deixou imenso acervo de obras e sendo tema constante de estudos em vários pontos do Brasil, além de imensa coleção de objetos.

Parte do que o próprio Cascaes produzia foi jogada fora durante a Segunda Guerra, pois a oficina de arte foi transformada em Oficina de Guerra, razão de grande tristeza para o artista. Mas foi persistente: seus presépios de folhas de piteira montados sob a lendária figueira da Praça XV iniciaram uma tradição que perdura até os dias atuais.

O nome da Fundação Franklin Cascaes, mantida pela prefeitura da capital, é uma homenagem mais que justa àquele que dedicou sua vida ao registro da tradição popular, dos usos e costumes do povo ilhéu. Seu trabalho garantiu que se perpetuasse essa cultura cada vez mais ameaçada pelo ostracismo.

*“Bailam corujas e pirilampos entre os sacis e as fadas.  
E lá no fundo azul na noite da floresta.  
A lua iluminou a dança, a roda, a festa.”*

Secos e Molhados  
O Vira

### 3 DIALOGOS E VOZES: ALGUMAS FIGURAS FOLCLÓRICAS BRASILEIRAS

São muitas as lendas brasileiras, mas entre as mais conhecidas estão algumas que aparecem no folclore de quase todas as regiões.



Figura 7 – Boto.

Algumas fazem parte do folclore regional, não aparecendo em outras regiões, como o boto, pertencente à mitologia da Amazônia e do Pará, onde o cetáceo transforma-se num lindo homem que seduz as mulheres e, no desconhecimento da paternidade das crianças, atribui-se à personagem folclórica.



Figura 8 – Caipora.



Como ele, a versão feminina para o caipora também aparece apenas na região Norte. O caipora ou curupira é o espírito das florestas, que protege a fauna e a flora contra a destruição promovida pelo homem. Em nossa região, o caipora ou curupira apresenta-se apenas no sexo masculino. Ambos, entretanto, possuem características idênticas: são da estatura de um menino, de cabelos de fogo e calcanhares virados para frente. Engana os caçadores e pode enlouquecer a quem encontrar-se com a (o) caipora ou curupira.

O Bicho Papão é uma figura fictícia em quase todas as sociedades, representando uma forma de amedrontar as crianças. Recebe muitas designações, como *O homem do saco*, ou *o monstro do armário*. “Já na altura das Cruzadas, os muçulmanos da Terra Santa personificavam o bicho papão no rei Ricardo, Coração de Leão, dizendo aos filhos: ‘*porta-te bem senão o melek-ric vem buscar-te*<sup>29</sup>’,”, o que mostra que a lenda foi trazida pelos europeus durante a colonização do Brasil. Conhecido em diversas partes do mundo, recebe um nome diferente em cada lugar. *Bogart* na Inglaterra, *Père Fouettard* na França, *Krampus* na Baviera e Áustria, *Ruprecht* ou *Knechtruprecht* em outras regiões da Alemanha.

Curiosamente, sua forma física parece nunca ser descrita e o uso do termo *homem do saco* seria só um homem comum que rouba criancinhas.



Figura 9 – Boitatá.

O boitatá, nome indígena que significa *Cobra de fogo* é um gênio que protege campinas e castiga quem atea fogo ao mato. Quase sempre é descrito como uma cobra gigantesca, com olhos enormes, mas também é descrito como um boi enorme e brilhante.

<sup>29</sup> Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pap%C3%A3o>> Avesso em 22.04.2006.



Figura 10 – Iara, a mãe d'água.

Iara, a mãe d'água, provavelmente uma aculturação europeia com raízes nas sereias, é uma figura mitológica difundida entre os indígenas e caboclos após o século XVII. Descrita como uma mulher muito bonita, ela atrai os pescadores ou quem quer que se aproxime do rio ou da praia à noite, levando a afogar-se na busca por diversão. Meio peixe e meio mulher, apresenta-se penteando os cabelos ou cantando, atrai quem a observa pelo efeito hipnótico de sua imagem ou canto, fazendo com que, na ânsia de alcançá-la, o observador mergulhe nas profundezas das águas, morrendo afogado. Em algumas comunidades, tem a reputação de protetora das águas e da pesca.



Figura 11 – A Gralha Azul.

Ave das regiões serranas, à gralha azul atribui-se a expansão das florestas de araucária, a qual, semeada pelo pássaro, estendeu-se por boa parte da região sul. O pássaro planta o pinhão depois de tirar-lhe a cabeça, pois ela apodrece o fruto, e planta-o com a parte mais fina para cima, facilitando a brotação.

A lenda da gralha azul conta sobre um caçador que, após matar uma destas aves, desmaia quando o estilhaço da pólvora volta para seu rosto e tem um sonho ou visão em que a gralha aparece, contando o que faz e fazendo-o pensar que, pela lei, o caçador é impedido de matar seu semelhante, mas a gralha azul, que cuida da propagação da floresta de pinheiros, é morta sem qualquer piedade.



Figura 12 – Saci Pererê.

Idealizado pelos indígenas, o Saci Pererê é uma espécie de duende guardião das florestas. Primeiramente, era um curumim<sup>30</sup> perneta, de cabelos avermelhados. O contato com os africanos lhe acrescentou a carapuça e o cachimbo e já era visto como o negro de uma perna só. Em algumas regiões, tem reputação de pequeno demônio que faz travessuras e gosta de enganar as pessoas. Na região de fronteira com o Paraguai, rouba crianças para deixá-las em locais de difícil acesso. Sincretizado como demônio, tem medo de rosários e imagens de santos. Aparece e desaparece num redemoinho de vento.

---

<sup>30</sup> Criança indígena.



Figura 13 – Negrinho do Pastoreio.

A lenda do Negrinho do Pastoreio fala de um escravo de uma fazenda do Rio Grande do Sul que, deixando fugir alguns cavalos de seu dono, foi açoitado no tronco até que se lhe abrissem feridas. Depois, foi amarrado em cima de um formigueiro para ser mordido, pois perdera os cavalos mais valiosos do dono da fazenda. O menino morre pelas picadas das formigas e, afilhado de Nossa Senhora, seu espírito volta trazendo os cavalos do fazendeiro. Até hoje é invocado para encontrar objetos perdidos.



Figura 14 – Mula-sem-cabeça.

A Lenda da Mula-sem-Cabeça conta que a mulher que namora padres é amaldiçoada, procurando, todas as noites de quinta para sexta-feira, uma encruzilhada para transformar-se em uma mula-sem-cabeça. Então, ela sai a percorrer sete povoados e, se encontrar alguém, chupa-lhe os olhos. É difícil de imaginar como a besta faz isso, pois não tem cabeça, mas há outra versão em que se apresenta como uma mula que solta fogo pelas ventas. Para quebrar o encanto, é preciso tirar os arreios da mula.

*“Impérios de um lobisomem  
Que fosse um homem  
De uma menina tão desgarrada  
Desamparada se apaixonou”*

Zé Ramalho  
Mistérios da Meia-noite

#### 4 VOZES E DIALOGOS DAS FACES DO LOBISOMEM



Figura 15 – LobisOMEM.

A lenda do lobisOMEM é européia e conta que, da mulher que tiver sete filhas, o sétimo, se for menino, virá com a maldição da lua cheia, quando ele se transforma num animal semelhante a um grande lobo, mas que caminha nas patas traseiras e corre como um cão, tendo o corpo peludo. Quando ataca uma vítima, caso essa não morra, passa a transformar-se, também, em lobisOMEM. Volta ao normal ao cantar do galo, com as roupas rasgadas, o corpo cansado e gosto de sangue na boca.



Figura 16 – LobisOMEM.

Existe, no folclore, o termo *licantropia*, que designa a maldição que recai sobre um homem quando ele se transforma em lobisOMEM, visto que a metamorfose não pode ser controlada. Porém, uma doença mental em que o paciente acredita que se transforma em animal é chamada de *licantropia clínica* para diferenciá-la da forma folclórica.

No Brasil, a lenda varia de acordo com a região e, certamente, chegou até nós através dos imigrantes europeus. Em algumas versões é idêntica à versão européia, em outras, acredita-se que a sucessão de filhos deve ser do mesmo sexo para que a maldição recaia sobre

o sétimo filho. Há a versão em que diz que casais com mais de seis filhos, o sétimo, se do sexo masculino, será lobisomem, se do sexo feminino, será bruxa. Outra diz que apenas o sétimo filho varão de um sétimo filho varão carrega a maldição. Quanto à transformação, também varia, sendo que umas dizem que a fera se transforma numa encruzilhada, outras que acontecem quando vê a lua cheia, e que deve procurar um cemitério antes do raiar do sol para voltar ao normal. Em algumas regiões, afirma-se que lobisomem tem preferência por atacar crianças não batizadas, daí a pressa dos pais pelo batismo.

Entre os contos compilados que compreendem o anexo B aparecem todas as versões acima numa variação geográfica bastante limitada: foram recolhidas entre moradores que vivem desde o bairro Congonhas em Tubarão, passando pelos residentes nas praias de Jaguaruna até os bairros Olho D'água e limites com o município de Sangão.

Em resumo, a lenda fala de uma voz social masculina que se transforma temporariamente em lobo, porém maior e mais forte que esse animal, ficando ávido por carne humana.

Ainda é pertinente analisar o aspecto biológico através da *hipertricose*, uma doença rara que ocasiona o aumento e crescimento desordenado dos pelos do corpo, que é bastante rara, mas pode ser associada aos testemunhos de pessoas que avistaram a fera na idade média.



Figura 17 – Homem com hipertricose.

Além desses aspectos, o lobisomem é figura recorrente em diversos contos folclóricos. Como lenda européia cercada de superstição, constitui-se como personagem de obras literárias. Sua figura aparece na obra de J. K. Rowling na saga de Harry Potter, mas não apresenta os aspectos comumente conhecidos: a figura do lobisomem personifica o mal no folclore e no conhecimento comum; entretanto, encarna a figura de um homem que luta pelo bem, mesmo marginalizado e sendo objeto do medo da maioria das pessoas.

A autora trouxe a figura do lobisomem com uma voz diferenciada: acredita-se que pertença ao mal, mas sua postura é a inversa, o que nos faz lembrar Bakhtin quando esse afirma que

Não existe nem a primeira nem a última palavra, e não existem fronteiras para um contexto dialógico. (...) Em qualquer momento do diálogo existem as massas enormes e ilimitadas de sentidos esquecidos que serão recordados e reviverão em um contexto e num aspecto novo” (Bakhtin, 1985).

A lenda européia que ganhou nova voz na obra de J.K. Rowling e que aparece em nossa região como forte aspecto folclórico pode dialogar com nossas lendas locais, ultrapassando fronteiras não apenas do diálogo, mas geográficas, revivendo novos aspectos e contextos no apêndice A desse trabalho.



*“Criei um Mundo Secundário que sua mente possa entrar. Dentro dele, tudo o que ele relatar é ‘verdade’, de acordo com as leis daquele mundo. Assim que acreditar, você estará nele, dentro dele.”*

J. R. R. Tolkien

## 5 J.K. ROWLING, J.R.R. TOLKIEN, C.S. LEWIS E O IMAGINÁRIO COM NOVA ROUPAGEM: DIALOGOS POSSIVEIS ENTRE VOZES DISTANTES

Os autores Joanne Kathleen Rowling e John Ronald Reuel Tolkien são britânicos e suas obras abordam o imaginário popular conhecido onde viviam. Clivert Staples Lewis, extremamente religioso como Tolkien, mostra, através das *Crônicas de Nárnia*, uma metáfora sobre Jesus. Embora católicos, os dois autores emprestaram uma nova roupagem ao imaginário inglês, apresentando valores essenciais para a formação do caráter das pessoas. Rowling, com a saga de Harry Potter, ilustra as dúvidas, medos e problemas de uma criança que, na medida em que os livros vêm sendo publicados, cresce e desenvolve-se junto com seus leitores.

A despeito de suas convicções religiosas, os autores não permitiram que elementos e figuras folclóricas de sua cultura se perdessem, mas trouxeram uma proposta de perpetuação desses elementos através de novas histórias.

O fenômeno Harry Potter, pela vendagem e sucesso, mostra a importância e o interesse que ainda existem por esses elementos. As facilidades tecnológicas só ajudaram a obra, pois os jogos eletrônicos podem facilmente simular o vôo de uma vassoura, de modo que até qualquer criança consegue jogar quadribol<sup>31</sup>.

Podemos falar da criatividade dos autores com base nas teorias bakhtinianas: eles discorrem por temas que dialogam entre si, trazem elementos pré-existentes de sua cultura e ainda permeiam as obras uns dos outros. Nesse contexto, podemos afirmar que essas obras são polifônicas e dialógicas.

Lewis e Tolkien eram contemporâneos e amigos. Seus temas versam, de certa forma, sobre a religiosidade e a fé, sobre o bem e o mal, tão presentes na arte escrita. A obra de Rowling utiliza inúmeros elementos do imaginário inglês, muitos deles aparecem de maneira idêntica na obra de outro grande escritor conterrâneo de J.K. Rowling, John Ronald Reuel Tolkien, cuja obra inclui *O Senhor dos Anéis*, recentemente transposto para as telas do cinema com enorme sucesso. Mas não apenas a obra de Tolkien possui elementos mostrados na saga de Harry Potter. *As Crônicas de Nárnia*, do irlandês Clive Staples Lewis possivelmente também serviram de inspiração para Rowling, pois nomes e personalidades d'*As Crônicas* são recorrentes na obra da autora.

A obra de Tolkien foi um resgate do imaginário pautada por extensa pesquisa das raízes linguísticas. A história do anel, na íntegra, é contada em cinco livros: *O Silmarillion*, que descreve a criação do mundo vista pelos antigos povos do norte europeu; *O Hobbit*, onde

---

<sup>31</sup> Esporte dos bruxos jogado com quatro bolas: dois balaços – bolas arremessadas com massas para impedir o avanço do adversário - e um pomo de ouro que deve ser capturado pelo apanhador, jogador encarregado apenas dessa função, que determina o final da partida.

o anel aparece pela primeira vez; *O Senhor dos Anéis – A sociedade do anel*, que narra a luta para destruir o anel e com ele o mal; *As duas torres* - segundo livro da trilogia que aponta os infortúnios e dificuldades para a destruição do anel e o ganho de forças que o mal tem durante tanto tempo; *O retorno do Rei*, livro que conclui a história, conta, como o título sugere, o retorno de Aragorn, legítimo herdeiro do trono, ao governo de seu povo e suas terras.

Na trilogia descrita acima, encontramos a lula gigante no lago, a presença do caráter maravilhoso, a própria figura de Gandalf, todos se confundem com personagens da saga de *Harry Potter*. Os elementos são recorrentes e as figuras dos magos Gandalf e Dumbledore apresentam não apenas semelhanças físicas, mas psicológicas.

O mesmo ocorre com a obra de Lewis. Composta por sete contos, entre os quais *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*<sup>32</sup> é o mais conhecido, também guardam semelhanças com a obra da escritora de Harry Potter. Tomando-se o primeiro conto como exemplo, o personagem Digory de *O sobrinho do Mago* também é encontrado em vários livros da saga de Potter, sendo assassinado em *O cálice de fogo*. A menina, Polly, tem um nome e uma sonoridade muito semelhante ao nome de batismo da Sra. Weasley, Molly. E, principalmente, as características psicológicas destas personagens, onde a moral, a bondade e o empenho pelo bem estão profundamente presentes.

---

<sup>32</sup> Lançado recentemente no cinema, com enorme sucesso.

*“Lá e de volta outra vez.”*

J. R. R. Tolkien  
O Hobbit

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo pretendeu-se apresentar e, com isso, promover um resgate de contos orais da região, preservando o folclore local, buscando apoio na obra do teórico Bakhtin. Através de seus conceitos de dialogia, polifonia e cotejo, procurou-se promover uma concretização de suas ideias. As primeiras vozes foram buscadas nos contos recolhidos, que configuraram os anexos A e B e no apêndice A desse trabalho. Ao promovermos uma análise desses contos, pudemos perceber que a mesma narrativa ganha novas versões, acréscimo ou supressão de elementos, de acordo com quem conta. Dessa forma, podemos afirmar que

Não existe nem a primeira nem a última palavra, e não existem fronteiras para um contexto dialógico. (...) Em qualquer momento do diálogo existem as massas enormes e ilimitadas de sentidos esquecidos que serão recordados e reviverão em um contexto e num aspecto novo” (Bakhtin, 1985).

Tomando-se a história recontada no apêndice A, pode-se perceber que, se ninguém mais teve notícias do casal e eles eram extremamente reservados, não haveria possibilidade de que a história se propagasse, principalmente com os detalhes que apresenta. Para recontar a história, foi necessária extensa pesquisa bibliográfica, cujas fontes constam do final da narrativa, e serviu para fundamentar os rituais, baseados nas Tradições Wiccanas, cujas obras são facilmente encontradas em livrarias.

A fonte das histórias nunca é conhecida, mas a credibilidade do contador faz com que os ouvintes criam nelas, embora tenham características inverossímeis.

Mas não é esse aspecto dos contos folclóricos que está em questão: as lendas urbanas, portadoras das mesmas características, também levam inúmeras pessoas à crença de que sejam reais. Uma delas figura no anexo B, contando a história da Maria Sangrenta. Uma pesquisa mais profunda mostra que é uma versão brasileira para o norte-americano Candyman, cujas diferenças da versão contada no Brasil são o fato de ser homem e ter o nome diferente, tendo sido, inclusive, personagem de filmes. Entretanto, essa discussão não faz parte do objetivo desse trabalho.

É possível que a economia norte-americana possibilite uma gama variada de produções, mas a realidade mostra que tais filmes preservam a cultura daquele povo, diferente do que acontece em nosso país. A Inglaterra teve suas obras preservadas por vários autores, três deles citados nesse trabalho.

O que se pode perceber é que esses contos viajaram com os imigrantes, incorporando elementos indígenas e africanos e, possivelmente, podem ganhar nova roupagem com as lendas urbanas. Porém, mesmo que o hábito de contar histórias para as crianças esteja enfraquecido, o incentivo à leitura é fundamental para a formação do estudante, o que pode ser feito através de novas versões para as histórias de nosso folclore.

Nesse trabalho, buscamos realizar o cotejo, mencionando elementos diversos na narrativa que empresta uma nova roupagem à história recolhida.

Acreditamos que, embora esse trabalho não proporcione a publicação da história que culminou com seu fechamento, outras foram recontadas durante a pesquisa, o projeto de desenvolvimento das atividades proporcionou a propagação e, talvez, o interesse dos alunos por esse aspecto cultural do nosso folclore.

Por meio da narrativa que figura no Apêndice A discordamos da afirmação de Câmara Cascudo, que acredita que

Quem estudar a natureza humana verá, necessariamente, que quanto menor é o grau de adiantamento de povo tanto maior é o poder impressionista e ilusório que o domina. (...) A ilusão exerce um poderio tão enérgico sobre a imaginação do homem inculto, que o faz conceber um terror invencível por certos fatos que o impressionam. (...) A impressão, como a ilusão, influi diretamente sobre o poder imaginativo, e daí as concepções obstinadas que abatem o espírito humano, e daí a constante transfiguração dos fatos. (...) o espírito humano é muito suscetível à impressões que, nele calando, se tornam firmes, imbatíveis como inscrições nas campas (1965, pp. 52,53).

Não é a crença que está em questão nos dias atuais, mas a perpetuação da fantasia, da magia e do imaginário popular. O homem contemporâneo, em especial o que tem acesso aos livros, não está sujeito às influências diretas sugeridas pelo autor. O que se propõe, com esse trabalho, é mostrar um pouco do nosso folclore, em nenhum momento afirmando que se deve ou não crer em tais histórias, muito embora alguns creiam nelas, como citado anteriormente.

Tomando por base as ideias de Todorov (apud CUNHA, 1997, pp. 71-96), podemos afirmar que a dialogia é natural, pois

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo, interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Toda comunicação verbal, toda interação verbal se realiza em forma de uma troca de enunciados (grifos do autor), em forma de diálogo. Duas obras verbais, dois enunciados justapostos um ao outro, entram numa espécie particular de relações semânticas que chamamos dialógicas. As relações dialógicas são relações (semânticas) entre todos os enunciados no seio da comunicação verbal.

E se dialogamos, interrogamos, escutamos, respondemos e concordamos, estaremos refletindo sobre o que é comunicado, logo, podemos discordar do que chega até nós, pois, "A compreensão é o cotejo de um texto com os outros textos", como nos diz Bakhtin. (...) O texto só vive em contato com outro texto (contexto)" (1992, p. 404).

Essa reflexão, então, traz novas interpretações, como a que aparece no apêndice A desse trabalho, pois

O enunciado nunca é simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse, fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo que, antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado com um valor. [...] qualquer coisa se cria sempre a partir de uma coisa que é dada [...]. O dado se transfigura no criado (BAKHTIN, 1992, p. 348).

Então, através do cotejo, verificou-se que dialogia e polifonia estão presentes em nosso viver literário, resgatando antigas vozes, dialogando com aspectos novos e criando a partir do que é dado. Voese nos ensina que

A dimensão dialógica e o caráter polifônico do discurso que se efetivam na interação permitem entender que, como resultado da diversidade, o produto da atividade humana pode ter diferentes finalidades, ou seja, as coisas produzidas pelo homem podem estar comprometidas com diferentes valores e ocupar diferentes lugares nas hierarquizações (2005, p. 385).

Nesse contexto, verificamos que essa diversidade se apresenta no caráter social da figura do lobisomem: marginalizada, personificação do mal, ganha nova voz com a obra de Rowling, que apresenta o embate interno entre o bem e o mal e a luta que a personagem de sua obra, personificada em Remo Lupin, trava contra a fera que vive adormecida dentro dele, despertada pela lua cheia, da mesma forma como é apresentada no apêndice A, onde a natureza humana prevalece sobre a fera.

Ora, se para LUFT (2001, p. 209) a cultura é o “conjunto de experiências humanas (conhecimentos, costumes, instituições, etc.) adquiridas pelo contato social e acumuladas pelos povos através dos tempos”, é pertinente resgatar os contos para preservar a cultura, pois para XIMENES (2001, p. 444), o folclore é o “conjunto de tradições, conhecimentos e crenças de um povo, expressas em seus usos, lendas, canções, provérbios, etc.” Assim, essa cultura popular precisa ser resgatada, pois o avanço das sociedades esquece tradições, transforma conhecimentos e adota outras crenças ou abandona as antigas. Portanto, faz-se necessário o resgate e o registro, também, através de uma nova perspectiva que adapte o folclórico e o novo ou o folclórico ao novo, como o fizeram os autores citados no capítulo anterior.

Dessa forma, para atingir plenamente os objetivos desse trabalho, não são realizadas apenas a investigação dos contos orais, mas uma catalogação/compilação, a exemplo das obras de Câmara Cascudo e Franklin Cascaes, que configura o apêndice A, e ainda um relato da narrativa, promovendo um cotejo entre outros textos e elementos folclóricos, mostrando uma dialogia e polifonia possíveis para essa proposta, a exemplo das obras mencionadas no capítulo cinco.

Sugerimos, portanto, que o assunto, longe de ter-se esgotado aqui, venha a ser objeto de outros trabalhos, onde há espaço para o estudo de autores, como Câmara Cascudo e Franklin Cascaes, e de suas obras; ou o aparecimento das lendas urbanas, possíveis desdobramentos do antigo folclore, bem como a imensa quantidade de contos orais de nossa região, que oferecem variado e rico material de estudos.

## REFERÊNCIAS

- Almanaque Terra. Disponível em  
<<http://educaterra.terra.com.br/almanaque/datas/folclore.htm>> Acesso em 11.04.2006
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BICHO PAPÃO - Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pap%C3%A3o>> Acesso em 22.04.2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore brasileiro**. São Paulo: Martins, 1965.
- CEREJA, William R., MAGALHÃES, Thereza C., **Português: Linguagens**. São Paulo: Atual, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.
- CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS Disponível em <<http://ich.unito.com.br/view/2926>> Acesso em 21.04.2006
- Cotejo – Disponível em <<http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/simp12.htm>> Acesso em 06.11.2006
- CUNHA, D. A. C. Bakhtin e a Lingüística Atual : Interloquções. In: BRAIT, B. (org). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- Biógrafo - Disponível em <<http://www.terrabrasileira.net/folclore/biografo/cascudo.html>> Acesso em 22.06.2006.
- BRYANT, Robyn, **A pequena sereia**. São Paulo: Oriangest, 1996.
- ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL MULTIMÉDIA ON-LINE Disponível em  
<[http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=6\\_61](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=6_61)> Acesso em 21.04.2006.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. **Mini Aurélio Escolar século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- Fundação Franklin Cascaes. Disponível em  
<<http://www.pmf.sc.gov.br/franklincascaes/index.php?link=institucional&sublink=sobre>> Acesso em 07.04.06
- Jornal A Notícia. Disponível em <<http://www.an.com.br/2002/jul/01/0ane.htm>> Acesso em 07.04.2006.
- Jornal da USP ano XVIII. Disponível em  
<<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp659/pag17.htm>> Acesso em 22.06.2006
- LAROUSSE, **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, 2001.



LEWIS, C. S., **As Crônicas de Nárnia**. Volume único. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LUFT, Celso Pedro, **Minidicionário Luft**. São Paulo, Ática, 2001.

MACHADO, Irene, **Literatura e Redação**. São Paulo: Scipione, 1994

Memória viva de Câmara Cascudo. Disponível em  
<<http://www.Memoriavivadecamaracascudo1.htm>> Acesso em 06.04.2006.

Ministério da Educação. Fundação Joaquim Nabuco. Pesquisa escolar. **Luís da Câmara Cascudo**. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/docs/pe/pe0020.html>>. Acesso em 06 abril 2006.

NICOLA, José de, CAVALLETTE, Floriana, TERRA, Ernani, **Português para o Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 2002.

RODELLA, Gabriela, et. all. **Português, a sua língua**. São Paulo: Nova Geração, 2005.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e o enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SARMENTO, Leila L., TUFANO, Douglas. **Português**. São Paulo: Moderna, 2004.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis – Trilogia completa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIDEOTEXTO.TV Disponível em  
<[http://www.videotexto.tv/fantastica\\_literatura\\_cinema.html](http://www.videotexto.tv/fantastica_literatura_cinema.html)> Acesso em 21.04.2006

VOESE, Ingo. Vozes sociais citadas e sobrepostas: a polifonia e a dialogia. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 2, p. 357-388, jan./jun. 2005.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

## ANEXO A – COMPILAÇÃO DE ALGUNS CONTOS RECOLHIDOS

### A arca

Voltando da praia para casa, por volta da meia noite, subindo uma elevação, um homem viu árvores da floresta de eucaliptos, que ladeava a estrada, se curvarem sobre ele. Assustado, saiu correndo, olhou para trás e viu, saindo da floresta, uma pessoa toda vestida de branco. De longe, parecia um homem. Ainda mais assustado, apressou-se para chegar em casa. Alguns metros antes de chegar, dois outros homens pareciam aguardá-lo. Quando o viram, começaram a chamá-lo. Carregavam uma arca e insistiam para que o homem tirasse o que havia dentro dela. Nesse momento, um vendaval caiu sobre o local. O homem saiu correndo e trancou-se em casa. Nunca mais viu aqueles homens.

### Bola de fogo<sup>33</sup> - Versão I

Há alguns anos, aparecia uma luz no sambaqui do Camacho que se movimentava, passava por algumas casas e depois desaparecia.

### Bola de fogo – Versão II

Na localidade de Morro da Cruz vivia uma família que, de geração em geração, passava à filha mais velha, quando essa completava 15 anos, um colar de pérolas. A última mulher da família que herdou o colar, ao lavar roupas num açude muito fundo que ficava na propriedade da família, acabou por perdê-lo nas águas. Ela, então, mergulhou para recuperá-lo, morrendo afogada. A partir daquela data, passou a aparecer nas redondezas uma bola de fogo que atraía as pessoas para o açude: dizem que é a moça, pedindo ajuda para recuperar seu colar.

### A cadela do Camacho

Conta a lenda que uma moça, ao completar 22 anos, debochou das coisas<sup>34</sup> que as pessoas mais velhas contavam, e disse que era tudo uma grande mentira. Acreditaria apenas se ela se transformasse em uma cachorra. Passados sete dias, a moça sumiu. De acordo com as

<sup>33</sup> Acredita-se que, por se tratar de um sambaqui, seja fogo fátuo, que é proveniente de um gás que se desprende de cadáveres em decomposição. Como os sambaquis são verdadeiros cemitérios, é possível que ainda haja gás, mesmo não havendo sepultamentos neles há muitos anos. É possível que o *movimento* seja parte da imaginação local. Pode-se acrescentar que esse fenômeno está ligado à lenda do boi-tatá, pois este, à distância, dá a impressão de ser uma bola de fogo.

<sup>34</sup> Essas *coisas* creio que sejam elementos da superstição dos moradores.

peessoas do povoado, viveu por sete anos em forma de cachorra, errante pelas ruas. Quando recuperou a forma humana, não se lembrava de nada, mas passou a acreditar nas lendas contadas pelos mais velhos.

#### Cabelos de fogo

Numa noite tempestuosa, aparecia um cão que ninguém vira antes. O cão da família se encolhia e gemia de medo. O cão estranho arranha a porta e, de repente, transforma-se num enorme homem peludo com os cabelos de fogo que diz que, se não abrirem a porta, matará o cão. Ninguém abre a porta, com muito medo, e o cão está morto na manhã seguinte.

#### O ouro dos Jesuítas

Na época das missões, os jesuítas que vieram catequizar os índios da região trouxeram consigo toda a sorte de tesouros. Por segurança, resolveram enterrá-los. Para marcar o lugar, plantaram uma árvore. Como houve muitas mortes no decorrer da época em que estiveram aqui, inclusive em confrontos com os índios, muitos destes esconderijos ficaram intocados. Então, cada vez que alguém se aproxima de uma destas árvores, à noite, sozinho, aparece uma vela mostrando o lugar. Acredita-se que apenas depois que o ouro for desenterrado a alma que mostra onde está o tesouro descansará.

#### Luz para o pescador

Um homem tinha um filho que trabalhava no Rio Grande<sup>35</sup> como pescador. Todos os anos ele retornava no dia 30 de outubro e ficava na casa dos pais até o início do ano novo, quando retornava para o Rio Grande. Um dia ele se atrasou, chegando no dia 31, foi assaltado e esfaqueado antes do anoitecer. A família não sabia do ocorrido e seu pai, à noite, não conseguia dormir. Foi, então, postar-se à frente da casa para esperar pelo filho. Viu muitas pessoas caminhando pelo descampado, todas com velas nas mãos, exceto o último da fila, em quem ele reconheceu o próprio filho. Pensando estar tonto pelo sono, concluiu que estivesse tendo alucinações por causa da preocupação com o filho. Na manhã seguinte, contou à mulher, que disse ser um sinal de que o filho estava morto, precisando que se acendessem velas. O velho escarneceu da esposa, mas no dia seguinte receberam a notícia do assassinato. O velho foi para o descampado e acendeu muitas velas. A ‘miragem’ do pescador nunca mais foi vista.

#### O alvoroço dos bichos

---

<sup>35</sup> Cidade do Rio Grande do Sul, margeada pela Lagoa dos Patos, pólo pesqueiro da região.

Em algumas noites, os animais alvoroçavam-se, os cavalos corriam, as galinhas cacarejavam espantadas, os cães latiam bravos para o nada. Numa dessas noites, o velho levantou da cama, como hipnotizado, em direção à lavoura. Seu filho passou a observar e percebeu que, nessas noites de alvoroço, o velho saía de casa. Ele decidiu segui-lo. Saindo em seu encalço, chamou, gritou, mas não conseguia resposta. Numa noite, antes de partir para a roça, o velho levou consigo uma corda. Apesar dos esforços do filho, não conseguia impedir o velho, que pretendia enforçar-se. O rapaz, então, ajoelhou-se em sua frente e começou a rezar. Dali em diante, tudo mudou: o velho voltou para casa, deixou de ser calado e alienado, e nunca mais saiu durante a noite e tudo voltou ao normal.

#### A cura do Lobisomem

Conta a lenda que um rapaz, filho de uma velha senhora, moradores do bairro de Congonhas, era lobisomem. Ele quase não saía do sítio onde morava, mas apaixonou-se por uma bela moradora da região. A família não aceitava o envolvimento dos dois, mas, sob a ameaça de fugir para morar com o rapaz depois que a mãe dele faleceu, a família concordou com o casamento, que se realizou na casa da moça. Os moradores do bairro atribuíam a ele a transformação em lobisomem nas noites de lua cheia, inclusive organizando expedições de busca, que nunca iam muito longe, para caçar o bicho. Entretanto, depois do casamento, as aparições do lobisomem não aconteceram mais, nem os animais foram atacados. Os moradores acreditam que o amor da esposa e uma receita para curar o rapaz, que exige muita coragem, foram as responsáveis pela resolução do problema. A receita fora ensinada por uma viúva que vivia num povoado distante. É preciso espetar o coração do lobisomem, durante a transformação, com um espinho de laranjeira, dentro de um cemitério. Depois de curar o marido, o casal mudou do povoado e nunca mais se teve notícias deles.

#### O lobisomem na ponte

Um homem saiu à noite para ir ao boteco. Eram cerca de oito da noite e ele usava o chapéu de palha de sua mãe. Atravessava uma ponte de uns 15 metros, quando, de repente foi atacado por um enorme cão. Ele não conseguia se desvencilhar do animal, apenas se debater e gritar. Um dos moradores do povoado, que estava próximo da ponte, ouvindo os gritos, veio para socorrer quem estivesse em apuros. Mas, tão logo chegou à cabeceira da ponte, o animal

sumiu. O vizinho não acreditava no que acabara de ver, mas quando o homem se levantou e ele viu o estado de suas roupas, não teve dúvidas: só poderia ser o lobisomem!

#### Lendas sobre a origem do lobisomem

- ✓ A maldição está no sétimo filho: uma mulher que tem seis filhos, tendo um sétimo, fatalmente esse terá a maldição da lua cheia;
- ✓ Um casal que tem mais de sete filhos, o sétimo carrega a maldição: se for mulher, será bruxa, se for homem, será lobisomem;
- ✓ Ao nascer o sexto filho do casal, esse deve ser batizado como Sebastião, se for homem, e como Benta, se for mulher, quebrando a maldição da linhagem. Assim, o sétimo filho não carregará nenhuma maldição;
- ✓ Os lobisomens transformam-se nas encruzilhadas, sempre à luz da lua cheia;
- ✓ A fera deve procurar o cemitério antes de raiar o sol;
- ✓ A fera foge para transforma-se longe dos olhos das pessoas, pois o espetáculo é horrível;
- ✓ O lobisomem prefere atacar crianças que ainda não foram batizadas.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Essa afirmação nos leva a crer que seja uma das razões da pressa em batizar os recém-nascidos.

**ANEXO B – CÓPIAS DE TRABALHOS DE ALGUNS ALUNOS**

Optou-se por omitir os nomes dos alunos para preservar suas identidades.

A lua do homem de branco e o Lobisomem

Primeira página

A lua do homem de branco.

1º lenda: Contavam as pessoas que viviam em um tempo todo de branco numa rua escura; todos chamavam a rua de homem de branco. Era porque eles contavam que existiam curis embaixo da terra, e embaixo de uma árvore, lá a árvore ficava um homem de brquia numa rua escura, e quem passava e dizia que duridava ali aparecia todo de branco, e começava a passar em frente as pessoas que ali passava. Todos tinham medo de passar ali, porque era verdade.

|| |

O lobisome.

2º lenda: O primo de um amigo meu, toda vez que tem lua cheia ele vira lobisome. Meu meu amigo tem uma foto dele, ele transformando em lobisome ele estava ficando todo peludo horrível e hoje ele mora afastado de sua família, porque não consegue viver como um rapaz normal.

|| |

A boneca com espírito.

3º lenda: Contavam os mais antigos que uma criança de 5 anos queria dormir, sempre com sua boneca preferida. Mas sua mãe não gostava porque a boneca era velha e feia. Mas sua filha adorava, então uma ~~vez~~ <sup>noite</sup> ela foi dormir e a boneca tinha um

## Segunda página

espanta nela usava as unhas ~~de~~ ~~as~~ ~~unhas~~ ~~de~~ ~~as~~ ~~unhas~~.  
 E me lembro de uma ~~mat~~ ~~al~~ ~~onca~~ ~~de~~ ~~arroz~~ ~~de~~ ~~le~~  
 Teda com suas unhas e depois ~~de~~ ~~inf~~ ~~er~~ ~~ca~~.  
 E o amanhã a menina estava morta em  
 sua cama abraçada na boneca.  
 (aconteceu num dia 31 dia das bruxas)

## Lobisomem

Conto algumas pessoas da cidade de Jaguara, que um  
 homem, vivia lobisomem. Era um homem que se usava  
 camiseta meia manga, calças dobradas, e o corpo cheio  
 de pelos. Dizem que em noite de lua cheia se transforma  
 em lobisomem. Algumas pessoas dizem que é verdade, e que  
 já viram. Já esse homem existe, ele tem um  
 andar diferente, ele olha pra gente de um jeito  
 esquisito, muitas pessoas, e crianças tem medo  
 dele. Já ouvi pessoas dizendo: lá foi o lobisomem. Tem  
 gente que acredita outras não, é lógico que isso  
 são lendas, não existe, eu não acredito nisso, em  
 nem uma história sobre bruxas, ou lendas.



## Lobisomem

Diz a história que uma moça era  
 negra, amava muito ele, apesar de todos  
 dizer que ele era um lobisomem ela não  
 acreditava. Em uma noite de lua cheia  
 depois de meia-noite ele saiu no meio  
 para pegar um chá quando um lobo ~~visto~~  
 e Tentado <sup>mordi-la</sup> mordido, rosca o seu vestido, que  
 era vermelho. Correu para casa e no dia  
 seguinte pelo manhã foi falar com seu noivo  
 e percebeu uma linha vermelha entre os seus  
 dentes mesmo assim não desistiu de ficar  
 com ele. Ele fez uma simpatia que era  
 falanda para ela, em uma noite de lua  
 cheia, Ele feriu que ir com ele de um  
 cemitério e a meia-noite ao ele se transfor-  
 mar teria que espetá-lo com um espinho  
 de laranja, assim ele fez e casou-se  
 com ele que já não era mais lobis-  
 omem.

Conta também que um dono de um la-  
 tinha em casal de gêmeos. Um dia  
 a noite dois ladões foram roubar o la e  
 ao chegarem viram dois leucos com os

crianças em cima do balcão enrochados por  
 flores e fitas tão apertados que já ~~estavam~~  
 sufocados os crianças. Ao notar que os homens  
 estavam lhe observando eles saíram e  
 deixaram os crianças <sup>memoráveis</sup> de. Os ladões  
 chamaram o casal que estava dormindo  
 e salvaram os crianças.

## Lobisomem

Diz a lenda que onde eu moro no dia 30 de dezembro no alto do morro na 24:00 aparece um cachorro preto e vai se transformando em um homem muito peludo com garras e usa até a 1:00.

## Luz estranha – Possível Versão para o Boitatá

No tempo que se amarrava o cachorro com linguica um senhor comprou uma moradia no interior do município, conforme o tempo foi passando ele notou uma luz nos fundos do terreno, um dia chegou na sua casa seu compadre muito ambicioso quando soube da luz resolveu cavar no lugar que apareceu a luz pensando que tinha ouro, não achou nada, outro dia o dono do terreno também resolveu cavar achou um baú com moedas de ouro, seu compadre quando soube resolveu roubar o baú, chegou em casa abriu o baú e estava cheio de formiga, revoltado ele voltou a casa de seu compadre entrou pelo telhado e jogou as formigas em cima de seu compadre, de manhã quando o homem acordou ele estava coberto de ouro.

Dizem as lendas que se a riqueza não for pra pessoa destinada, outra pessoa não será feliz com ela.

## Primeira versão para Maria Sangrenta

Contam que a 20 anos atrás no colégio São Francisco de Pádua. Foi que tinha 16 anos teve um sacramento muito grande pelo nariz e suas amigas desesperada em cheirar seu nariz de algodão e ela acabou morrendo sufocada. Hoje contam que ela aparece em banheiros de colégio atrás dos amigos que lá moram!

## Segunda versão para Maria Sangrenta

Entra no banheiro chaveia a porta, pega um fio de cabelo seu ~~por~~ botá dentro da privada da a descarga, escreve de batom vermelho no espelho maria sangrenta, maria sangrenta, maria sangrenta e repete 3 vezes, aí ela irá aparecer para você e você ficará trancada no espelho, portanto você passara a ser a maria sangrenta!

## Mula-sem-cabeça

Era uma vez um homem e uma mulher, eles se casaram e foram viver juntos num sítio. Ela fazia o jantar para seu marido, mas ela colocava veneno para ele dormir. Certa noite o marido desconfiou que ela colocava veneno na comida - Investigando os sinais do padre, ela estava escondendo alguma coisa. No dia seguinte, o homem fingiu ter comido a comida e fingiu ter dormido. A mulher tirou sua cabeça e colocou ao lado do homem.

O homem esperou a mula sair e começou a preparar amadilhas e tomou as janelas e portas e colocou em cima da mesa uma vela acesa e começou a rezar.

O sol começou a aparecer e a mula estava voltando. Tentou abrir a porta.

A cabeça da mulher, que estava ali à fora, abriu os olhos e pediu para abrir a porta, mas ele não abriu e a mula-sem-cabeça morreu.

## Fantasmas

Contaram meus avós que haviam  
uma casa que nela havia fantasmas  
e quem passasse perto dela certamente  
era meio muito malvada, porque  
via coisas e incrédulas, só que  
tinha uma mãe que morava tou-  
rali perto que não acreditava de  
feito nenhum nesse tipo de coisa.  
E para provar que essa história  
não tinha nem pé nem cabeça  
ela passou em frente da casa, de  
meia noite, mas aconteceu uma tragédia.  
No dia seguinte ela estava morta sem  
uma enxada toda suja de  
sangue. Todos aprenderam que esse  
tipo de coisa não se brinca.

Essa história é baseada em fatos

## ANEXO C – BIBLIOGRAFIA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

### Livros

- 001 – Alma Patrícia, crítica literária – Atelier Typ. M. Vitorino, 1921  
 002 – Histórias que o tempo leva – Ed. Monteiro Lobato, S. Paulo, (out. 1923), 1924.  
 003 – Joio – crítica e literatura – Of. Graph. d’A Imprensa, Natal (jun), 1924  
 004 – Lopez do Paraguay – Typ. d’A República, 1927  
 005 – Conde d’Eu – Ed. Nacional, 1933  
 006 – O homem americano e seus temas – Imprensa Oficial, Natal, 1933  
 007 – Viajando o sertão – Imprensa Oficial, Natal, 1934  
 008 – Em memória de Stradelli – Livraria Clássica, Manaus, 1936  
 009 – O Doutor Barata – Imprensa Oficial, Bahia, 1938  
 010 – O Marquês de Olinda e seu Tempo – Ed. Nacional, S. Paulo, 1938  
 011 – Governo do Rio Grande do Norte – Liv. Cosmopolita, Natal, 1939.  
 012 – Vaqueiros e Cantadores – (Globo, 1939) – Ed. Itatiaia, S. Paulo, 1984.  
 013 – Antologia do Folclore Brasileiro – Martins Editora, S. Paulo, 1944  
 014 – Os melhores contos populares de Portugal – Dois Mundos, 1944  
 015 – Lendas brasileiras – 1945  
 016 – Contos tradicionais do Brasil – (Col. Joaquim Nabuco), 1946 - Ediouro  
 017 – Geografia dos mitos brasileiros – Ed. José Olímpio, 1947. 2ª edição, Rio, 1976.  
 018 – História da Cidade do Natal – Prefeitura Mun. do Natal, 1947  
 019 – Os holandeses no Rio Grande do Norte – Depto. Educação, Natal, 1949  
 020 – Anubis e outros ensaios – (Ed. O Cruzeiro, 1951), 2ª edição, Funarte/UFRN, 1983  
 021 – Meleagro – Ed. Agir, 1951 – 2ª edição, Rio, 1978  
 022 – Literatura oral no Brasil – Ed. José Olímpio, 1952 – 2ª edição, Rio, 1978  
 023 – Cinco livros do povo – Ed. José Olímpio, 1953 – 2ª edição, ed. Univ. UFPb, 1979.  
 024 – Em Sergipe del Rey – Movimento Cultural de Sergipe, 1953  
 025 – Dicionário do Folclore Brasileiro – INL, Rio, 1954 – 3ª edição, 1972  
 026 – História de um homem – (João Câmara) – Depto. de Imprensa, Natal, 1954  
 027 – Antologia de Pedro Velho – Depto. de Imprensa, Natal, 1954  
 028 – História do Rio Grande do Norte – MEC, 1955  
 029 – Notas e documentos para a história de Mossoró – Coleção Mossoroense, 1955  
 030 – Trinta “estórias” brasileiras – ed. Portucalense, 1955  
 031 – Geografia do Brasil Holandês – Ed. José Olímpio, 1956  
 032 – Tradições populares da pecuária nordestina –MA-IAA n.9, Rio, 1956  
 033 – Jangada – MEC, 1957  
 034 – Jangadeiros – Serviço de Informação Agrícola, 1957  
 035 – Superstições e Costumes – Ed. Antunes & Cia, Rio, 1958  
 036 – Canto de Muro – Ed. José Olímpio, (dez. 1957), 1959  
 037 – Rede de dormir – MEC (1957), 1959 – 2ª edição, Funarte/UFRN, 1983  
 038 – Ateneu Norte-Rio-Grandense – Imp. Oficial, Natal, 1961  
 039 – Vida breve de Auta de Souza – Imp. Oficial, Recife, 1961  
 040 – Dante Alighieri e a tradição popular no Brasil – PUC, Porto Alegre, 1963 – 2ª edição  
 Fundação José Augusto (FJA), Natal, 1979  
 041 – Dois ensaios de História – (Imp Oficial Natal, 1933 e 1934) Ed. Universitária, 1965  
 042 – História da República do Rio Grande do Norte – Edições do Val, Rio, 1965  
 043 – Made in África – Ed. Civilização Brasileira, 1965  
 044 – Nosso amigo Castriciano – Imp. Universitária, Recife, 1965  
 045 – Flor dos romances trágicos – Ed. Cátedra, Rio, 1966 – 2ª ed. Cátedra/FJA, 1982  
 046 – Voz de Nessus – Depto. Cultural, UFPb, 1966  
 047 – Folclore no Brasil – Fundo de Cultura, Rio, 1967 – 2ª edição, FJA, Natal, 1980  
 048 – História da alimentação no Brasil – Ed. Nacional ( 2 vol) fev. 1963), 1967, (col. Brasi-

- liana 322 e 323) – 2ª ed. Itaitaia, 1983
- 049 – Jerônimo Rosado (1861-1930) – ed. Pongetti, Rio, 1967
- 050 – Seleta, Luís da Câmara Cascudo – Ed. José Olímpio, Rio, 1967 – org. por Américo de Oliveira Costa. – 2ª Ed. 1972.
- 051 – Coisas que o povo diz – Bloch, 1968
- 052 – Nomes da Terra – Fundação José Augusto, Natal, 1968
- 053 – O tempo e eu – Imp. Universitária – UFRN, 1968
- 054 – Prelúdio da cachaça – IAA, (maio, 1967), 1968
- 055 – Pequeno manual do doente aprendiz – Ed. Universitária – UFRN, 1969
- 056 – Gente viva – Ed. Universitária UFPE, 1970
- 057 – Locuções tradicionais no Brasil – UFPE, 1970 – 2ª edição, MEC, Rio, 1977
- 058 – Ensaio de etnografia brasileira – INL, 1971
- 059 – Na ronda do tempo – Ed. Universitária, UFRN, 1971 (livro biográfico)
- 060 – Sociologia do Açúcar – MIC – IAA, 1971. Coleção Canavieira n. 5
- 061 – Tradição, ciência do povo – Perspectiva, S. Paulo, 1971
- 062 – Ontem – (magações) – Ed. Universitária UFRN, 1972
- 063 – Uma História da Assembléia Legislativa do RN – FJA, 1972
- 064 – Civilização e cultura (2 vol.) – MEC/Ed. José Olímpio, 1973
- 065 – Movimento da independência no RN – FJA, 1973
- 066 – O Livro das velhas figuras – (6 vol.) – 1, 1974; 2, 1976; 3, 1977; 4, 1978; 5, 1981; 6, 1989 – Inst. Histórico e Geográfico do RN
- 067 – Prelúdio e fuga do real – FJA, 1974
- 068 – Religião no povo – Imprensa Universitária, UFPb, 1974
- 069 – História dos nossos gestos – Ed. Melhoramentos, 1976
- 070 – O Príncipe Maximiliano no Brasil – Kosmos editora, 1977
- 071 – Antologia da alimentação no Brasil – Livros Técnicos e Científicos ed., 1977
- 072 – Três ensaios franceses, FJA, 1977 (do “Motivos da Literatura Oral da França no Brasil”, Recife, 1964 – Roland, Mereio e Heptameron)
- 073 – Mouros e Judeus – Depto. de Cultura, Recife, 1978
- 074 – Superstição no Brasil – Itaitaia, S. Paulo, 1985

### **Plaquetes**

- 075 – Da poesia popular narrativa no Brasil – Universidade Nacional do México, 1971
- 076 – Ás de Vila Diogo – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto
- 077 – Assunto gago – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto
- 078 – Ceca e Meca – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto
- 079 – O morto no Brasil – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto
- 080 – Água do Lima no Capibaribe – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto
- 081 – Visão do Folclore Nordeste – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto
- 082 – Uma nota sobre o cachimbo inglês – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto
- 083 – Folclore nos Autos Camoneanos – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto
- 084 – Divórcio no talher – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto
- 085 – A cozinha africana no Brasil – Publicações do Museu de Angola, Luanda, 1964
- 086 – Ancha es Castilla! – Academia de Ciências de Lisboa, 1967
- 087 – Três notas brasileiras – Junta Distrital de Lisboa, 1970
- 088 – Conferência (Tricentenário dos Guararapes) – Arquivo Público, Recife, 1949
- 089 – A função dos arquivos – Arquivo Público Estadual, Recife, 1956
- 090 – Desplantes – Revista do Arquivo Municipal – S. Paulo
- 091 – Paróquias do Rio Grande do Norte – Depto. Imprensa, Natal, 1955

- 092 – A família do Padre Miguelinho – Coleção Mossoroense, 1960  
 093 – Ateneu Norte-Riograndense – Coleção “Juvenal Lamartine”, Natal, 1961  
 094 – Breve História do Palácio da Esperança – Depto. Imprensa, Natal, 1961  
 095 – A vaquejada nordestina e sua origem – FJA, 1976  
 096 – Mitos brasileiros – Cadernos de Folclore n. 6, MEC, 1976  
 097 – Paliçadas e gases asfixiantes entre os indígenas da América do Sul – Ed. Biblioteca do Exército, 1961  
 098 – Versos (Lourival Açucena) – Typ. A República, Natal, 1927  
 099 – A Carnaúba – in Revista Brasileira de Geografia, p. 159 – IBGE, 1964  
 100 – Alexander Von Humboldt – 1969  
 101 – Natal – (Revista Potyguar), 1939 – Coleção Mossoroense, 1991  
 102 – Caraúbas, Assu e Santa Cruz – (Revista Potyguar, 1938), Coleção Mossoroense, 1991  
 103 – Paróquias do Rio Grande do Norte – Depto. Imprensa, 1955 – Coleção Mossoroense, 1992  
 104 – Três poemas de Walt Whitman – Imprensa Oficial, Recife, 1957 – Coleção Mossoroense, 1992  
 105 – Mossoró e Moçoró – Coleção Mossoroense, 1991 – Consultando São João – Depto. Imprensa, Natal, 1949

### **Mais plaquetes e outras publicações**

- 106 - O mais antigo marco colonial do Brasil. 1934  
 107 - Intencionalidade no descobrimento do Brasil. Natal, 1935  
 108 - O homem americano e seus temas. Natal, 1935  
 109 - Uma interpretação da couvade. São Paulo, 1936  
 110 - Conversas sobre a hipoteca. São Paulo, 1936  
 111 - Os índios conheciam a propriedade privada. São Paulo, 1936  
 112 - O brasão holandês no Rio Grande do Norte. 1936  
 113 - Notas para a história do Ateneu. Natal, 1937  
 114 - O marquês de Olinda e o seu tempo. São Paulo, 1938  
 115 - Peixes no idioma tupi. Rio de Janeiro, 1938  
 116 - Governo do Rio Grande do Norte. Natal, 1939  
 117 - Informação de história e etnografia. Recife, 1940  
 118 - O nome potiguar. Natal, 1940  
 119 - O povo do Rio Grande do Norte. Natal, 1940  
 120 - As lendas de Estremoz. Natal, 1940  
 121 - Fanáticos da serra de João do Vale. Natal, 1941  
 122 - O presidente parrudo. Natal, 1941  
 123 - Seis mitos gaúchos. Porto Alegre, 1942  
 124 - Sociedade Brasileira de Folclore. 1942  
 125 - Lições etnográficas das Cartas Chilenas. São Paulo, 1943  
 126 - Antologia do folclore brasileiro. São Paulo, 1944  
 127 - Os melhores contos populares de Portugal. Rio de Janeiro, 1944  
 128 - Simultaneidade de ciclos temáticos afro-brasileiros. Porto, 1948  
 129 - Tricentenário de Guararapes. Recife, 1949  
 130 - Gorgoncion; estudo sobre amuletos. Madri, 1949  
 131 - Consultando São João. Natal, 1949  
 132 - Ermet Mell' Acaia e la consulta degli oracoli. Nápoles, 1949  
 133 - O folclore nos autos camponeanos. Natal, 1950  
 134 - Custódias com campainhas. Porto, 1951  
 135 - Conversa sobre direito internacional público. Natal, 1951  
 136 - Os velhos estremezes circenses. Porto, 1951  
 137 - Atirei um limão verde. Porto, 1951  
 138 - Com Dom Quixote no folclore brasileiro. Rio de Janeiro, 1952



- 139 - A mais antiga igreja do Seridó. Natal, 1952  
 140 - O fogo de 40. Natal, 1952  
 141 - O poldrinho sertanejo e os filhos do vizir do Egito. Natal, 1952  
 142 - Tradicion de un cuento brasileño. Caracas, 1952  
 143 - História da imperatriz Porcina. Lisboa, 1952  
 144 - A origem da vaquejada do nordeste brasileiro. Porto, 1953  
 145 - Alguns jogos infantis no Brasil. Porto, 1953  
 146 - Casa dos surdos. Madri, 1953  
 147 - Contos de encantamento. 1954  
 148 - Contos exemplares. 1954  
 149 - No tempo em que os bichos falavam. 1954  
 150 - Comendo formigas. Rio de Janeiro, 1954  
 151 - Os velhos caminhos do Nordeste. Natal, 1954  
 152 - Cinco temas do Heptameron na literatura oral. Porto, 1954  
 153 - Pereira da Costa, folclorista. Recife, 1954.  
 154 - Lembrando Segundo Wanderley. Natal, 1955  
 155 - Notas sobre a paróquia de Nova Cruz. Natal, 1955  
 156 - Leges et consuetudines nos costumes nordestinos. Havana, 1955  
 157 - História do município de Santana do Matos. Natal, 1955  
 158 - Vida de Pedro Velho. Natal, 1956  
 159 - Comadre e compadre. Porto, 1956  
 160 - Tradições populares da pecuária nordestina. Rio de Janeiro, 1956  
 161 - Universidade e civilização. Natal, 1959  
 162 - A noiva de arraiolos. Madri, 1960  
 163 - Temas do Mireio no folclore de Portugal e Brasil. Lisboa, 1960  
 164 - Conceito sociológico do vizinho. Porto, 1960  
 165 - Etnografia e direito. Natal, 1961  
 166 - Grande fabulário de Portugal e Brasil. Lisboa, 1961  
 167 - Motivos da literatura oral da França no Brasil. Recife, 1964  
 168 - Prelúdio e fuga. Natal, [1966] 107. Voz de Nessus (inicial de um Dicionário brasileiro de superstições). Paraíba, 1966  
 169 - Mouros, franceses e judeus; três presenças no Brasil. Rio de Janeiro, 1967

### **Outras traduções e anotações**

- 170 - Açucena, Lourival. Versos reunidos. 1920  
 171 - Montaigne e o índio brasileiro. São Paulo, 1940. Tradução e notas do capítulo 'Des cannibales', dos Essais  
 172 - Koster, Henri. Viagens ao Brasil. São Paulo, 1942. Tradução e notas  
 173 - Viagens ao Nordeste do Brasil - Henry Koster (tradução comentada) Estado de Pernambuco, 1942 e 2ª ed. 1978  
 174 - Harrt, Charles Frederick. Os mitos amazônicos da tartaruga. 1952  
 175 - Romero, Sílvio. Contos populares do Brasil. Rio de Janeiro, 1954. Introdução e notas.  
 176 - Romero, Sílvio. Cantos populares do Brasil. 2  
 177 - Barbosa, Domingos Caldas. Poesia. 1958  
 178 - Nobre, Antônio. Poesia. 1959  
 179 - Melo Moraes Filho. Festas e tradições populares do Brasil. Belo Horizonte, 1979. Revisão e notas  
 180 - Melo Moraes Filho. Os ciganos e cancionero dos ciganos. Belo Horizonte, 1981. Revisão e notas.

### **Inéditos**

- 181 - História da literatura norte-riograndense

- 182 - História do município do Ceará-Mirim
- 183 - História do Rio Grande do Norte para as escolas
- 184 - História da carnaúba
- 185 - Nomes de ruas e praças da cidade do Natal
- 186 - O livro dos patronos
- 187 - Brazilian Folk-lore
- 188 - J. Poranduba Amazonense, de Barbosa Rodrigues
- 189 - Mitologia indígena do Amazonas, de Charles Frederick Hartt

**APÊNDICE A – UMA HISTÓRIA RECONTADA**

## À GUIA DE PRÓLOGO

Nessa narrativa, optamos por aproximar a grafia da linguagem falada. Muitos desvios do padrão podem ser observados, mas a opção por eles deu-se na tentativa de fazer com que os diálogos estejam registrados da forma mais fiel possível ao que ocorreriam.

Os desvios do padrão podem ser observados, principalmente, nas conjugações verbais e nas colocações pronominais: deu-se preferência à próclise, como na linguagem coloquial, pois a forma de narrar foi observada durante histórias contadas à beira da cama, como nos *velhos tempos*. Assim, a forma sincopada da preposição para foi, também, preferida, utilizando-se, então o termo *pra* em grande número de sentenças, inclusive quando a ocorrência se dá com a contração da preposição *pra* com os artigos definidos, nos dois gêneros e número. Opta-se, portanto, pela não uniformidade na escrita e prevalecem, no decorrer do texto, os coloquialismos e as gírias, utilizando-se a preposição *em* ao invés de *a* antes de substantivos que nomeiam lugares como casa e fonte.

As personagens são fictícias, embora tenham sido inspiradas em pessoas reais que emprestaram suas personalidades. O termo feitiçaria é usado como sinônimo de religião e não de forma pejorativa.

Parafraseando Marcos Bagno em seu Preconceito linguístico, o brasileiro fala *diferente*, e não errado. Atrevo-me a afirmar que a identidade do brasileiro apresenta-se, principalmente, na língua. E se o objetivo desse trabalho é resgatar o folclore, as características que são nossas, nada mais pertinente que fazê-lo da maneira mais fiel: recontar, perceber a dialogia e a polifonia através do cotejo, mas a exemplo dos modernistas, com identidade própria.

To see or not to see, that's the question: ver ou não ver – o que é nosso e a nós mesmos – eis a questão!

## Os Pequenos Feiticeiros e a maldição do Lobisomem

Elita de Medeiros

- "Atenção!... Aqui e agora!"...

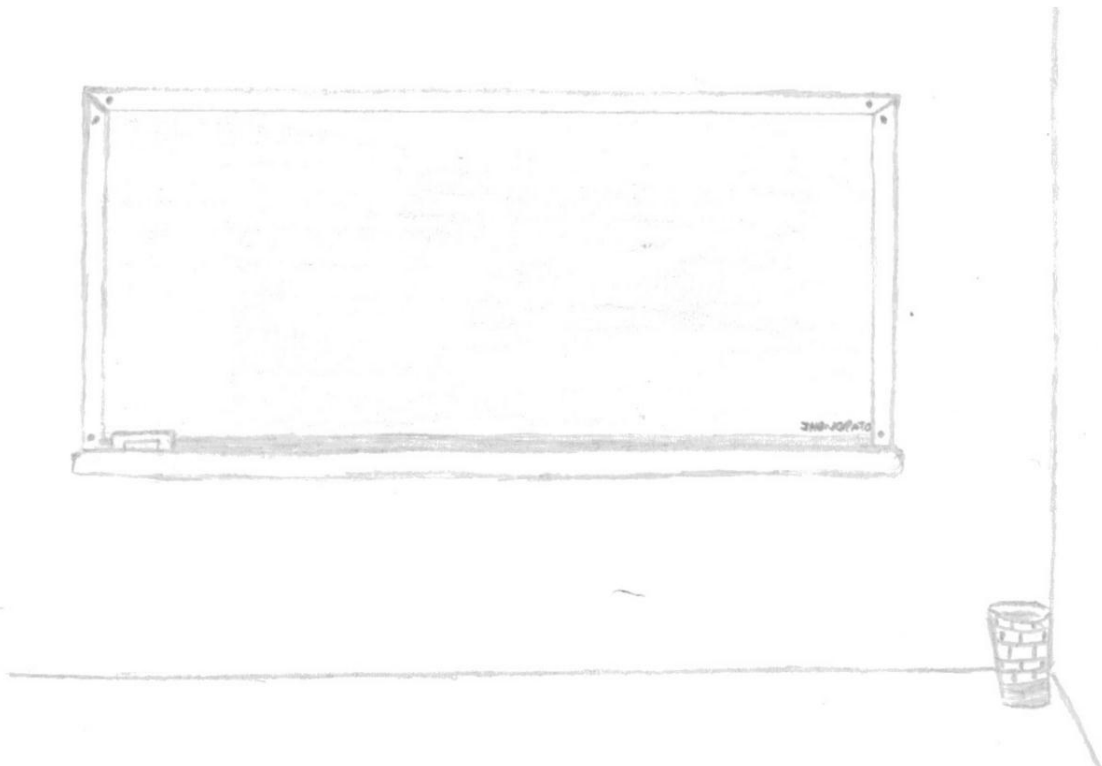
... "Aqui e agora é a verdade."

Aldous Huxley

A Ilha

Para os meus filhos, que foram os primeiros a ouvir essa história.

### Capítulo I – Uma história mal contada



Eles eram irmãos: duas meninas e um menino, filhos de uma professora viúva e pareciam não ter medo de nada. Eram bons na escola, mesmo não sendo muito aplicados aos estudos. O segredo era aproveitar ao máximo o tempo em sala de aula. O tempo livre seria uma descoberta.

Como a mãe trabalhava muito, sempre envolvida em projetos educacionais, passavam as férias na casa de parentes. A mais velha tinha treze anos. Garota esperta e tremendamente curiosa lia tudo o que caía em suas mãos. Seu nome era Érica, mas preferia ser chamada de Queca. O menino era o irmão do meio, dois anos mais jovem que Queca e um pouco mais preguiçoso, se aproveitava do gosto da irmã pela leitura para poder ouvir, assim não precisava ler. Frequentemente os três se reuniam num dos quartos do apartamento em que moravam pra que ela lesse e os dois mais jovens a ouvissem. As meninas o chamavam de Nando, pois seu nome era Fernando. A mais jovem, Carolina, de nove, apelidaram Carola.

Mas o que os três mais gostavam de ouvir eram as histórias que os parentes mais velhos contavam. Para aquelas férias estavam planejando, desde muito antes de começarem, ir para a casa da avó paterna, que ficava num povoado afastado da cidade, onde existia uma densa floresta de eucaliptos. Eles contavam os dias para a aventura começar. É que numa das visitas da avó, ela lhes contara uma história muito misteriosa...

- Vó, conta uma daquelas “mentiras cabeludas” que a senhora diz que aconteceram “na Congonha, nas antigas...” - os três estavam prontos para dormir e a avó os acompanhara até o quarto.

- Que linguajar feio, Fernando! O que é “nas antigas”?
- Ô, Vó, vais dizer que não sabes que “nas antigas” é “no tempo do guaraná de rolha”?
- Nando, não enche a Vó com esse “palavreado de trombadinha”. Vó, conta uma das *histórias antigas*, daquelas que o vovô João contava para a senhora, quando criança...
- Ah, bom, Carola, ele queria dizer histórias antigas... É que no meu tempo não se usava esse linguajar.
- Vocabulário, Vó. Linguajar é uma palavra que ninguém mais usa. Conta uma bem aterrorizante, vai.
- Érica, tu não tens pesadelos à noite, depois de ouvir essas histórias?
- Claro que não! Eu sonho que sou a heroína das histórias. Como as que a Senhora conta nunca se resolvem, eu sonho que dou um jeito em todos os mistérios. Vai, conta um bem cabeludo.
- Cabeludo como? De lobisomem?
- É, de lobisomem, Vó! – disse Fernando, de pé sobre a cama – aí a gente sonha que vai *matar o bicho!* - disse, empunhando uma agulha de tricô como se fosse uma espada.
- Deita aí, menino! Agulha de tricô não é brinquedo! – disse, tirando-lhe o objeto da mão e guardando numa gaveta. - Bom, se vocês querem de lobisomem, me deixem pensar um pouco para ver se lembro de alguma.
- De preferência uma nova, uma que ainda não tenha nos contado. - falou Fernando, desta vez deitando-se, a avó a lhe ajeitar os cobertores.
- Bom, deixa ver... Ah, sim! Meu pai contava que existia um homem que morava em Congonhas que todos diziam ser um lobisomem. Mas nunca se pôde provar nada. E depois que ele se casou, parou de se transformar...
- Isso, Vó, conta essa! - Pediu Carola.
- Isso, Vó, conta essa mentira, parece bem cabeluda...
- Que coisa mais feia, Nando! Desse jeito a Vó nem vai querer contar a história!
- Queca, não enche. E fecha a boca, senão a Vó não vai contar é nada!
- Tá bom, crianças, mas fiquem bem quietinhos e fechem os olhos.
- A senhora quer que a gente feche os olhos para dormir logo, mas isso não dá certo. A gente fica imaginando as histórias e quer saber logo o final. Mas as que a senhora conta só têm pé, porque cabeça que é bom...
- Fernando! – disseram as meninas juntas.
- Tá bom, tá bom, já fechei o depósito de besteiras! Entregas só amanhã de manhã...
- Acho bem bom! – Disse Érica, que já estava ficando irritada.
- Fernando era sempre assim: não perdia uma única oportunidade de se divertir, não importava à custa de quem fosse. Sua *vítima preferida* era a avó, sempre paciente com eles e, por que não dizer, condescendente demais pelo fato de terem perdido o pai tão cedo. Ela se fazia presente sempre que podia e ajudava a mãe deles em muitas coisas, no que fosse preciso. Depois da morte do pai, a mãe das crianças voltou a dar aulas e mergulhou de vez nos estudos: quase nove anos depois, ela não se casara de novo, nem tivera namorado. Parecia que os anos não se passavam para ela, mas nunca mais se interessara por ninguém.
- Depois de falar muito, finalmente sossegaram e Dona Ester, a avó, pôde começar a história:
- Perto da divisa entre Tubarão e Jaguaruna, onde hoje é uma fazenda, há muitos anos, não existia coisa alguma. Quase não tinha moradores por lá. O falecido papai contava que só tinha uma casinha, muito velha, no meio do capoeirão, onde morava uma velha senhora e seu filho. O rapaz, mesmo sendo muito bonito, não tinha namorada. Também não tinha amigos e nem mesmo freqüentava o bar, o único que tinha em Congonhas naquela época. Esse fato se passou quando o bisavô de vocês era moço.
- Então, no “tempo do guaraná de rolha...”
- Não interrompe, Nando! – disse Carola.

- É, Nando, não me interrompa. Na verdade eu nem sei se naquele tempo já se fabricava a bebida do guaraná, quanto mais de rolha. Mas voltando à história, esse moço era muito estranho para os outros moradores. Vocês sabem que em lugar pequeno todo mundo se conhece, conversa, mas ele não era muito de “dar os beijos” a falar com os outros. Papai nos contou que, com o tempo, a mãe do rapaz, que já era bem velhinha, morreu. Depois disso mesmo que ele quase não saiu mais de casa: só vinha na praça para comprar comida, e ainda assim, bem pouco, porque ele plantava e colhia quase tudo o que precisava. Ninguém jamais soube de onde vinha o dinheiro que usava para comprar o que precisava porque seu único trabalho era cuidar do sítio e, como não tinha amigos, não vendia nada do que produzia lá. Mas dizem que ele nunca comprou nada fiado: não devia nada a ninguém. O certo é que, como ele era muito calado, tudo o que acontecia de estranho, diziam que era ele que fazia.

Naquele tempo, as pessoas eram muito supersticiosas, e acreditavam em muita coisa que hoje em dia ninguém acredita mais. Diziam que no capoeirão tinha saci, mula sem cabeça e, o pior de todos: o lobisomem!

Como o dito rapaz não dava conversa pra ninguém, começaram a dizer que o lobisomem era ele. Ninguém foi atacado, mas nas noites de lua cheia, ouviam uivos de arrear, e se os animais não estivessem bem presos, coitadinhos, viravam comida de lobisomem!

Mas não existe cura para quem vira lobisomem. Se um homem for atacado e mordido por um bicho destes, ele passa a se transformar no monstro todas as vezes que a lua fica cheia. E esse rapaz, um dia, se apaixonou pela filha da Dona Noquinha.

- Quem é a Dona Noquinha? – Perguntou Érica, muito interessada.

- Ah, ela já morreu há muitos anos, minha filha. Eu não a conheci, mas ouvi dizer que ela era tão velhinha que não tinha um único fio de cabelo preto, era tudo branquinho, parecia a geada do inverno!

- Mas não tem nenhum parente dela que esteja vivo?

- Ah, tem sim, deve ter.

- Quem?

- Não sei te dizer. Mas alguém lá em Congonhas alguém deve saber. Principalmente os mais velhos...

- Hummm... –Érica estava pensativa, os três se entreolharam, como se estivessem se comunicando num código secreto que não precisasse de palavras.

- Continua, Vó. – pediu Carola. Os três, que estavam deitados e cobertos, imediatamente fecharam os olhos e ela continuou:

- Bom, a filha da Dona Noquinha era uma moça muito bonita: tinha a pele bronzeada pelo sol da roça, os olhos negros como duas jabuticabas, e os cabelos eram lisos e negros, parecendo uma seda valiosa...

- A senhora a conheceu? – interrompeu Érica, mais uma vez.

- Não, mas era o que o teu bisavô contava. Ele disse que a conheceu e que ela nunca tivera namorado, até encontrar o lobisomem.

- Então ela era namorada do lobisomem? – perguntou Carola.

- Bom, o teu bisavô contava que eles se apaixonaram e começaram a namorar. Mas me deixa contar como foi: os dois se viram pela primeira vez na festa de Páscoa, quando todo o povo se reunia na igreja...

- Então o lobisomem entrava na igreja?

- Não, Fernando, eu não sei. – Dona Ester se atrapalhava com as perguntas dos netos - Sei que eles se viram na rua. Ele viera até a Praça para comprar alguma coisa e ela estava a caminho da Igreja, para a missa de Páscoa. Isso foi depois que a mãe dele faleceu. Dizem que eles ficaram parados, se olhando, na rua, como se estivessem hipnotizados!

- Uau, que fatal!

- Uau, que “chatal”! Fecha a matraca, Nando!

- O que é “chatal”, Érica?

- Nada, não, Vó! Só pra rimar com fatal. Esse abusado não se liga, mesmo!

- Se vocês não pararem de interromper eu não vou contar mais...

- Pode deixar, Vó. Se o bobalhão do Nando começar de novo nós vamos pedir ajuda pra caixa de primeiros socorros.

- Pra quê? – coitada da avó, não entendia quase nada do que eles diziam. Adoravam inventar palavras novas e sua linguagem, muitas vezes, era realmente difícil de se entender.

- Pra fechar a matraca dele com esparadrapo!

- Ah, crianças!

- Vai logo, Vó! Parece que agora é que vai ficar quente!

- Quente como, Carola?

- Quer dizer, interessante...

- Tá bem! Vamos lá. Nesse primeiro encontro, Dona Noquinha teve que puxar a filha pra continuar o caminho e todos que estavam pela rua viram que ele ficou parado, olhando pra moça, até que ela e a mãe entraram na igreja. E que ela, a cada dez passos, olhava pra trás.

- Quem contou?

- Contou o quê, Nando?

- Que cara chato! - desta vez era Carola que reclamava do irmão.

- Os passos, Vó! – disse Nando, como se explicasse o óbvio.

- Ah, é modo de dizer, meu filho. É que nem bem andava, a moça já olhava pra trás, é isso. Mas não interrompa.

- Vó, será que a senhora pode me trazer um copo d'água? – Pediu Carola.

- Claro, meu bem, só espere um pouquinho. – Dona Ester saiu do quarto para buscar a água.

- Babaca! Pára de encher o saco! Não sabe que se começar a interromper a história, ela perde a seqüência e a gente não entende nada? – Carola ralhou com o irmão.

- Faça o seguinte – disse Queca - dá folga pro palhaço de plantão e deixa a Vó contar do jeito dela. Amanhã a gente esquematiza como vai descobrir a verdadeira história, e inteira! Falta menos de um mês para as férias de inverno, a gente tem pouco tempo, mas dá pra programar.

- Difícil vai ser descobrir tudo em uma semana, que é só o que vão durar as férias de inverno!

- Tudo bem, Carola, a gente dá um jeito, é só programar.

- É, Queca, ainda temos dois finais de semana em que podemos ir pra casa da Vó. Assim, fica mais fácil de descobrir o caminho das pedras.

- Ou dos morros, né, Nando. A gente não sabe onde o caminho vai dar e morro é o que não falta em Congonhas...

- Ainda...

- Ainda o quê, Nando? – era dona Ester, que voltava com a água.

- Ainda estava na cozinha, a senhora, Vó, demorando com a água! – Nando tinha uma rapidez de raciocínio impressionante! A avó nunca conseguira pegá-lo numa mentira.

- Eu fui ver se as portas estavam bem fechadas... Eu sei que apartamento é mais seguro, mas eu prefiro ter certeza de que está tudo trancadinho, principalmente hoje que a mãe de vocês vai chegar bem tarde.

- Bom, Vó, dá minha água. E já que a senhora trancou tudo, termina a história.

- Ta bom, Carola, então vamos lá. Mas não interrompam mais, senão eu me perco e esqueço da metade. Por falar nisso, onde eu parei, mesmo?

- Nos dez passos da namorada do lobisomem! – respondeu Nando, mais uma vez com sua ironia.

- Ah, bom. Bem, esta foi a primeira vez que eles se viram, e o povo todo ficou comentando. Os mais velhos ficaram com medo e chegaram a dizer que, na próxima lua cheia, o lobisomem atacaria a casa da Dona Noquinha.

- E.... – Nando começara a falar, mas o olhar fulminante das irmãs o fez parar imediatamente. – Esquece...

A avó franzira os lábios em reprovação, mas esta foi a última interrupção. Ou quase. E assim, Dona Ester continuou:



- Naquela mesma noite, os uivos do lobisomem já foram ouvidos pelas redondezas da casa da Dona Noquinha, e não para os lados do capoeirão. Todo mundo ficou aterrorizado, pensando que o lobisomem queria atacar a casa da moça.

- Mas o bicho não se transforma só na lua cheia?- Carola perguntou.

- É que a Páscoa é uma festa móvel, ela não cai sempre no mesmo dia do ano. Não sei dizer como se faz as contas, só sei que é sempre na lua cheia. Por isso o Lobisomem se transformou naquele dia, ou melhor, naquela noite. Os habitantes ficaram muito preocupados, e resolveram se reunir para matar o bicho. Deu muita briga, muita confusão, alguns queriam caçar o monstro, outros já estavam morrendo de medo de sair na rua à noite...

A verdade é que muito falaram e nada fizeram, pois papai contava que alguns até combinaram de se encontrar, armados, às onze horas, debaixo do anozeiro.

- O que é isso, vó?

- É aquela árvore onde hoje fica a pracinha, lá pertinho da casa da Vó, onde vocês gostam de brincar.

- Por que anozeiro?

- Porque todo mundo chama assim. Acho que a planta produz alguma noz.

- Hummmmm... – eram os três, em uníssono.

- Bom, como eu ia dizendo, combinaram, mas ninguém apareceu. A idéia era ir a pé do anozeiro até o capoeirão. Não queriam levar animais pra precisar cuidar e também pra não correr o risco de perder alguma criação. Como ninguém foi, o assunto acabou por virar conversa de bar. Quase todas as noites os homens se reuniam pra discutir qual providência seria tomada. Mas nunca chegavam à conclusão alguma.

- É, sei... eles se reuniam sob o pretexto de discutir como acabar com o lobisomem, mas a razão de verdade mesmo era acabar com o estoque de *birita* do bar. Quer pretexto melhor que esse para tomar umas e outras, se “encharcar” com os amigos quase todas as noites?

- Nando! – eram as meninas de novo.

- Tá bom, desculpem. Continua, vó...

- Então, o tempo ia passando e, a cada lua cheia, a história se repetia. Os uivos eram ouvidos cada vez mais perto da casa da Dona Noquinha. Mas o mais importante era que a moça, que trabalhava com o pai na roça, sem nunca sair, sem visitar quaisquer amigas, passou a sair para passear sozinha, sempre ao cair da tarde. Muito tempo depois descobriram que ela ia se encontrar às escondidas com o lobisomem.

- Com o lobisomem? – os três perguntaram juntos.

- Quer dizer, com o rapaz que todo mundo dizia que era o lobisomem. E isso durou muito tempo, até que um dia ele foi à casa da Dona Noquinha e a pediu em casamento.

- E ela aceitou?

- Aceitou, Queca. – Os três se entreolharam. - Eles disseram pra Dona Noquinha que estavam namorando escondido e queriam se casar. Ninguém queria que ela se casasse com ele, mas ela teimou, brigou, disse que se não deixassem ela fugiria com ele. Então, marcaram a data do casamento e dali uns meses os dois se casaram.

- Então o lobisomem entrou na igreja?

- Não. O casamento aconteceu na casa da Dona Noquinha. Naquele tempo, o Padre morava numa casinha nos fundos da igreja, onde hoje é o salão paroquial. A casa já não existe mais. Os casamentos eram realizados nas casas das pessoas e o Padre sempre ficava para a festa, não é como hoje em dia.

- E daí, vó?

- Daí que o Padre ficou meio receoso, mas acabou por realizar o casamento. O mais importante é que, depois que eles se casaram, nunca mais se ouviu uivos de lobisomem, nem na Vila, nem no Capoeirão. E ninguém nunca soube como foi que ele se curou.

- Mas eles viveram lá, tiveram filhos?

- Sim, por muitos anos eles viveram lá. Até que venderam as terras pras pessoas que hoje têm a fazenda. Acho que os netos deles ainda vivem por lá. Ou bisnetos, não sei. Sei dizer que são parentes porque todo mundo diz que eles são da família dos lobisomens.

- E ...
- E, o quê, Nando?
- E o que aconteceu depois?
- Depois de quê?
- Tá, Vó, o lobisomem se casou, teve filhos, mas, como foi que ele se curou? Qual foi a fórmula mágica que acabou com as transformações?
- Não sei. Ninguém sabe. Acho que ele foi o único lobisomem que se casou com alguém, por isso se curou.
- Ah, Vó, pára com isso. Casamento não cura ninguém de nada.
- Nando, se alguma outra coisa foi feita, ninguém sabe. Se eles conheceram o segredo da cura do lobisomem, guardaram a sete chaves, porque ninguém soube. Em lugares pequenos, todo mundo sabe de tudo, todo mundo é amigo e conta tudo pros outros, vocês sabem como é.
- Então acabou a história?
- Acabou, Carola.
- Vó, por que as pessoas têm tanto medo dos lobisomens?
- Porque são criaturas malignas, Queca. Dizem que eles atacam qualquer um, homem ou animal, só por desejo de sangue, por serem violentos. Por isso ninguém quer ir aos lugares onde dizem ter lobisomem.
- Mas na cidade nunca teve, não é, vó?
- Carola, as pessoas da cidade não acreditam nessas coisas. E se as pessoas evitam os lobisomens, fica difícil de eles conseguirem atacar alguém. Como envelhecem, também devem morrer, por isso é natural que tenham se acabado. Eu não sei de nenhum lobisomem que tenha tido filhos lobisomens também.
- Mas eles só surgem se forem mordidos por outros?
- Não, Nando. Mais uma razão para não existirem mais. Dizem que quando um casal tem seis filhos, todos homens, o sétimo, será lobisomem. Como hoje em dia ninguém mais tem famílias tão grandes, com tantos filhos, é natural que não existam mais.
- Interessante...
- O que é interessante, Queca?
- E se forem sete filhas, ao invés de sete filhos?
- Ah, aí dizem que a sétima é bruxa. Dizem também que o sétimo filho, não importando o sexo dos irmãos, é sempre bruxo ou bruxa. Por isso o sexto filho é chamado de Sebastião; e a sexta filha de Benta, para quebrar a maldição.
- Quer dizer que as pessoas queriam ter famílias tão grandes assim, antigamente?
- É que antigamente, Nando, não existia nenhuma maneira de “evitar” ter tantos filhos. Hoje existe.
- É, eu sei. Mamãe já nos falou sobre métodos, como as pílulas e preservativos...
- Já? – perguntou Dona Éster, muito surpresa. – Preciso conversar ela sobre isso. - Dona Ester achava as crianças muito jovens para saberem essas coisas. Mas a mãe deles julgava que “informação é sempre a melhor arma”, e conversava sobre tudo com os filhos. Sempre respondia as perguntas que eles lhes faziam, o que não era nada fácil: os três estavam sempre pegando a mãe de surpresa. Mas ela pedia pra conversarem numa outra ocasião, que eles nunca a deixavam esquecer. Assim ela tinha tempo para se “preparar psicologicamente” para os “interrogatórios” dos filhos.
- Dona Ester deu um beijo de boa noite em cada um, ajeitou os cobertores e saiu pra se deitar em outro quarto. Mal cruzou a porta já havia uma lanterna acesa nas mãos de Nando: assim a avó não perceberia a luz, e julgaria estarem dormindo.
- Responda rápido, sem pensar: Qual o pé e a cabeça da história?
- Pára com isso, Nando. Vocês ouviram ela dizer que ainda tem parentes deles que moram lá. Precisamos descobrir quem são.
- Disso nós já sabemos, Queca. Mas como?

- Fácil, Carola. Nós pediremos pra passar esse final de semana na Vó. Chegando lá, começaremos a perguntar pras pessoas mais velhas os detalhes sobre essa história. Lembram? Em lugares pequenos, todo mundo sabe de tudo. Nós saberemos também.

- Tá, e depois?

- Depois, Nando, nós traçaremos outros planos. Mas precisaremos saber uma coisa que me deixou intrigada.

- O quê? – os dois perguntaram.

- O dinheiro do lobisomem. Alguém vai ter que me responder essa pergunta: de onde vinha o dinheiro do lobisomem.

- Eu já tinha até esquecido desse detalhe. Interessante...

- Nando, pra toda pergunta existe uma resposta. Pode ter certeza.

- É, Queca, mas acho melhor a gente dormir logo. Daqui a pouco a Vó vem ver se as cobertas continuam no lugar e se ela pega a gente com a “boca na botija” o negócio “vai feder”.

- Eu não gosto desse teu jeito de falar, Nando.

- Tudo bem, eu te perdôo. Agora vá dormir!

- Esse guri é nojentto! - disse Queca, deitando-se e ajeitando os cobertores.

- Queca – chamou Carola, num sussurro – será que não é perigoso mexer com essa coisa de lobisomem?

- Se for perigoso, a gente pára. Não se preocupe. Nós nunca nos metemos em encrencas. Quer dizer, nada realmente sério, não é mesmo?

- Tá bom... Boa noite.

- Boa noite, Carola. Boa noite, Nando.

- Boa noite, gurias.

Mas foi uma noite curta: antes mesmo que o sol nascesse os três já estavam de pé na cozinha, preparando chocolate quente. Quando Dona Ester levantou-se e deu de cara com os três, levou o maior susto.

- O que vocês estão fazendo de pé tão cedo se só tem aula à tarde?

- Ah, já não tem mais sono pra gente dormir, Vó! – disse Carola.

- Vó, tudo bem se neste final de semana a gente for pra casa da senhora?

- Tudo bem, Queca. Mas será que a mãe de vocês vai deixar?

- É bom pra ela também, Vó: assim ela descansa um pouco. Todo final de semana ela fica arrumando a casa, inventando coisas diferentes na cozinha, sabe, pratos novos, coisa e tal. Se nós não estivermos aqui, certamente ela vai dormir até mais tarde, o que vai fazer bem pra ela.

- É, Nando, é verdade. Mas ela também poderia ir com a gente, não é mesmo?

- Vó, ela não vai querer ir. A senhora sabe, depois que o pai morreu ela nunca mais dormiu na sua casa. Ela deve ter lá as suas razões.

- É, Queca... ela deve ter... – Dona Ester saiu da cozinha ainda falando, com um jeito triste. Esse assunto era delicado. Nem ela nem a nora tinham conseguido superar a morte do pai das crianças: cada uma a seu modo fazia as coisas de maneira a não lembrar o passado. A mãe mudara de casa e de profissão. A avó nunca mais conseguira reuni-la com os filhos em sua casa, mas não se empenhava muito nisso.

- Bom dia, garotada!

- Bom dia, mãe! – os três responderam em uníssono.

- Mãe, hoje é sexta-feira, que tal se a gente for pra casa da Vó depois da aula? Ela vai embora no final da tarde, não é?

- Eu creio que sim, Queca. Mas por que não ficam em casa nesse final de semana? As férias já estão chegando e certamente ela vai querer levá-los para lá quando o recesso de inverno começar.

- Mesmo assim... tu estás sobrecarregada de trabalho, e lá a gente se diverte bastante. Nós levamos o material pra fazermos as tarefas lá. Voltamos na segunda de manhã. Que tal?

- O que a Dona Ester acha disso?

- Ah, mãe, ela nunca se opôs, não vai ser agora que vai começar...
- Vou pensar. Agora só vou tomar uma xícara de café e vou pra escola senão me atraso. Na hora do almoço converso com Dona Ester. A propósito, ela já levantou?
- Já. E nós já falamos com ela. Eu vou arrumar minhas coisas.
- Que coisas, Nando?
- Coisas, mãe: roupas, uns brinquedos, talvez um livro...
- Está bem. Se ela disse que tudo bem, então tudo bem.
- Mãe, tu és a melhor mãe do mundo! – disse Nando, beijando a mãe no rosto.
- Hummm, isso me cheira a armação! O que é que vocês andam aprontando? Por que querem tanto ir?
- Mãe, não liga pras loucuras desse cara! Tudo vira exagero nesse cérebro de doido.
- Obrigado pela defesa, Carola. Mas não tenho nada de doido, ainda... – e saiu às pressas da cozinha, levando a xícara de chocolate quente, para preparar suas coisas, depois de fazer uma careta.
- O que ele quis dizer com isso?
- Só Deus sabe! Mãe, “não esquenta”, senão vais acabar te atrasando. Deixa que até o almoço a gente descobre as loucuras dele. Beijo.- disse Queca.
- Beijo, meninas. Tchau.- mas ela saiu desconfiada. Certamente se pudesse ficaria em casa só pra descobrir se não tinha nenhuma armação por trás da repentina vontade de ir para a casa da avó. Geralmente as visitas eram programadas com mais antecedência.
- Tão logo a mãe saiu, as meninas foram pro quarto do irmão, onde ele guardava suas coisas, pois freqüentemente dormia no quarto delas pra poderem conversar.
- Ótimo, seu “Boca Aberta”! Tinha que dar uma indireta, não é? – Queca já entrou reclamando.
- Que indireta?
- Ela saiu toda desconfiada. Agora vamos ter que inventar alguma coisa pra ela não ficar preocupada. O que vamos dizer?
- Diga que eu estou “louco” pra ver a criação de canários do Geraldo. Ela vai acreditar. Ainda mais que na segunda-feira ele ligou dizendo que uma ninhada nasceria provavelmente neste final de semana. Bom alibi, não, Carola? – olhava a irmã com cara de que ninguém poderia ter tido idéia melhor.
- É verdade. Mas por que não manteve a boca fechada?
- Vai ser melhor assim. Desse jeito ela não vai se preocupar. Só não podemos esquecer de observar o nascimento dos bichos, porque vai ser a primeira coisa que ela vai perguntar quando voltarmos. – dizia Nando, enquanto colocava roupas numa mochila que estava sobre a cama.
- Certo! Então vamos preparar nossas coisas.
- Preciso pegar um caderno de anotações e traçar alguns planos. Carola, enquanto arrumo minhas coisas, pergunte pra Vó sobre as pessoas mais velhas da nossa família que ainda moram por lá. Depois eu vou fazer umas perguntas e tu arrumas as tuas coisas, tá bom?
- Tá! – disse Carola, levantando-se da cama e indo à procura da avó.
- Queca, anota no seu caderninho que eu vou começar pelo Geraldo. Enquanto vocês saem à caça de informações, eu observo os pássaros e já aproveito pra perguntar o que ele sabe. Matamos dois coelhos com um só tiro.
- Muito engraçado!
- Vai dizer que não é uma boa idéia? Quando anoitecer e a gente for deitar juntas todas as informações e traçamos novos planos, que tal?
- É, tenho que reconhecer que, às vezes, mas só às vezes, o teu cérebro tem idéias que se aproveite!
- Convencida! Pensa que só porque é a mais velha também é mais inteligente!
- Não penso: tenho certeza! Afinal, são dois anos a mais de conhecimentos. Te vejo depois!

Nando ficou olhando a irmã sair do quarto com uma cara de nojo: não tinha argumentos pra continuar a discussão. Queca saiu com um ar de superioridade e foi a seu quarto preparar a mochila. Enquanto isso, Carola já estava com a avó na sacada, onde dona Ester molhava as plantas, fazendo um inquérito, discretamente:

- Vó, nós temos muitos parentes velhinhos?

- Temos, sim! Nossa família tem uma grande longevidade, principalmente do lado do teu avô.

- É mesmo? E alguns deles ainda vivem lá em Congonhas?

- Sim, muitos deles. Inclusive alguns por parte do meu pai.

- E nós podemos ir visitá-los?

- Claro que sim. Eles vão gostar muito da visita de vocês!

- E eles moram longe?

- Alguns sim, mas temos dois bem perto. A tia Clarinda, que está bem velhinha e adora crianças mora bem pertinho! Vocês vão gostar muito dela. E o Seu Domingos também. Sem contar o teu bisavô.

- E... Vó, será que ela, a tia que mora bem pertinho, se incomodaria de nos contar alguma coisa sobre antigamente?

- Como assim? Não entendi?

- É que a minha professora vem falando em fazer uma pesquisa sobre mudanças, sabe? Mudança da cidade, e...

- Evolução? Progresso?

- Isso! Isso mesmo! E eu pensei que uma pessoa bem mais velha pudesse ajudar. A gente ouve o que ela tem a dizer e depois a Queca e o Nando me ajudam a fazer a redação. Mas eu não queria incomodar. Será que ela vai se chatear?

- Não, meu bem! Ela vai adorar! A tia Clarinda recebe tão poucas visitas, se sente tão sozinha que vai gostar muito! Vamos combinar o seguinte: quando chegarmos, eu preparo um bolo bem gostoso. Assim vocês levam e vão tomar um lanche com ela. Durante o lanche, vocês aproveitam para perguntar sobre as coisas que precisam saber. Ah, ela adora relembrar o passado! Vai fazer muito bem à velhinha!

- Puxa, Vó! A senhora é o máximo! Vou correndo contar aos outros! – Deu um beijo estralado na avó e saiu correndo em direção ao quarto.

- Queca, legal! A Vó disse que nós temos uma parenta bem velhinha que ainda mora lá. Ela disse que a mulher quase não recebe visitas, que adora crianças, adora relembrar o passado e que vai fazer um bolo pra gente ir fazer um lanche com ela. Eu disse que tenho uma pesquisa pra fazer sobre os tempos passados e ela disse que a tia... Olinda, Lucinda...

- Clarinda.

- Isso, que a tia Clarinda vai adorar... *perai!* Tu conheces?

- Claro, “Mané”! A tia Clarinda, aquela velhinha que mora perto da igreja. De vez em quando a Vó pede pra gente levar bolos, biscoitos, um monte de coisas que faz pra ela, não lembra?

- É mesmo! – disse Carola com espanto.

- Eu já tinha pensado nela, mas foi a tua “costura” foi ótima.

- Que costura? Eu não costurei nada!?

- Ah! Esquece! Vem e ...

- Esquece nada! Que costura?

- A conversa com a Vó! Foi como uma “costura”, entende? Apareceu um pedaço novo, o teu trabalho pra fazer, e costurasse na boa. Bom, arruma as tuas coisas que a gente não pode perder tempo. Logo depois da aula já quero ir.

- Tá, então me ajuda pra ser mais rápido. E o Nando?

- Já deve estar com as coisas prontas, e o material pra aula de hoje também.

E assim eles prepararam as roupas que usariam no final de semana na casa de Dona Ester, mas levaram também outras coisas: um caderninho para as anotações mais importantes que descobrissem, uma lanterna para a eventualidade de precisarem sair à noite, uma bú-

sola que seria usada se acaso tivessem que entrar na floresta de eucaliptos, ou mesmo no capoeirão, pois uma parte dele ainda existia.

Depois do almoço, que foi preparado pela avó, limpavam a cozinha e já conversavam sobre o que fazer em Congonhas assim que chegassem. Foram pra Escola discutindo sobre o que fariam depois da conversa com Dona Clarinda, mas resolveram combinar mais alguma coisa depois de visitar a velhinha. A mãe não pôde vir almoçar em casa: precisara ir ao banco.

A aula de sexta-feira transcorreu normal e, como sempre, Fernando voltava pra casa reclamando da Professora de Ciências:

- Aquela mulher pensa que encher a gente de tarefas vai nos fazer aprender alguma coisa. Por que ela não nos dá uma experiência para fazer? Já que estamos estudando as plantas, por que não procurar pelas espécies que vimos nos livros? Até que seria legal, e no capoeirão deve ter um bocado delas...

- Ao invés de ficar falando da mulher, por que tu não levas teu livro e procura as espécies? Leva de presente para ela na segunda-feira.

- Queca, tu não tens noção...

- Quem não tem noção és tu. Certamente ela vai ficar contente com a tua iniciativa, vai fazer uma amostra das plantas para os outros alunos, sem falar que isto vai te render uns pontos extras. Viu? Vale ou não à pena?

- Deve valer, só que a gente já tem uma investigação pra fazer, esqueceu?

- Não, “sua mula”, mas vamos precisar de uma desculpa pra entrar no capoeirão. Ou tu pensas que a Vó vai nos deixar andar por lá assim, sem mais nem menos? Se tivermos uma desculpa, convincente como um trabalho de Ciências, ela vai arranjar alguém para nos guiar por lá.

- Mas temos a bússola.

- Mas não sabemos o que tem lá. Nem onde há grotões ou cachoeiras. Com alguém que conhece o lugar seria bem melhor. Mas, quem?

- O Geraldo. – disse Carola – ele costuma caçar no capoeirão.

- É mesmo! – disseram os outros dois.

- Então fica combinado. Quando chegarmos, já falamos pra Vó sobre o trabalho.

Quando chegaram, Dona Ester já os estava esperando. O filho mais velho dela viria buscá-los.

- Querem tomar um café antes de sair ou preferem comer lá em casa?

- O que a Vó fez de bom pro café?

- Tem Nega Maluca e pães d’água. Passei um cafezinho novo, tem leite também, se quiserem chocolate quente.

- Um “refrigerantezinho” que é bom, nada, né? Minha mãe com essa mania de que tudo o que é bom faz mal para saúde!

- Fernando, a tua Mãe não tem mania de que tudo o que é bom faz mal, não senhor!

- Não. Só o que a gente acha mais gostoso, né, Vó?

Fernando falava enquanto ia servindo-se de leite gelado, acrescentando chocolate.

- Não, meu filho, ela se preocupa com a saúde de vocês. Eu sei que muitas coisas que ela não deixa vocês comerem as outras mães dão pras crianças, mas ela sabe o que faz. Vocês tiveram vários problemas de saúde quando pequenos, mas ela sempre cuidou direitinho de vocês, e hoje, todos têm saúde de ferro. São até mais fortes que os meus outros netos. É bem por isso que eu acho que ela tem razão.

- Ta legal, Vó, eu te perdôo.

- Onde estão as meninas? – ela não percebera a ironia do neto.

- Tirando o uniforme. – falou com a boca cheia de bolo de chocolate.

- Que coisa feia, meu filho!

- Se preocupa não, Vó, a Mãe não tá aqui pra me chatear por causa da boca cheia.

- Quer dizer que perto dela tu não falas assim?

- Claro que não, Vó. E por que o senhor ainda não tirou o uniforme? Lavou as mãos?

- Ta treinando pra encher o saco dos teus filhos, é, Queca? Não sou tua cobaia!

- Mal educado! Queria que a Mãe tivesse um pouco mais de tempo pra ficar com a gente. Não entendo por que és tão diferente longe dela!

Fernando limitou-se a fungar. As meninas sentaram-se, já vestidas com jeans, camiseta, tênis, e mãos lavadas para o café da tarde.

Terminada a refeição, chegou o Tio Rivaldo, que não demorou muito na visita, apenas levou-os até Congonhas na casa da Vó Ester. Fernando acabou por sair ainda com o uniforme da escola.

Tão logo guardaram as mochilas no quarto em que sempre ficavam, Fernando foi na direção da porta de saída, pelos fundos.

- Aonde vai, meu filho?

- Bater um papo com o Geraldo.

- Daqui a pouco vai anoitecer...

- Esquenta não, Vó, só vou falar com ele sobre um trabalho de Ciências. Preciso ir ao Capoeirão e acho que a Senhora não vai me deixar ir sozinho.

- E não vou mesmo! Lá é muito perigoso, ta cheio de bichos!

- Legal!

- O quê?

- Legal, Vó, indo com o Geraldo, não preciso me preocupar. Mas nem sei se ele vai poder ir por causa dos passarinhos que nasceram.

- Ele falou mesmo que os bichos nasceriam por agora. Acho que é lua cheia...

Fernando olhou-a intrigado.

- Que foi, meu filho?

- Nada não, Vó. Só lembrei da história da noite passada. Lua Cheia lembra lobisomem.

- Ah, mas não te preocupes, já não tem mais disso por aqui...

Ele voltou, tomou um copo d'água e saiu. Geraldo estava no Paiol, cuidando de uma ninhada de Canários da Telha.

- E aí, Ge, tudo?

- Ô, "Carinha"! Veio ver os passarinhos?

- É. Aceitei teu convite, embora a minha mãe não goste de bicho preso. Só temos uma gata porque ela diz que o bicho é livre pra ir e vir...

- A tua mãe gosta de gatos porque eles não fazem barulho. Mas vocês já tiveram cachorro, também. Lembro disso, quando o teu pai era vivo. Tu não lembra?

- Não. Acho que eu era muito pequeno. Que cachorro era?

- Um Pastor Alemão. Tinha um nome em Inglês. Coisa da tua mãe. Claro. Como é o nome da gata?

- Jezebel.

- Como?

- Jezebel.

- Que nome pra botar num gato, heim?

- É uma gata. Mas e aí, quando é que vais caçar de novo?

- Por agora, não. Tenho os filhotes pra cuidar. Talvez eu dê uma volta pelo mato amanhã, mas não vou caçar.

- Posso ir contigo?

- Claro, Ratinho!

Fernando ficou surpreso. Não sabia por que tantas pessoas em Congonhas o chamavam de Ratinho.

- Eu tenho que procurar umas plantas pra aula de ciências. Já ia te pedir pra me levar, mas já que pretendias ir, melhor. Assim não te atrapalho.

- Atrapalha nada. Eu não sabia que tu gostas de mato. Se soubesse já teria te convidado antes. Tem uma cachoeira lá no capoeirão onde a molecada vai tomar banho no verão. Posso te mostrar.

- Legal mesmo seria aprender a me guiar, a andar no capoeirão sem me perder.

- Isso só te mostrando, mesmo. Mas amanhã a gente vê direitinho, lá dentro da capoeira.

- Ta combinado, então. É só me chamar.

- Então, pula cedo da cama, hem?

- Pode deixar!

Fernando levantou-se, limpou a calça de elanca do uniforme e voltou para a casa da avó, que era ao lado da casa em que Geraldo vivia. Fora nela que seus bisavós, pais de Dona Ester, moraram, o lugar onde a avó crescera. “Será que algum dia o lobisomem entrou aqui?” Ele pensava, olhando a casa de madeira, pintada de amarelo, com as janelas marrons.

- Que foi? Travou?

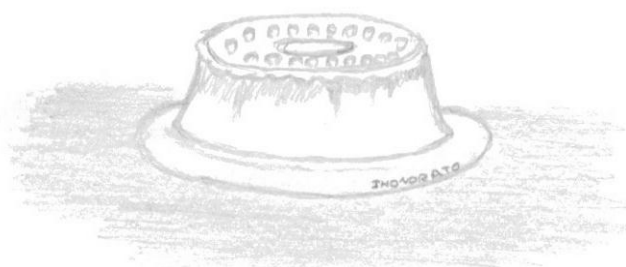
- Não, Queca. Tava pensando se o “lobis” nunca entrou nesta casa. O vovô João morava aqui, não é? E os pais dele, moravam onde?

- Não tinha pensado nisso...

- Claro que não! – dizendo isso, Fernando virou-se para entrar na casa da avó, o ar de superioridade recuperado.

## Capítulo II

### O bolo da tia Clarinda



- Não vou fazer um bolo muito doce porque a Tia Clarinda já está velhinha e pode fazer mal a ela.

- Mas tenho certeza de que vai ficar bem gostoso, Vó!

- Melhor vocês deixarem para visitá-la amanhã porque daqui a pouco já escurece e não os quero na rua à noite. Onde estão o Fernando e a Érica?

- Tô aqui! Vó, já conversei com o Ge. Preciso que a senhora me chame cedo amanhã. Ele vai pro mato e eu quero ir com ele fazer aquele trabalho.

- Acho melhor usares o despertador. Ele sai muito cedo.

- Cedo... a que horas?

- Umas cinco, cinco e meia...

-Hã? – a reação de Fernando era uma mistura de surpresa, deboche e desespero. – Pra que tão cedo? A capoeira não vai sair do lugar!

- É melhor perguntar a ele.

- É melhor ir dormir cedo, isso sim. Vou “beber” um banho.

- O quê?

- Tomar não é o mesmo que beber, Vó? Então, vou beber um banho!

- Esse menino...

- Esse moleque, né, Vó!

- Não fale assim, Carolina. Não gosto que chames teu irmão de moleque. E acho que a tua mãe também não gosta.



Carolina estava observando a avó preparar o bolo, e não respondeu ao seu comentário.

- Vó, lembra da história que nos contou ontem? – Era Érica que entrava, voltando da rua.

- Lembro, claro.

- De que família o lobisomem era?

- Hum... não consigo lembrar... o sobrenome deles... Vieira, Moreira, eu acho que era alguma coisa terminada em eira... quando teu avô chegar eu pergunto a ele. Mas por quê?

- Só curiosidade. É que a senhora falou que algumas pessoas daqui são parentes dele.

- São, sim, mas não lembro o sobrenome delas. Tem um menino que é descendente dele que estuda com o Marquinhos.

- Com o Marquinhos da Tia Catarina?

- É, Queca. Ele é mais ou menos da idade de vocês.

As duas se entreolharam, pedindo ajuda silenciosamente uma à outra para mudar de assunto.

- A Vó disse que vai fazer um bolo salgado, Queca.

- Não, minha filha, eu disse que vou fazer com menos açúcar!

- E não é a mesma coisa? O que não tem açúcar tem sal! - E a conversa tomou outro rumo. Fernando saiu do banho, vestiu o pijama e foi à cozinha, onde as três conversavam. Foi direto à geladeira, preparou um sanduíche de mortadela.

- Vocês vão deitar mais tarde?

- Sim, hoje tu vais dormir com as galinhas?

- Vou, Queca, no mesmo galinheiro que tu dormes...

- Palhaço.

- Quem começou?

- Crianças... a mãe de vocês não ia gostar nada disso...

- Por falar nisso, ela não ligou, Vó?

- Ainda não, Queca. Provavelmente ligará amanhã, hoje ela trabalha até dez e meia, não é?

- É. Mas às vezes ela liga no intervalo.

- Isso é quando a gente tá sozinho em casa. Hoje ela sabe que estamos bem acompanhados, né Vovuxa?

- É bem provável. Vocês deveriam morar mais perto daqui. Assim eu e ela ficaríamos mais tranqüilas...

- Mas ficaria mais difícil pra ela ir trabalhar, sem falar que ela gastaria bem mais com combustível, né Vó?

- Deve ser por isso, então...

- O que?

- Deve ser por isso que vocês moram tão longe, Nando.

- Ah, pode crer!

- Hã?

- Nada não, Vó. – e, terminado o lanche, levantou-se e pôs a louça na pia. – Vou deitar. Vocês não vêm?

- Daqui a pouco a gente vai.

- Tá, mas não demora muito.

- Por quê? – a avó achava estranho o fato dele chamar as irmãs pra dormir tão cedo.

- Tenho medo do escuro, Vó. – e saiu em direção ao quarto.

- Não sei por que, mas às vezes acho que teu irmão está mentindo.

- Não liga, Vó. Vai ver ele quer falar sobre o trabalho de Ciências e não quer te chatear com isso.

- Mas eu não me chateio!

- Mas ele já é chato por natureza. Liga não.

Não demorou muito para as meninas irem deitar. Dona Ester ainda ficou mais um pouco, e eles tiveram que conversar muito baixo pra não despertar a atenção, pois ela poderia passar pelo corredor e ouvir algo comprometedor. A porta do quarto, propositalmente, foi deixada aberta, o que também não era costume dos três.

- E aí? – Queca queria saber sobre o combinado com Geraldo.

- Ele disse que vai de manhã bem cedo ao capoeirão. Pedi pra ir junto e ele deixou. Nem precisava daquela mentira deslavada do trabalho de Ciências. Ele disse que quando eu quiser ir junto é só avisar. Só que a Vó disse que ele sai mais ou menos umas cinco e meia, por isso preciso dormir logo. E aí, o que descobriram?

- Que um “lobisominho” estuda com o Marcos da Tia Catarina.

- Sério? – sentando-se na cama.

- É só modo de dizer. Parece que o guri é bisneto, trineto ou sei lá o que do cara. Vamos averiguar amanhã, depois de ir até a casa da Tia Clarinda.

E assim, conversaram sobre os planos, o que cada um descobriu e logo deixaram que Fernando dormisse. As duas, porém, ainda ficaram assistindo à TV por um bom tempo.

Antes de se deitar, por volta das onze, a avó veio ao quarto dizendo que tinha conversado com o marido, seu Nicolau, a respeito do sobrenome da família do lobisomem. Ele também não lembrava. Conversou um pouco ainda com as meninas, sentada na cama, e logo foi deitar-se.

- É melhor a gente desligar a TV e dormir também. Precisamos reunir o maior número possível de informações. Boa noite, Carola.

- Boa noite, Queca!

Antes mesmo de romper a aurora, Fernando levantara. Sentia frio, muito mais do que o habitual: nunca saíra da cama tão cedo. Trocou o pijama e foi à cozinha procurar algo pra comer, mas teve uma grande surpresa: seu avô, seu Nicolau, olhava pela janela. Achou estranho o avô levantado tão cedo, mas sentir-se enregelado pelo frio fez o pensamento sumir.

- Bom dia, Vô. – sentou-se encolhido.

- Oi. Quer um café? O Geraldo já levantou há tempo. Acho que ele está só te esperando.

- Vou comer alguma coisa antes de sair, mas tô sem fome...

- Nunca levantou tão cedo, né? – O comentário lembrou-lhe de que nunca soubera do avô também acordar tão cedo.

- Nem o Senhor, né, Vô...

- Tua avó me perguntou o nome do Lobisomem ontem, e quando eu não lembro alguma coisa, fico agoniado. Não consegui dormir direito. Acabei sonhando com o bicho, e isso me fez lembrar que uma neta dele mora aqui. O menino dela estuda com Marcos, mas não sei se ele usa o sobrenome da mãe. Eles são descendentes de italianos. – Fernando olhava com os olhos arregalados, bebendo as palavras do avô, com medo de perder alguma coisa.

- E o senhor lembrou, Vô?

O homem limitou-se a sorrir. Nando conhecia aquele sorriso como ninguém. Sorriu também.

- Claro que lembrei: é Luppi. A tua mãe falou alguma coisa sobre o sobrenome deles. Ela e o teu pai eram amigos deles. Mas disso eu não lembro grande coisa, só que eram amigos.

Fernando ficou surpreso. Certamente a mãe saberia de alguma coisa. A curiosidade, eles haviam herdado dela.

- Queria saber uma coisa... pra que vocês querem saber o sobrenome deles?

- A Vó nos contou a história deles quando dormiu lá em casa e ficamos curiosos.

- Só isso?

- Só.

Mais animado que nunca, Fernando encheu uma xícara com o café novo que o avô passara e começou a perguntar sobre o capoeirão. Geraldo entrou na cozinha e, com seu sorriso largo, foi logo perguntando:

- Como é, Ratinho, ainda encolhido?

Fernando tinha esquecido do frio. A informação que recebera do avô esquentara seu corpo como um bálsamo. Mas lembrou-se, de repente, de perguntar algo pra Geraldo:

- Por que Ratinho? – mas foi Seu Nicolau que respondeu, com ar triste:

- Era o apelido do teu pai. Rato Branco, porque ele era claro, branco como um rato quando criança...

Fernando não gostava de ver o avô daquele jeito e logo mudou de assunto.

- É frio assim no capoeirão?

- Que nada! Isso é só porque o sol ainda não saiu. Ta vendo o tempo? Cerração que baixa é sol que racha!

- Mas não vou tirar a blusa, só quando esquentar.

- E vai esquentar mesmo. Vamos Lá?

- Fernando terminou a xícara de café e o avô insistiu para que ele comesse algo, mas Geraldo falou que, se a fome apertasse, poderiam comer algumas frutas das árvores do capoeirão. E assim saíram, os dois, observados pelo avô que, de certa forma, não conseguia ver semelhança do filho no neto, além da aparência física. O pai do menino nunca gostara de aventurar-se pelo mato. Não caçava; como a esposa, gostava de ver os bichos livres. Mas gostava do churrasco que faziam da caça. Isso o deixou ainda mais triste. Bebeu seu café e saiu.

As meninas levantaram-se logo depois e, como Fernando, foram tomar café para começarem a agir. Mas Dona Ester também levantou cedo, e lembrou-lhes de visitar tia Clarinda. Elas já tinham outro plano em mente: falar com Marquinhos, mas tiveram que mudá-lo para não despertar suspeitas na avó. Arrumaram o bolo numa cesta com queijo, algumas frutas e temperos da horta de Dona Ester e se puseram a subir o morro. A névoa se dissipara e mostrava um dia ensolarado, um tanto quente para o inverno, que começara no início daquela semana.

A casa de tia Clarinda era simples, como a maioria das casas do povoado, de madeira, pequena, pois ela morava sozinha. Conversaram quase a manhã toda, lancharam, fizeram perguntas que Érica anotava e, mais que isso: a velha mulher guardava muitas fotos antigas...

Fernando e Geraldo, no capoeirão, esquadrihavam cada pedaço de terra. Nando com o livro nas mãos, arrancando folhas da vegetação e comparando-as com as gravuras. Geraldo, muitas vezes, olhava para as ilustrações e dizia o nome das ervas, o nome vulgar, como era conhecido, e levava Fernando onde elas eram encontradas. O menino ficou feliz por Geraldo ter levado uma bolsa de pano onde puderam guardar galhos e folhas, mas a maioria delas ele colocara dentro do próprio livro, pois não queria amassá-las. Fernando ainda riu muitas vezes da corruptela de alguns nomes de ervas: cantiga de mulata virou catinga de mulata, “êta, povinho preconceituoso!”, dissera; Artemísia era chamada de “artimijo”, dessa ele deu boas gargalhadas.

Cansados da caminhada, pararam perto de uma nascente e beberam da água e Nando começou a compreender o que a mãe, muitas vezes, lhes dissera sobre preservar certos lugares, sobre dar valor ao campo. Estirado no capim, olhava a luminosidade do sol por entre as árvores e viu que isso era bom.

- Se eu soubesse que era tão legal, teria vindo antes contigo.

- De admirar! Tua mãe, quando criança, era um moleque pelas capoeiras. Os teus tios é que contam, dizem que a “bichinha era tinhosa”... mas vocês nunca se interessaram. Puxaram ao teu pai.

- O pai não era muito de mato, não. Isso a Mãe nos contou. Mas eu não sabia que a “bichinha era tinhosa”...

- Teus tios disseram que ela era meio curupira.

Fernando riu, mas não entendeu a comparação da mãe com o espírito protetor das florestas.

- Como assim?

- Teus tios é que sabem... pergunta pra eles. Quando escuto essas coisas dos outros, não gosto de comentar. Tu sabes que, quem conta um conto, aumenta um ponto, e eu não gosto disso.

- É, só que a Vó, cada vez que conta, diminui um pedaço – disse, lembrando a história do lobisomem.

- Por quê?

Fernando, então, contou o “Caso do lobisomem” muito resumidamente para Geraldo, diminuindo mais ainda. Ele arregalou os olhos e disse:

- Nem brinca com isso. Tu bem sabes que não tenho medo de nada, mas respeito o mato como ninguém. Tua mãe sabe. Mas lá pros cantos da “Casa velha” eu não gosto de ir...

- Que casa velha? – Nando estava intrigado.

- Da casa que era da velha mãe do bicho... ele morou lá um bom tempo... é do outro lado da nascente...

Geraldo pareceu, pela primeira vez, assustado aos olhos de Fernando. Mas o garoto não desistiu:

- Então tu sabes onde fica!?

- Sei, mas não vais querer ir lá, né? Acho que nem o povo da Fazenda vai naqueles lados...

- Que é isso, Ge? Por que o medo? Ainda mora alguém lá?

- Não. Acho que nem bicho vai lá perto... melhor a gente ir andando...

E assim dizendo pegou a bolsa do chão, lavou as mãos uma segunda vez, fez o sinal da cruz e saiu a caminhar. Nando, surpreso, levantou-se logo e pôs-se a segui-lo, mas não tocou de novo no assunto. Começou a perguntar sobre os animais que caçava e onde encontrá-los, mas Geraldo aborreceu-se.

- Vais começar a fazer o que a tua mãe fazia, é?

Fernando parou, surpreso.

- E o que ela fazia?

- Destruía as armadilhas dos caçadores. Apagava os rastros dos bichos. Por que tu achas que teus tios a comparavam ao Curupira? Ela só não tinha esse apelido porque era mulher...

Fernando ficou intrigado. Chegou à conclusão de que não conhecia direito a própria mãe. Ela sempre defendeu os animais, falava em preservação, mas nunca lhes contara essas coisas. Perguntaria a ela, mas na oportunidade certa. Num dia em que ela não pudesse fugir da conversa ou adiar respostas para pensar bem antes no que falaria...

Chegaram em casa bem perto do meio dia e as meninas já os esperavam ansiosas, ajudando a avó com o almoço. Precisaram conter-se pra não falar nada na frente dela, e ficaram surpresos quando souberam que Seu Nicolau não almoçaria em casa. “Uma chance a menos” pensou Érica, pois tinha certeza que o avô sabia muitas coisas, e tinha a esperança de que sua boa memória ajudasse com seu “quebra-cabeças”.

Insistiram com a avó para que ela deitasse para descansar depois do almoço, que eles cuidariam da louça, mas enquanto não estava tudo arrumado, mesmo feito por eles, ela não foi deitar-se. Isso os deixou ainda mais apreensivos, pois não poderiam conversar na presença dela. A tarde de sábado se consumiria e eles não poderiam fazer muita coisa, pois nada era feito sem conversar, sem ser muito bem planejado antes.

Terminado o trabalho na cozinha, Dona Ester começou a inquirir Fernando sobre o capoeirão e ele não teve como fugir. As meninas ouviam receosas de que ele falasse algo que os comprometesse, e gelaram quando ele mencionou que o “tio” não quisera ir para os lados da “casa velha”. Sem saberem sequer o que isso significava, as meninas ficaram apreensivas, mas a avó explicou:

- Dizem que nem bicho chega lá perto. Era a casa onde morava o Lobisomem.

As meninas se entreolharam com medo da valentia de Fernando, mas ele limitou-se a dizer que Geraldo conhecia o capoeirão como ninguém, e se ele dissesse que não era pra ir para aqueles lados, ele não ia. A avó gostou do que ouviu.

- Parece que estás começando a criar juízo, meu filho.

- Vó, o Ge deve ter as razões dele pra dizer isso. Não pedi, nem discuti. Ele sabe muito bem o que faz.

E assim conversaram ainda por um bom tempo até que a mãe ligou. Dona Ester atendeu ao telefone – e as duas ainda conversaram um bocadinho até ela falar com cada um dos filhos. Nando mostrara-se diferente e ela percebeu. Mas o garoto não quis dizer nada, só falou que estava cansado porque fora ao capoeirão com o “tio”.

Mas a viúva não era boba. Sabia que algo estranho estava acontecendo. Pediu para falar de novo com Dona Ester. Desta vez, os três aproveitaram e foram para o quarto, mas Queca lembrou que não poderiam conversar abertamente ali porque a avó ouviria. Sentiram-se encurralados: foram jogar baralho.

Quando Dona Ester entrou no quarto e os encontrou jogando, achou estranho:

- Ué?

- Que foi, Vó? – Carola perguntara.

- Nada, não. Tua mãe vai almoçar conosco amanhã e já leva vocês de volta. Isso é bom porque ela vem aqui, mas é mau porque vocês vão embora mais cedo...

Os três se entreolharam, mas nada disseram.

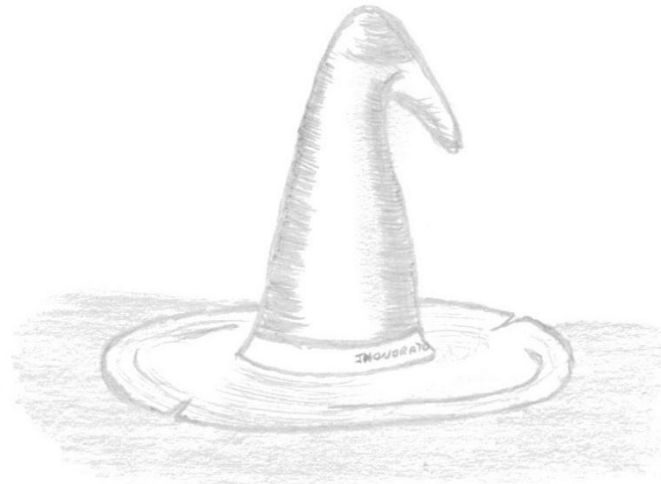
- Tô começando a achar que a mãe de vocês tem razão. Vocês parecem estar aprontando alguma coisa...

- Por quê? – os três perguntaram.

- Porque vocês sempre reclamam de tudo e desta vez não disseram que é bom nem que é ruim! Um sol destes e vocês jogando baralho... é muito estranho... Levantou-se da beira da cama onde havia sentado e saiu. Os três ficaram agradecidos por não precisarem dar novas explicações.

Parecia que tinham feito um acordo mudo, apenas se olhando, de não falar mais sobre o assunto. Terminaram a partida e cada um resolveu tentar agir da maneira menos comprometedor possível. Nem à noite enquanto assistiam à TV, depois de jantar, falaram sobre o assunto.

### Capítulo III – Uma surpresa de mãe



Morgana, a mãe das crianças, chegara por volta das nove horas. Isto não era comum. Normalmente ela chegaria perto das onze da manhã, apenas para almoçar, conversar um pouco e, em seguida, levá-los embora. Na verdade eles preferiam que ela fizesse isso no final da tarde.

As crianças estavam tomando café, e Dona Ester já começara com os preparativos para o almoço. Ela entrou, cumprimentou Dona Ester, beijou os filhos, pegou louças para servir-se também e sentou-se, como sempre, usando a cadeira à esquerda, ao lado da cabeceira da mesa onde Dona Ester sempre sentava. Serviu-se de café e anunciou, categoricamente:

- Precisamos conversar. – os três continuaram mudos. Os cabelos escuros, de um castanho avermelhado e a linha perfeita das sobrancelhas da mãe, combinados à sua firmeza na voz os amedrontavam. Ela continuou:

- Quem vai começar a contar o que está acontecendo? – Morgana servia-se com tranqüilidade. Mesmo sendo amiga dos filhos, condescendente até, não costumava dar muitas chances de fuga quando queria saber alguma coisa.

- Mãe, acho que estás viajando.

- Então, Fernando, quando tiveres absoluta certeza, me comunique. Não gosto de “achismos”. E, para sua informação, já conversei com Geraldo antes de entrar. Não soube de nenhum trabalho de ciências. Por que não me falou? Eu gostaria de poder ter te ajudado.

- Nem vem, mãe. Eu sugeri que ele coletasse as folhas. Sempre nos dissesse que deveríamos estar um passo à frente nas matérias que os professores fossem ensinar.

- Érika, é mais fácil tirar dúvidas do que iniciar um conhecimento novo sem uma prévia leitura. E o que isso tem a ver com a Casa Velha do Capoeirão?

- Ninguém falou nela.

- Carolina, o súbito interesse de vocês por virem até aqui num final de semana em que nada tinha sido programado, a ida até o capoeirão, a visita à Tia Clarinda sem que fosse solicitada... Muito estranho, não é?

- Quem te contou tudo isso?

- Tua avó e o Geraldo. Eu desconfiei da vontade súbita de vir pra cá, tua avó me contou da ida à Capoeira e da visita à Tia Clarinda, e o Geraldo me contou, *em detalhes*, a excursão pelo capoeirão. Simples, não é, Fernando?

- “Elementar, meu caro Watson”... Mãe, eu não sabia que tu eras detetive.

- Sou professora, e pressupõe-se que um professor saiba fazer interpretações... Mas não é isso que eu quero discutir: o que há? Ainda não descobri a razão do interesse súbito nessas coisas.

Dona Ester os observava. A viúva bebia o café e comia calmamente enquanto fazia as perguntas. Só tratava os filhos pelo nome de batismo quando estava chateada com eles. Isso emprestava um tom meio nervoso à conversa, embora ela parecesse estar lanchando com uma amiga. Fernando foi o primeiro a quebrar o silêncio. Precisava desviar a atenção da mãe para outro assunto. Contra-atacar seria a melhor estratégia.

- O Ge me contou que tu eras defensora dos animais, mas das matas, pra mim, é novidade. Eu não ia estragar nada na capoeira. Não fiz nada além de pegar umas folhas, uns galhos. Quanto à casa velha, eu só queria saber se tem alguma vegetação diferente naqueles lados. Lá parece ser diferente, mais escuro, até, quando visto de longe. Mas o Geraldo não quis nem falar no assunto.

- Ele tem suas razões para não ir até a casa velha. Eu sempre falei de preservação, não só de animais, como das matas, embora tu não possas fazer muito estrago sozinho. Quanto à vegetação do outro lado da nascente, a única diferença é que é mais densa, escura e as plantas são maiores.

- Por quê?

- Porque ninguém vai até lá. O terreno não é pisoteado, por isso é mais fofo e úmido. Assim a vegetação cresce sem a intervenção do homem.

- E que história é essa de destruir as armadilhas dos caçadores?

- Nunca gostei de caçadas. Quando o homem caçava apenas para comer, não fazia mal algum à natureza, mas quando começou a caçar para vender ou pelo prazer, passou a depredar. Imagine-se como um animal menor sendo caçado por outro que portasse armas. Certamente seria uma luta desleal.

- Mesmo assim, o Geraldo falou de um jeito estranho, parece que está faltando um pedaço nessa história...

- Talvez esteja, Fernando. Talvez. Podemos fazer um acordo: primeiro vocês me contam qual é a da vez, depois eu conto o pedaço da história que falta.

Os três se entreolharam. Não sabiam o que fazer.

- Ok. Se não querem contar, eu mesma descobrirei. – terminou o café, lavou a louça e anunciou – Vou ao capoeirão, Dona Ester.

- Fazer o que, minha filha?

- Não se preocupe. Vou descobrir o que esses três tanto escondem.

- Mas o Geraldo saiu...

- Eu sei me guiar, pode ficar tranqüila.

- Mãe... posso ir também?

- Pode, Fernando. E se vocês duas também quiserem, vistam-se de maneira a não atrapalhar. Nada de sandálias ou bermudas. Melhor um calçado que não escorregue. E usem blusas com mangas: a vegetação pode fazer cortes na pele.

Os três saíram para o quarto e Dona Ester ainda insistiu:

- Morgana, é melhor não ir...

- Pode deixar, Dona Ester. Também faz um bom tempo que eu não entro numa mata. Vou ver se as coisas ainda são como quando eu era mais jovem...

No quarto, enquanto as meninas calçavam os tênis, Nando dizia:

- Podemos perguntar a um dos nossos tios sobre a história que o Geraldo contou. E ele disse de um jeito estranho. Parece que a mãe era... hã... ele disse que ela parecia o curupira, e que só não tinha esse apelido porque é mulher, porque se fosse homem, a chamariam assim. O que vocês acham?

- Acho que a gente pode pensar nisso depois.

- Eu concordo, Queca. Agora quero saber o que a mãe vai fazer na capoeira. Vamos?

- Vamos! – em uníssono e saindo do quarto, os dois acompanharam Carola para a rua.

Lá fora, Morgana mexia no porta-malas do carro. Surpresos, os garotos perceberam que a mãe pegara uma grande mochila, trocara as botas de saltos altos por botinas rústicas e vestira uma jaqueta.

- O que é tudo isso?

- Talvez eu precise de acessórios no capoeirão.

Iniciaram a caminhada em silêncio. Quando entraram no capoeirão, os três viram Morgana inclinar-se e murmurar algumas palavras que não entenderam.

- Que foi, mãe?

- Nada. – ela estava tranqüila. Mais do que de costume.

- Dissesse alguma coisa...

- Não falei com nenhum de vocês. – e continuaram caminhando, as meninas logo atrás de Fernando, que seguia a mãe, formando uma fila indiana; ela sempre atenta, afastando galhos, mas sem cortá-los, o que fez Nando reclamar.

- O Geraldo corta os galhos. Ele disse que serve para marcar o caminho de volta.

- Eu sei voltar. Não preciso marcar o caminho.

- Como? Quem cresceu aqui foi o pai...

- Quem conhece a natureza não se perde. Não se preocupe, eu também trouxe a bússola.

Os três entreolharam-se mais uma vez. Sabiam que a mãe era um misto de tecnologia e tradição, mas, desta vez, tudo parecia diferente.

Quando chegaram à nascente, Morgana mais uma vez inclinou-se e balbuciou algumas palavras. Desta vez foi Queca quem reclamou:

- Eu sei que as pessoas que falam outro idioma, às vezes, pensam nessa língua, mas tu bem que poderias pensar em português quando estás conosco.

- Eu não pensei em outro idioma. Eu falei. Mas não falei com vocês.

- Então nos diga o que falou.

- Para quê?

- Pra nós não ficarmos com a sensação de que estás maluca, que tal?

- Preciso voltar aqui outro dia.

- Por quê?

- Por que vocês falam demais. Atrapalham a harmonia.

- Que harmonia? Mãe, falando a sério, se continuares assim, a gente vai bater um papo com um psiquiatra.

- Érica, há muitas coisas que vocês não sabem, mas como meu pai dizia, não se pode esconder tudo para sempre. Vocês sabem o quanto eu gosto de ler, de estudar. Isso inclui a terra, os povos e as religiões. Os mitos e lendas também. Mesmo não tendo me falado nada, o súbito interesse pelo capoeirão e a casa velha só pode significar uma coisa: o lobisomem.

Os três empalideceram.

- Não precisam ficar com medo. Não vou brigar. Curiosidade é uma qualidade. Só quem é curioso descobre coisas. Mas há um problema. Quem é pequeno e jovem deve conversar com os mais velhos sobre suas dúvidas, suas vontades. Não se deve brincar com o que não se conhece. Respeito é sempre o melhor caminho.

- Ainda não entendi o que viesses fazer aqui.

- Eu vim ver como estão as coisas, se não há perigo de mexer com o passado. Não vim aqui para ver o que tu e o Ge fizeram, Nando. Vim averiguar o lugar. Se estiver tudo bem, então vocês podem prosseguir com a curiosidade de vocês. A descoberta é sempre melhor do que alguém contar o que queremos saber.

- Mãe...

- Sim.

- Estou surpresa.

- Com o que, Queca?

- Sei lá, achei que tu fosses brigar com a gente...

- Por que razão?

- Por que nós estamos tentando...

- Tentando...?

- Bom...

- Fale logo. Tu sabes que eu só proíbo o que é perigoso ou impróprio para a idade de vocês.

- Bom... a verdade é que nós queremos descobrir o que aconteceu com o lobisomem.

- Ele foi embora daqui com a mulher. Não sei se tinham filhos.

- Isso nós sabemos. Mas o que aconteceu? Por que ele parou de se transformar? Como a mulher dele vivia, se ela tinha medo ou não, porque ela desafiou todo mundo, por que casou com ele, de que eles...

- São muitas perguntas que convergem para um só lugar.

- Que lugar?

- Exatamente aquele em que vocês não podem mexer: o tempo.

- Como assim?

Sentados perto da nascente, acomodaram-se melhor e mais perto da mãe, pois a conversa prometia ser longa.

- A lenda de que ele curou-se da lupinia correu, mas ninguém sabe o que o curou. Este tipo de coisa vira segredo de família, nem mesmo os mais jovens ficam sabendo, a menos que lhes seja passada a, digamos, receita.

- O que é lupinia?

- É como os antigos feiticeiros chamam o mal do lobisomem. Alguns estudiosos chamam de licantropia. Vem do grego.

- E como vamos saber?

- Vocês não queriam explorar o lugar? Vim pra levá-los. É melhor estarem sob os meus olhos, pois posso protegê-los e adverti-los de muitas coisas. Mas não vou ajudá-los a desvendar o mistério, a menos que...

- A menos que?

- Esqueçam. Não vou mexer com o tempo. Se vocês conseguirem descobrir, ótimo. Se não conseguirem, que pena. Não vou fazer o que não devo.

- Fazer o que?

- Nando, há muitas perguntas que eu não posso responder. Algumas porque não sei a resposta. Outras porque vocês não devem saber. Pelo menos por enquanto.

- Quanto mistério! Por que não nos diz logo?



- Por que a curiosidade faz bem. Até certo ponto, mas faz. O medo serve pra controlar as atitudes, de certa forma impedindo que façam coisas perigosas. Sempre que sentirem medo, me falem.

- Ainda não nos disse por que tanto mistério.

- Isso é algo que vocês precisam descobrir sozinhos. – e, pegando a mochila, levantou-se.- Vamos, se querem olhar o lugar, esta é a melhor hora. Não podemos demorar demais: o almoço nos espera.

Atravessaram o córrego pisando sobre as pedras úmidas, mas que não estavam encobertas pelas águas da nascente. O lugar era lindo, com vegetação densa, nativa, e o olho d'água brotava da pedra como um milagre. O sol quebrava o frio do início do inverno, iluminando o caminho, filtrado pelas plantas.

A casa velha era de madeira, mas boa parte era de pau-a-pique e estava em ruínas. Era escura e úmida, pois a sombra das árvores impedia a luz do sol de penetrar e aquecer. As crianças mostraram-se receosas de entrar. Morgana entrou primeiro. A parte de pau-a-pique parecia ser a cozinha, pois um fogão à lenha quase destruído ainda imperava entre escombros e sujeira. Um velho guarda-louças num canto abrigava uns poucos utensílios deixados para trás, uma mesa equilibrava-se sobre os três pés inteiros que restavam. Duas cadeiras quebradas, algumas latas e um baú completavam a mobília.

Carolina abriu o guarda-louças e a porta caiu, quase acertando-lhe o pé.

- O que é isso?

- Uma caneca.

- Isso eu sei, mãe, mas do que é feita?

- Esmalte. Não conheço o processo de fabricação, mas são bem resistentes. Antigamente a maioria das panelas, bules, canecas e chaleiras eram feitos deste material.

- Que cheiro!

- É a umidade. As paredes estão caindo por causa disso. As ripas apodrecem e o barro cai. É de admirar ainda estar de pé, pelo tempo que está abandonada...

- Se alguém morasse aqui isso não aconteceria?

- Se alguém providenciasse a poda das árvores ao redor e a retirada da vegetação que está muito próxima das paredes. Isso é o que segura a umidade. O sol não seca o que a chuva molha e as plantas retêm água no terreno.

Os três mexiam em tudo o que podiam: nas louças, nos pedaços caídos do fogão, em seu interior. Morgana passara para a parte de madeira, um pouco mais conservada, mas também precária.

Não havia sinal de pintura e a mobília, escassa pela mudança e pelos poucos recursos que a época oferecera, junto com as muitas teias de aranha penduradas nos cantos e obstruindo as portas emprestavam um ar de macabra desolação. Cadeiras quebradas, uma namoradeira empoeirada, uma mesa-de-centro muito baixa e um armário fechado complementavam o que deveria ter sido a sala; dois quartos sem mobília e um outro cômodo muito pequeno, sem porta, com um baú perfaziam a casa velha. Carola parecia estar enojada pelo mau cheiro, Nando explorava o que podia, Queca olhava e fazia anotações num caderninho.

- Nada de extraordinário.

- Não entendi.

- Mãe, em que essa velharia toda vai nos ajudar?

- É o começo, Queca. Vocês já sabem que eles viviam modestamente e que naquela época não havia muito em conforto. Agora resta analisar como viviam e o que faziam, juntar com o que têm de informações e tentar matar a charada.

- Não vejo como.

- Então já podemos ir.

- É, acho que não temos mais nada para fazer aqui. Ainda queres voltar, mesmo sem ter nada de interessante pra ver?

- Sim. Mas virei sozinha. E não diga nada à Dona Ester. Deixe que ela pense que vocês mataram a curiosidade e tentem buscar informações em outras fontes, mas com cuidado. As pessoas de lugares pequenos se mostram receosas de falar sobre estes assuntos.

- Vai nos ajudar?

- Um pouco. Mas não pensem que eu vou descobrir o mistério para vocês. Isso não é assunto meu.

Nesse momento, Fernando abriu a cortina podre do quarto da frente e algo saiu em revoada. Foi um tremendo susto, pois o morcego era enorme. As meninas gritaram, Fernando abaixou-se; Morgana nem se moveu.

- Vamos. – a mãe os conduziu para fora.

- Que morceção! – o garoto estava com os olhos vidrados. Levava um baita susto!

- Faça de conta que era o Batman, Nando. – ela divertia-se com o susto dos filhos.

Saíram pela mesma porta que entraram, a dos fundos, que estava quebrada. Havia uma porta na parede da frente da casa, mas parecia estar trancada e, como muito tempo passara desde que os antigos moradores a deixaram assim, certamente não conseguiriam movê-la. Os quartos tinham cortinas apodrecidas em lugar de portas e o cômodo pequeno não tinha nada além do baú encostado à parede. Queca ainda deu uma última olhada, como para certificar-se de que nada dali pudesse ajudá-los.

O caminho de volta foi divertido: falaram sobre ervas e pássaros, sobre os animais que vivem no capoeirão; mesmo assustadas com o morcego, as crianças ainda aproveitaram o passeio. Não tocaram no modo estranho de Morgana “resmungar” para a mata e para a nascente. Talvez o incidente com o morcego os tivesse feito esquecer.

- Mãe, aquele morcego ia nos morder?

- Não, Carola. Nessa região não existem morcegos vampiros, só frugívoros.

- Vampiros? – a garota arregalou os olhos e parou de andar. Parecia petrificada com a possibilidade de haver vampiros no capoeirão. Queca, que vinha logo atrás, empurrou; isso a fez voltar à realidade e prestar atenção ao que a mãe dizia:

- É assim que são chamados os morcegos que se alimentam de sangue, mas é muito difícil atacarem humanos. Geralmente eles mordem outros animais, como o gado que fica nos campos à noite, ou mesmo cães.

Carola ainda não parecia muito tranqüila:

- Por que não tem vampiros nessa região?

- Eu não disse vampiros, disse MORCEGOS-VAMPIROS: eles preferem as cavernas, e não temos muitas por aqui. Os frugívoros escondem-se em qualquer lugar que seja escuro durante o dia, como velhas construções, é o caso do nosso amigo “batman”.

- E o que é fru... fru o quê?

- Frugívoro, anta.

- Queca! – a mãe não gostava desse comportamento. Frugívoro é como são chamados os animais que se alimentam de frutos, Nando. Estes morcegos também se alimentam do néctar de algumas flores que só abrem à noite.

- Ainda bem. Eu não ia gostar de ter um “batman” daqueles grudado no meu pescoço! Não sabia que tem flores que só abrem à noite...

O susto parecia ter passado, pois o morceção virou piada. As perguntas iam se multiplicando, o assunto foi se desviando e, como sempre, divertiram-se muito com o passeio. Mas a piada do dia fora o susto, e ainda riam quando chegaram à casa da avó, que os esperava para almoçar.

- Já estava preocupada com vocês!

- Foi muito massa, vó!

- O quê?

- Irado mesmo!

- Hã?

- Deixem pra lá! Vão tirar as roupas sujas e lavar as mãos para o almoço. Eu vou em seguida.

- O que eles disseram?

- Disseram que foi divertido, Dona Ester. Os adolescentes têm um jeito só deles de conversar.

- Não me diga que vocês se divertiram no meio do mato?

- É, fomos até a nascente, vimos plantas, a casa velha...
- Credo em Cruz, minha filha! Não me diga que vocês foram lá?
- E aí, vó, o rango ta pronto?

- Vou lavar as mãos. – com uma troca de olhares, Nando e a mãe “combinaram mudar de assunto”.

- To morto da fome, vó!

- Que feio, meio filho! Não diga assim. Venha, vamos sentar e esperar as meninas pra rezar antes do almoço. – ele fez uma careta, mas esperou. A tática do “morto de fome” funcionou, pois a avó desviou a atenção do passeio. As meninas sentaram-se à mesa seguidas por Morgana que, depois da oração, elogiou a comida e falou de receitas, o que fez com que Dona Ester esquecesse completamente o passeio no capoeirão.

O almoço transcorreu muito bem, a vó Ester fizera carne de panela, maionese de batatas, arroz, macarrão e, para a sobremesa, pudim de leite. Fernando e a mãe conseguiram levar a conversa para os canários de Geraldo, os animais que ele caçava, a água que vinha diretamente da fonte do morro sem passar pelo tratamento da Companhia de Águas. Nesse ponto, Morgana percebeu que ter citado o morro não fora bom negócio.

- Bem, é melhor tirarmos a mesa e arrumar a cozinha porque ainda preciso fazer muitas coisas hoje.

- A gente ajuda, mãe.

- Não, podem deixar que a vó faz isso, queridos. Aproveitem um pouco mais o tempo que ainda têm aqui.

- Podemos, mãe?

- Podem, eu ajudo a vó. Onde está o vô Lau?

- É vó, cadê o vô?

- Ele disse que tinha uns assuntos para resolver e não viria almoçar. Não sei onde anda.

As crianças saíram logo, as duas ficaram limpando a cozinha, conversando sobre o trabalho de Morgana, como as crianças estavam se saindo nos estudos, até que o vô Lau apareceu.

- Alô, aonde andava o passeador?

- Fui fazer umas voltas...

- Aproveitar o domingo?

- É. Fui bisbilhotar um pouco.

- Bisbilhotar? Tu lá tens idade para bisbilhotar?

- Hora, Dona Ester, ele deve ter se interessado por alguma coisa importante. Não é Vô?

- Não fui eu, na verdade. Ontem de manhã, quando conversei com o Nando antes que ele saísse com o Geraldo, pensei que eles poderiam querer saber mais sobre o lobo, então fui bisbilhotar.

- Lobo?

- O Lobisomem, Vó. Mas o que o senhor poderia bisbilhotar? Ainda mais na cidade...

- Muitas coisas, Morgana. Muitas coisas. Mas vão ficar para uma outra hora. Ainda faltam umas informações. Bom, vou tirar uma soneca. Mais tarde a gente se fala.

- Vou pra casa, vô.

- Deixe as crianças. Ainda é domingo, amanhã eles voltam pra casa, as aulas deles são à tarde, não é mesmo? Assim posso conversar um pouco com eles.

- Se eles quiserem, por mim, tudo bem. Venho buscá-los no intervalo do almoço, pois eu trabalho de manhã.

- Então, se não vermos antes de saíres, até amanhã.

- Até amanhã, Vô.

- Dona Ester, quer ajuda pra mais alguma coisa?

- Não, não, aqui está tudo arrumadinho.

- Então vou dar umas voltas. Rever umas pessoas. Até mais tarde.

- Até logo, Morgana.

As crianças saíram sem dizer aonde iam, e Morgana também não falou nada sobre suas “voltas”. À tardinha, encontraram-se e despediram-se. Morgana voltou para casa e as crianças ficaram com os avós. Seu Nicolau já saía outra vez e a mãe dos meninos não se despediu dele. Voltou para casa. Pelo menos, foi para onde ela disse que ia.

Os três saíram caminhando pela estrada e aproveitaram para discutir um pouco os acontecimentos.

- O que vocês acham de todo esse mistério da mama?

- O que mais me intrigou foi ela ficar falando sozinha em outra língua. Ou melhor, ela não estava falando sozinha: quando faz isso, diz que pensa alto. Lembram?

- Lembro, Queca. E pra quê aquela mochila?

- Que ela nem abriu.

- É, Carola, e o papo da harmonia?

- É. Bem estranho mesmo. Mas vamos deixar esse papo para depois. Acho melhor decidirmos aonde vamos investigar.

- Mas não me sai da cabeça que teve um momento em que ela falou que não nos ajudaria, a menos que alguma coisa, e não continuou.

- Ela sempre consegue desviar a nossa atenção, Nando, todo mundo sabe disso. Mas vamos ao que interessa: onde investigar!

- Onde vamos bisbilhotar? Legal! Podem fazer os planos.

- Claro que podemos: minhas idéias são sempre melhores!

Nando ainda resmungou “convencida”; mas preferiu ouvir com atenção as instruções de Queca.

#### **Capítulo IV – Muitas informações, poucas pistas**

Depois que Morgana saiu, os três agiram normalmente: tomaram banho, jantaram, assistiram à TV no quarto e disseram à avó que já estavam prontos para dormir no momento em que ela foi ficar um pouco com eles. Dona Ester reclama da programação e diz que vai deitar-se também. Seu Nicolau fora ao Bar conversar com os amigos. As meninas começam, então, a contar para Nando sobre a conversa com tia Clarinda, que tentou assustá-las ao máximo. A velha senhora disse que ninguém deve sequer ter curiosidade por essas coisas, que bruxos e lobisomens são maus, que já haviam vivido algumas mulheres no povoado que tinham a fama de ser bruxas, e que tinham sido expulsas pelos moradores, que não querem essa rale por perto.

Desviando o assunto, a mulher mostrou muitas fotos antigas a elas, falou dos velhos tempos, contou que a floresta de eucaliptos já fora muito maior e que os novos donos das terras estavam “acabando com tudo”. Depois começou a fazer perguntas sobre elas, sobre Fernando, sobre Morgana e parecia, principalmente, curiosa em saber se Morgana tinha algum namorado. As meninas, como a mãe, detestavam esse tipo de conversa que, como dizia Morgana, “só serve de combustível pra fofoca, que é a atividade preferida de quem não tem nada pra fazer”. As meninas disseram que a avó deveria estar preocupada com elas por causa da demora, agradeceram e Queca disse que as informações já eram suficientes para o trabalho de Carola. No caminho, as duas sentiram-se frustradas:

- Ainda bem que não tens trabalho nenhum, senão ele viraria um trabalho sobre “preconceito sobrenatural”.

- Não entendi.

- Esquece.

- Ah, que raiva! Eu odeio quando vocês dizem: “esquece”. Significa que não querem me explicar as coisas. Eu tenho culpa de ser mais nova?

- Ta bom! – Érica resignara-se – é que ela não nos falou nada que se aproveitasse sobre progresso, além de dizer que a Floresta de Eucaliptos era maior e que “estão acabando com tudo”.

- Até aí eu entendi, mas e o preconceito sei-lá-o-que? – Queca suspirou.

- Histórias de Lobisomem, bruxa, vampiro, tudo isso é considerado sobrenatural.

- O que é sobrenatural?

- Ah, Carola, faz o favor! – Queca já estava irritada – vê se olha no dicionário! Há já saco pra conversar contigo!

Carola ficou emburrada, mas, discretamente, procurou um dicionário na casa da avó para descobrir o que era sobrenatural. Encontrou, mas não entendeu, ficando ainda mais chateada.

Marquinhos também não ajudara muito: falara sobre um menino que estudara com ele, mas que se transferira de escola porque os colegas o chamavam de lobisomem e ninguém se aproximava dele. Não sabia onde o garoto morava, e “mesmo que soubesse, não diria”.

Nando conta sua ida ao capoeirão com Geraldo, fala do medo que este tem da casa velha e eles ficam intrigados com a audácia da própria mãe.

Muitas coisas eram obscuras. Eles sabiam muitas coisas, mas nenhuma delas dava qualquer pista sobre o lobisomem. O que fazer? Os três estavam cansados e resolveram dormir. Quem sabe, na segunda de manhã, mesmo com pouco tempo, uma pista pudesse ser encontrada.

A manhã chegou fria e nevoenta, anunciando o inverno. Carola acordou primeiro, foi à salinha de TV que ficava conjugada com a cozinha da casa da avó, ligou o aparelho e ficou assistindo a uma sessão de desenho animado, deitada no sofá. Quando se dá conta, o avô está sentado ao seu lado.

- Que susto, vô!

- Susto?

- É. Não vi o senhor entrar aqui.

- Bobagem. É que eu estou descalço.

- Ah. Deve ser por isso que eu não ouvi.

- Cadê os outros dois?

- Dormindo.

- Ainda?

- Quer que eu os chame?

- Não. Depois eu falo com vocês. Mas longe da tua avó. Fale a eles que quero conversar.

- Ta bom.

Seu Nicolau volta para seu quarto, veste-se e, de pé em frente à Carola, lhe diz:

- Carolina, vou conversar com um velho amigo, depois vou cuidar dos animais. Vá com teus irmãos, depois do café, até o galinheiro. Lá nós podemos conversar sem a intromissão da tua avó.

- Ta bom.

Seu Nicolau sai e Carola continua assistindo à TV. Nando acorda e vem deitar-se na sala também.

- O Vô disse que quer conversar com a gente mais tarde, lá no galinheiro.

- No galinheiro? Pra que? Não tinha um lugarzinho mais fedorento pra escolher, não?

- Ele disse que quer falar longe da Vó. Se achas fedorento, passa o teu perfume no galinheiro.

- Gracinha.

- Oi, povo. – era Érica que se juntava aos dois.

- O Vô quer conversar com a gente...

- No galinheiro. Olha o lugar que o velho marca uma reunião! Ele quer nos castigar: cheirar estrume de galinha para aprender a não perturbar a vida deles.

- A troco de que?

- Não sei. Ele só disse que quer conversar longe da intromissão da Vó. O que será que ele quer?

- Só indo lá pra descobrir. O que tem pro café?

- Não sei. Vim direto pro sofá.

- Bom dia, crianças. Dormi demais, até o avô de vocês já levantou. Vou fazer um cafezinho novo. Tem bolo de laranja. – Dona Ester acabava de sair do quarto.

- Oba! – era o preferido deles, que levantaram para pôr as louças na mesa.

Depois de tomar café os três foram ver os canários de Geraldo, que os alimentava.

- Aí, ratinhos. Soube que vocês entraram na capoeira de novo com a mãe de vocês. O que ela queria lá? Destruir armadilhas?

- Nem falou nisso. Fomos...

- Fomos ver a nascente e a vegetação. – Érica interrompera o irmão, pois não queria que soubessem que haviam entrado na casa velha. Lembrou que Nando contara sobre o medo de Geraldo ao chegar aos arredores da casa.

- Ah. Bom, acho que não tinha armadilhas por lá, não é?

- Não vimos nenhuma.

- Nessa época quase ninguém caça. É muito frio.

Conversaram ainda sobre os canários e acharam nojenta a maneira como a mãe dos filhotes os alimentava: dava a impressão de que ela “vomitava no bico deles”. Enquanto falavam sobre as antigas rinhas de briga de galos, viram Seu Nicolau ir direto para o galinheiro.

- Vamos lá perturbar um pouco o Vô?

- Vamos.

- Falou, Ge.

E assim, os três saíram da velha garagem de madeira onde Geraldo abrigava os pássaros, indo para o galinheiro da casa ao lado.

- Todos presentes. Qual é a bronca? – era Nando que já começava reclamando.

- Não tem bronca nenhuma. Só pensei que vocês quissem saber mais sobre o lobisomem... – os olhos dos três faiscaram.

- Claro que queremos. Mas como o Senhor sabe disso?

- Eu contei, Queca. Quando levantei de madrugada, o Vô me falou o sobrenome do lobisomem. Eu esqueci de dizer a vocês.

- E qual é?

- É Luppi. Tem uns parentes deles aqui, outros na cidade. Ontem pela manhã, fui visitar alguns, saber se alguém estava disposto a falar sobre eles.

- Então conta, Vô! – Os três ficaram excitados com a perspectiva de ter mais informações.

- Calma, Érica. Visitei os daqui e os de lá. Ninguém quis falar nada. Quando se toca no assunto, eles dizem que não querem falar sobre isso, que é tabu.

- O que é tabu?

- Isso é melhor vocês perguntarem para mãe de vocês. Eu acho que é algo que não pode ser mexido, nem mesmo falado. Mas quero dizer uma coisa: eu também estou curioso. E se vocês precisarem de mim, se tiverem de fazer algo com a ajuda de um adulto, me chamem. Não falem pra Ester, ela tem medo. Eu não tenho. Ajudo vocês no que precisar.

- Puxa, vô, obrigada mesmo!

- É, pode crer! Se a gente precisar, a gente pede.

- E se descobirmos algo, te contamos, tá?

- Então está combinado. Quem descobrir algo, fala para os outros. Vou continuar tentando. E se precisarem, peçam. Quero saber como é que esse raio de lobisomem deixou de se transformar. Se é que deixou de se transformar.

- Como assim?

- Talvez... talvez a mulher dele tenha prendido o bicho, dado alguma coisa pra ele beber antes de se transformar... sei lá. E a tua mãe, vai ajudar?

- Não. Ela disse que não.

- Que pena. Inteligente como a danada é, é capaz de matar a charada rapidinho. Mas ela não gosta de se meter na vida dos outros.

- É, mas o bicho já morreu, não morreu?

- Deve ter morrido. Ele deveria ter a idade do teu bisavô João. Se estiver vivo, tem mais de noventa, com toda a certeza, e poucas pessoas vivem tanto, ainda mais uma que se transforma em lobisomem.

- Vê. Tenho uma curiosidade: mulheres não se transformam em lobisomem?

- Boa pergunta, Carola. Mas essa, eu acho que só a tua mãe sabe responder.

- Droga!

- Droga nada, Carola! Quando chegar em casa, vou dar um “abraço de jibóia” nela.

- Quê?

- Nando, fala língua de gente, faz o favor? – Queca, mais uma vez, dava bronca no irmão.

- Vou dar uma prensa nela, Vê. Aposto que ela vai adorar se gabar de que sabe tudo. Ou quase. Parece que ela também não sabe como o lobisomem se curou.

- Nem com aquele monte de livros que ela lê? Nem nos que vocês têm em casa? Duvido. Acho que ela sabe e não quer dizer.

- Mas que tipo de livro ensinaria isso?

- Não sei. Mas ela deve saber. Aproveita o teu “abraço, e faz a jibóia falar”.

- Não é isso, Vê. Eu não chamei a mãe de jibóia – Nando ria – eu é que vou bancar a jibóia e dar um aperto nela.

- Ah, bom!

- O que vocês fazem no galinheiro? – era Vó Ester que estranhava a súbita visita às galinhas.

- Viemos aqui ver se tinha pintinhos...

- Não, Carolina, não tem.

- Carola, vó. Carola.

- E o avô de vocês não disse que não temos mais pintos?

- Nós aproveitamos pra ver se tem ovos, mas não tem. – Seu Nicolau se justificava.

- Ainda é muito cedo. Colhi ovos ontem à noite. Que tal ir brincar com Marcos?

- Vou ligar pra ele.

- Vamos contigo.

- O que essas crianças têm?

- São crianças. Só isso.

Seu Nicolau também saiu do galinheiro, mas foi conversar com Geraldo. Dona Ester voltou pra casa sem entender o comportamento deles.

Marcos veio para a casa da avó e trouxe o vídeo game, mas ninguém se concentrava nos jogos. Acabou por ganhar todos.

- O que há com vocês? Ninguém ta jogando nada, hoje!

- É que faz tempo que a gente não brinca.

- O de vocês ta quebrado, Nando?

- Não.

- Então por que vocês estão tão ruins no jogo?

- Sei lá, provas, coisas pra estudar, futebol... nunca mais tínhamos jogado, perdemos o treino, só isso.

Ainda jogaram mais um pouco, almoçaram e, depois do almoço, não conseguiram conversar, pois Marcos estava sempre com eles. Antes de uma da tarde, Morgana veio pegá-los.

- Ah, tia, que pena! Por que não deixa pra ir embora mais tarde?

- Não, Marquinhos, nós temos que ir agora. Eles têm aula a uma e meia. Não tens aulas hoje?

- Não, tem Conselho de Classe.

Queca, Nando e Carola não disseram nada, pegaram as coisas e puseram no carro, indo para casa. Mal chegaram, vestiram os uniformes e foram de carona com a mãe para a escola.

Em casa, antes de dormir, enquanto Morgana preparava as aulas para o dia seguinte, os três falam dos mistérios da mãe. Ninguém se interessou por livro nenhum, nem mesmo Queca falara em ler antes de dormir.

- Alguém entendeu alguma coisa que ela disse quando a gente entrou no capoeirão ou quando chegamos na fonte?

- Não, Nando. Nada. Eu até pedi que ela dissesse o que era, mas ela desconversou. E na volta pra casa, ninguém tocou no assunto. Acho que ela começou a perguntar sobre os bichos do Geraldo de propósito. E tu ainda fosses otário, né?

- Eu, Queca? Quando?

- Quando começasse a falar sobre briga de galo. Ela esgotou o caminho de volta e a ida para a escola falando da crueldade com os bichinhos, sem falar na aula de “morcegologia” e nas explicações sobre plantas, bichos, depredação... Nem falamos no lobisomem.

- Nem perguntamos onde ela andou.

- Ela vai dizer que estava em casa, mesmo que tenha saído. Ninguém ligou pra cá pra saber. Mesmo que ela minta, nunca saberemos a verdade.

- Por falar em verdade, nada de novo sobre o nosso Lobis.

- É, nada mesmo.

- Pois eu vou dormir. Amanhã eu penso nisso. Boa noite, Queca, boa noite, Nando.

- Boa noite. – Nando e Queca entreolharam-se e nada mais disseram. Deitaram-se, Queca apagou a luz e foram dormir.

#### Capítulo IV – Muitas informações, poucas pistas



Depois que Morgana saiu, os três agiram normalmente: tomaram banho, jantaram, assistiram à TV no quarto e disseram à avó que já estavam prontos para dormir no momento em que ela foi ficar um pouco com eles. Dona Ester reclama da programação e diz que vai deitar-se também. Seu Nicolau fora ao Bar conversar com os amigos. As meninas começam, então, a contar para Nando sobre a conversa com tia Clarinda, que tentou assustá-las ao máximo. A velha senhora disse que ninguém deve sequer ter curiosidade por essas coisas, que bruxos e lobisomens são maus, que já haviam vivido algumas mulheres no povoado que tinham a fama de ser bruxas, e que tinham sido expulsas pelos moradores, que não querem essa rale por perto.

Desviando o assunto, a mulher mostrou muitas fotos antigas a elas, falou dos velhos tempos, contou que a floresta de eucaliptos já fora muito maior e que os novos donos das terras estavam “acabando com tudo”. Depois começou a fazer perguntas sobre elas, sobre Fernando, sobre Morgana e parecia, principalmente, curiosa em saber se Morgana tinha algum namorado. As meninas, como a mãe, detestavam esse tipo de conversa que, como dizia Morgana, “só serve de combustível pra fofoca, que é a atividade preferida de quem não tem nada pra fazer”. As meninas disseram que a avó deveria estar preocupada com elas por causa da demora, agradeceram e Queca disse que as informações já eram suficientes para o trabalho de Carola. No caminho, as duas sentiram-se frustradas:

- Ainda bem que não tens trabalho nenhum, senão ele viraria um trabalho sobre “preconceito sobrenatural”.

- Não entendi.



- Esquece.

- Ah, que raiva! Eu odeio quando vocês dizem: “esquece”. Significa que não querem me explicar as coisas. Eu tenho culpa de ser mais nova?

- Ta bom! – Érica resignara-se – é que ela não nos falou nada que se aproveitasse sobre progresso, além de dizer que a Floresta de Eucaliptos era maior e que “estão acabando com tudo”.

- Até aí eu entendi, mas e o preconceito sei-lá-o-que? – Queca suspirou.

- Histórias de Lobisomem, bruxa, vampiro, tudo isso é considerado sobrenatural.

- O que é sobrenatural?

- Ah, Carola, faz o favor! – Queca já estava irritada – vê se olha no dicionário! Haja saco pra conversar contigo!

Carola ficou emburrada, mas, discretamente, procurou um dicionário na casa da avó para descobrir o que era sobrenatural. Encontrou, mas não entendeu, ficando ainda mais chateada.

Marquinhos também não ajudara muito: falara sobre um menino que estudara com ele, mas que se transferira de escola porque os colegas o chamavam de lobisomem e ninguém se aproximava dele. Não sabia onde o garoto morava, e “mesmo que soubesse, não diria”.

Nando conta sua ida ao capoeirão com Geraldo, fala do medo que este tem da casa velha e eles ficam intrigados com a audácia da própria mãe.

Muitas coisas eram obscuras. Eles sabiam muitas coisas, mas nenhuma delas dava qualquer pista sobre o lobisomem. O que fazer? Os três estavam cansados e resolveram dormir. Quem sabe, na segunda de manhã, mesmo com pouco tempo, uma pista pudesse ser encontrada.

A manhã chegou fria e nevoenta, anunciando o inverno. Carola acordou primeiro, foi à salinha de TV que ficava conjugada com a cozinha da casa da avó, ligou o aparelho e ficou assistindo a uma sessão de desenho animado, deitada no sofá. Quando se dá conta, o avô está sentado ao seu lado.

- Que susto, vô!

- Susto?

- É. Não vi o senhor entrar aqui.

- Bobagem. É que eu estou descalço.

- Ah. Deve ser por isso que eu não ouvi.

- Cadê os outros dois?

- Dormindo.

- Ainda?

- Quer que eu os chame?

- Não. Depois eu falo com vocês. Mas longe da tua avó. Fale a eles que quero conversar.

- Ta bom.

Seu Nicolau volta para seu quarto, veste-se e, de pé em frente à Carola, lhe diz:

- Carolina, vou conversar com um velho amigo, depois vou cuidar dos animais. Vá com teus irmãos, depois do café, até o galinheiro. Lá nós podemos conversar sem a intromissão da tua avó.

- Ta bom.

Seu Nicolau sai e Carola continua assistindo à TV. Nando acorda e vem deitar-se na sala também.

- O Vô disse que quer conversar com a gente mais tarde, lá no galinheiro.

- No galinheiro? Pra que? Não tinha um lugarzinho mais fedorento pra escolher, não?

- Ele disse que quer falar longe da Vó. Se achas fedorento, passa o teu perfume no galinheiro.

- Gracinha.

- Oi, povo. – era Érica que se juntava aos dois.

- O Vô quer conversar com a gente...

- No galinheiro. Olha o lugar que o velho marca uma reunião! Ele quer nos castigar: cheirar estrume de galinha para aprender a não perturbar a vida deles.

- A troco de que?

- Não sei. Ele só disse que quer conversar longe da intromissão da Vó. O que será que ele quer?

- Só indo lá pra descobrir. O que tem pro café?

- Não sei. Vim direto pro sofá.

- Bom dia, crianças. Dormi demais, até o avô de vocês já levantou. Vou fazer um cafezinho novo. Tem bolo de laranja. – Dona Ester acabava de sair do quarto.

- Oba! – era o preferido deles, que levantaram para pôr as louças na mesa.

Depois de tomar café os três foram ver os canários de Geraldo, que os alimentava.

- Aí, ratinhos. Soube que vocês entraram na capoeira de novo com a mãe de vocês. O que ela queria lá? Destruir armadilhas?

- Nem falou nisso. Fomos...

- Fomos ver a nascente e a vegetação. – Érica interrompera o irmão, pois não queria que soubessem que haviam entrado na casa velha. Lembrou que Nando contara sobre o medo de Geraldo ao chegar aos arredores da casa.

- Ah. Bom, acho que não tinha armadilhas por lá, não é?

- Não vimos nenhuma.

- Nessa época quase ninguém caça. É muito frio.

Conversaram ainda sobre os canários e acharam nojenta a maneira como a mãe dos filhotes os alimentava: dava a impressão de que ela “vomitava no bico deles”. Enquanto falavam sobre as antigas rinhas de briga de galos, viram Seu Nicolau ir direto para o galinheiro.

- Vamos lá perturbar um pouco o Vô?

- Vamos.

- Falou, Ge.

E assim, os três saíram da velha garagem de madeira onde Geraldo abrigava os pássaros, indo para o galinheiro da casa ao lado.

- Todos presentes. Qual é a bronca? – era Nando que já começava reclamando.

- Não tem bronca nenhuma. Só pensei que vocês quissem saber mais sobre o lobisomem... – os olhos dos três faiscaram.

- Claro que queremos. Mas como o Senhor sabe disso?

- Eu contei, Queca. Quando levantei de madrugada, o Vô me falou o sobrenome do lobisomem. Eu esqueci de dizer a vocês.

- E qual é?

- É Luppi. Tem uns parentes deles aqui, outros na cidade. Ontem pela manhã, fui visitar alguns, saber se alguém estava disposto a falar sobre eles.

- Então conta, Vô! – Os três ficaram excitados com a perspectiva de ter mais informações.

- Calma, Érica. Visitei os daqui e os de lá. Ninguém quis falar nada. Quando se toca no assunto, eles dizem que não querem falar sobre isso, que é tabu.

- O que é tabu?

- Isso é melhor vocês perguntarem para mãe de vocês. Eu acho que é algo que não pode ser mexido, nem mesmo falado. Mas quero dizer uma coisa: eu também estou curioso. E se vocês precisarem de mim, se tiverem de fazer algo com a ajuda de um adulto, me chamem. Não falem pra Ester, ela tem medo. Eu não tenho. Ajudo vocês no que precisar.

- Puxa, vô, obrigada mesmo!

- É, pode crer! Se a gente precisar, a gente pede.

- E se descobrirmos algo, te contamos, tá?

- Então está combinado. Quem descobrir algo, fala para os outros. Vou continuar tentando. E se precisarem, peçam. Quero saber como é que esse raio de lobisomem deixou de se transformar. Se é que deixou de se transformar.

- Como assim?

- Talvez... talvez a mulher dele tenha prendido o bicho, dado alguma coisa pra ele beber antes de se transformar... sei lá. E a tua mãe, vai ajudar?

- Não. Ela disse que não.

- Que pena. Inteligente como a danada é, é capaz de matar a charada rapidinho. Mas ela não gosta de se meter na vida dos outros.

- É, mas o bicho já morreu, não morreu?

- Deve ter morrido. Ele deveria ter a idade do teu bisavô João. Se estiver vivo, tem mais de noventa, com toda a certeza, e poucas pessoas vivem tanto, ainda mais uma que se transforma em lobisomem.

- Vô. Tenho uma curiosidade: mulheres não se transformam em lobisomem?

- Boa pergunta, Carola. Mas essa, eu acho que só a tua mãe sabe responder.

- Droga!

- Droga nada, Carola! Quando chegar em casa, vou dar um “abraço de jibóia” nela.

- Quê?

- Nando, fala língua de gente, faz o favor? – Queca, mais uma vez, dava bronca no irmão.

- Vou dar uma prensa nela, Vô. Aposto que ela vai adorar se gabar de que sabe tudo. Ou quase. Parece que ela também não sabe como o lobisomem se curou.

- Nem com aquele monte de livros que ela lê? Nem nos que vocês têm em casa?

Duvido. Acho que ela sabe e não quer dizer.

- Mas que tipo de livro ensinaria isso?

- Não sei. Mas ela deve saber. Aproveita o teu “abraço, e faz a jibóia falar”.

- Não é isso, Vô. Eu não chamei a mãe de jibóia – Nando ria – eu é que vou bancar a jibóia e dar um aperto nela.

- Ah, bom!

- O que vocês fazem no galinheiro? – era Vó Ester que estranhava a súbita visita às galinhas.

- Viemos aqui ver se tinha pintinhos...

- Não, Carolina, não tem.

- Carola, vô. Carola.

- E o avô de vocês não disse que não temos mais pintos?

- Nós aproveitamos pra ver se tem ovos, mas não tem. – Seu Nicolau se justificava.

- Ainda é muito cedo. Colhi ovos ontem à noite. Que tal ir brincar com Marcos?

- Vou ligar pra ele.

- Vamos contigo.

- O que essas crianças têm?

- São crianças. Só isso.

Seu Nicolau também saiu do galinheiro, mas foi conversar com Geraldo. Dona Ester voltou pra casa sem entender o comportamento deles.

Marcos veio para a casa da avó e trouxe o vídeo game, mas ninguém se concentrava nos jogos. Acabou por ganhar todos.

- O que há com vocês? Ninguém ta jogando nada, hoje!

- É que faz tempo que a gente não brinca.

- O de vocês ta quebrado, Nando?

- Não.

- Então por que vocês estão tão ruins no jogo?

- Sei lá, provas, coisas pra estudar, futebol... nunca mais tínhamos jogado, perdemos o treino, só isso.

Ainda jogaram mais um pouco, almoçaram e, depois do almoço, não conseguiram conversar, pois Marcos estava sempre com eles. Antes de uma da tarde, Morgana veio pegá-los.

- Ah, tia, que pena! Por que não deixa pra ir embora mais tarde?

- Não, Marquinhos, nós temos que ir agora. Eles têm aula a uma e meia. Não tens aulas hoje?

- Não, tem Conselho de Classe.

Queca, Nando e Carola não disseram nada, pegaram as coisas e puseram no carro, indo para casa. Mal chegaram, vestiram os uniformes e foram de carona com a mãe para a escola.

Em casa, antes de dormir, enquanto Morgana preparava as aulas para o dia seguinte, os três falam dos mistérios da mãe. Ninguém se interessou por livro nenhum, nem mesmo Queca falara em ler antes de dormir.

- Alguém entendeu alguma coisa que ela disse quando a gente entrou no capoeirão ou quando chegamos na fonte?

- Não, Nando. Nada. Eu até pedi que ela dissesse o que era, mas ela desconversou. E na volta pra casa, ninguém tocou no assunto. Acho que ela começou a perguntar sobre os bichos do Geraldo de propósito. E tu ainda fosses otário, né?

- Eu, Queca? Quando?

- Quando começasse a falar sobre briga de galo. Ela esgotou o caminho de volta e a ida para a escola falando da crueldade com os bichinhos, sem falar na aula de “morcegologia” e nas explicações sobre plantas, bichos, depredação... Nem falamos no lobisomem.

- Nem perguntamos onde ela andou.

- Ela vai dizer que estava em casa, mesmo que tenha saído. Ninguém ligou pra cá pra saber. Mesmo que ela minta, nunca saberemos a verdade.

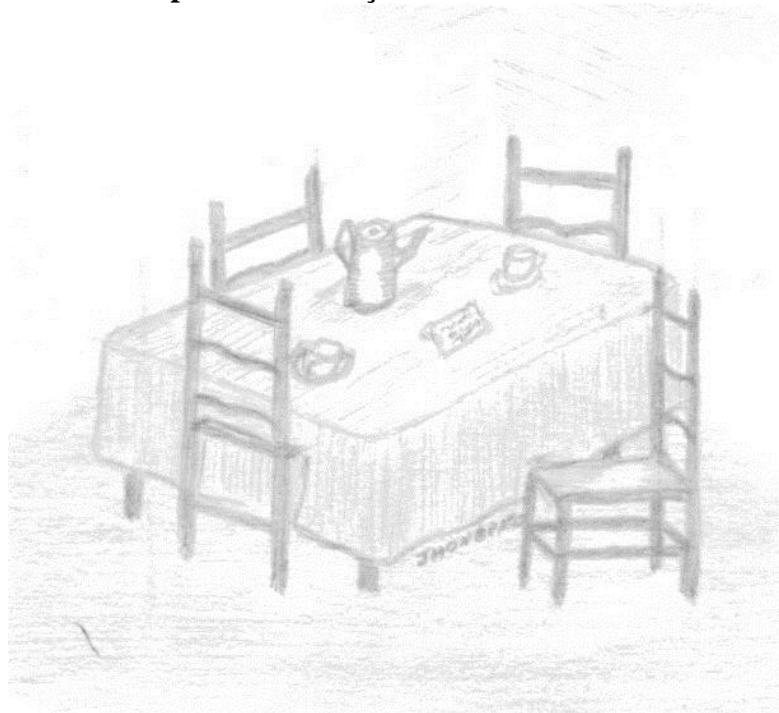
- Por falar em verdade, nada de novo sobre o nosso Lobis.

- É, nada mesmo.

- Pois eu vou dormir. Amanhã eu penso nisso. Boa noite, Queca, boa noite, Nando.

- Boa noite. – Nando e Queca entreolharam-se e nada mais disseram. Deitaram-se, Queca apagou a luz e foram dormir.

## Capítulo V – Terça-feira bem lembrada



Quando levantaram pela manhã, Morgana já tinha ido trabalhar. Deixara a mesa posta para o café e um bilhete:

*Filhotes*

*Gostaria que vocês fizessem o almoço. Que tal pizza? Temos três na geladeira, prontas para serem assadas. É só seguir as instruções da embalagem. Chego quinze para o meio dia.*

*Beijos,*

*Mãe*

- Que bom! Pizza. Qual será o sabor?
  - Qual será o sabor? – Érica ironizava – já fez as tarefas? Ou acha que ela vai “deixar baixo”? Nem encostamos no material durante o final de semana, ontem ficamos a manhã toda na vó, e tem exames quase todos os dias!
  - Nem tinha pensado nisso!
  - E quando é que pensas nisso, Nando?
  - Bom... em escola? Durante as aulas? – e saiu rindo para a sala, ligando a TV.
  - Mas é melhor a gente fizer tudo certinho, se quisermos a ajuda dela pra alguma coisa. – Érica o seguia.
  - Queca, não viaja. Só vamos poder fazer mais alguma investigação lá nas “terras altas”.
  - Por que não chamas Congonhas de Congonhas?
  - Porque onde tem muito morro, as terras são altas, não são?
  - Gracinha!
  - Cadê a Carola?
  - Ta dormindo. Vamos tomar café logo e arrumar nossos quartos. O resto da casa não ta bagunçada, assim temos tempo de fazer as tarefas e assar as pizzas.
  - Que é isso? Pensa que aqui é um hotel e que tu és a gerente?
  - Nando, não começa! Vamos fazer o que tem que ser feito. Afinal, só temos menos de duas semanas de aulas. Depois vêm as férias de inverno, não podemos bobear!
  - Ta, então chama a Carola e vamos logo pra escravidão.
  - Palhaço!
- Érica chamou Carola. Tomaram café e dividiram as tarefas da casa, que nem eram tantas nem tão difíceis: arrumar as camas, desfazer as mochilas do final de semana, lavar a louça do café e fazer as tarefas, preparando o material para as aulas de terça-feira. Ainda sobrou tempo para assistir a sessão de desenhos da manhã.
- Onze e quinze, Érica ligou o forno elétrico e colocou duas pizzas pré-prontas para assar. Eram seus sabores favoritos: quatro queijos e atum, deixando a de frango na geladeira.
- Acho que duas são suficientes para nós. O que vocês acham?
  - Duas são suficientes para mim. Não vai assar uma pra vocês?
  - Engraçadinho!
  - Ta bom, eu te perdôo. – Érica já nem ligava tanto para as bobagens do irmão.
- Sentaram-se para assistir TV, e logo Morgana chegou.
- Hum, que cheirinho bom!
  - Oi, mãe.
  - Oi. Ainda não puseram a mesa?
  - Não, mas pode deixar que a gente faz isso. – Érica foi para a cozinha, seguida por Carola.
  - E o senhor, não vai ajudar as meninas?
  - Eu tiro a mesa.
  - Elas concordam?
  - Elas sempre concordam, mãe.
  - Nem sempre. Vou lavar as mãos.

Quando Morgana voltou à cozinha, a mesa estava posta e uma pizza fumegante a esperava, ao lado de uma jarra de limonada. Sentou-se, ajudou os filhos a se servirem e logo começou a falar:

- Então, o que descobriram ontem? – os três se entreolharam, e foi Érica quem falou.

- Nada. Parece cada vez mais difícil.

- Como, nada? Nenhuma novidade?

- Não.

- Nem do vô Lau?

- Ah! – Carola lembrara – ele nos disse o sobrenome do lobisomem: era Luti, Lubi...

- Luppi.

- Como sabe? – Nando espantara-se.

- Conheço umas pessoas com este sobrenome. São descendentes de italianos.

Mas não conheço nenhum Luti, ou Lubi. Interessante... – Morgana servia-se.

- O que é interessante?

- Queca, Luppi vem do latim *lupus* e quer dizer lobo, lupino vem de *lupinus*, é adjetivo referente a lobo. Luppi é italiano, que também é uma língua vinda do latim, deve significar a mesma coisa. Interessante que seja o sobrenome justo de alguém que sofria de lupinia, que é...

- O mal do lobisomem. Lembro quando falasse isso lá no capoeirão. Interessante mesmo, mãe.

- Nando, quando os imigrantes italianos vieram para cá, muitos foram registrados no Brasil com o primeiro nome e a profissão. Por exemplo: Giuseppe Scarpato, traduzindo, José sapateiro. Interessante porque lobo não é profissão.

- Talvez quando vieram para cá as pessoas tivessem medo de que o cara fosse um lobo.

- Ou um lobisomem. E o tenham registrado assim para saber quem era.

- É, faz sentido.

- Então a maldição deve vir da linhagem familiar.

- Que?

- Esqueçam. Aliás, por falar em esquecer, por que vocês não anotam o que sabem para não correrem esse risco?

- Boa idéia, mãe. Assim fica até mais fácil a gente ver o que precisa.

- É bom anotar também aquilo que vocês precisam saber. Fica melhor para programar o que vão investigar primeiro.

- Vou fazer isso agora.

- Não, Queca, termine de almoçar. O Nando tira a mesa e eu arrumo a cozinha. Assim, podemos dar palpites; quatro cabeças pensam melhor que uma.

- Ta bom.

Depois do almoço, enquanto Morgana lavava a louça, Queca, depois colocar o uniforme e pegar a mochila para ir à escola, senta-se à mesa e começa a enumerar as informações que tem:

✓ *Lobisomem, sobrenome Luppi, que vem do latim e quer dizer lobo;*

✓ *Uma casa velha no meio do capoeirão cheia de entulhos;*

- Seria interessante enumerar os entulhos. Consegue lembrar quais são?

- Não.

- Por isso é importante escrever para não esquecer.

- Como vou escrever o que já esqueci?

- Espera teus irmãos e pergunta a eles. Depois do trabalho dou uma olhada, se eu lembrar de mais alguma coisa, completo a lista. Por que não começa a fazer outra, com as coisas que querem descobrir?

- Ta bom. – na outra página, Érica começou:

- ✓ *Qual a cura do lobisomem*
- ✓ *Por que a mulher do lobisomem não tinha medo de ser atacada*
- ✓ *Por que eles venderam as terras e mudaram de lugar*
- ✓ *De onde vinha o dinheiro do lobisomem, se ele não trabalhava*

- Quem disse que ele não trabalhava?

- A vó falou. Acho que ele só cultivava as terras. Isso é trabalhar?

- Era o trabalho dele e ainda é o de muitas pessoas.

- Não tinha pensado nisso.

- Talvez ele fizesse como os outros lavradores: plantasse para o sustento e vendesse o excedente para comprar o que não produzia.

- É, mas a vó contou que a mãe dele era viúva. Onde ela arranjou dinheiro para comprar as terras?

- Talvez fosse herança do marido falecido. Ou ela tivesse herdado algo do marido, vendido e comprado aquelas terras; talvez ainda, ela tivesse se aposentado pela morte do marido, depois essa pensão fosse passada para o rapaz.

- Bem pensado, mãe. Mas como vamos saber?

- Não sei. Mas será preciso saber o nome completo do lobisomem, o que é bem mais difícil, porque os poucos que são vivos e o conheceram, vão se recusar a falar, se é que lembram.

Érica logo pensou no avô. Falaria para os irmãos mais tarde.

- Que tal se tentasses descobrir isso?

- Já disse que não vou me meter, Érica. Não é assunto meu. O que eu vou ganhar descobrindo?

- Vai matar nossa curiosidade.

- Não sou nenhuma assassina, minha querida. – Beijou a filha e saiu da cozinha.

- Mas mãe...

- Não, Érica. No final da tarde conversamos. Querem carona?

- Claro que quero. Economizar uma pernada nunca é demais. E eu quero te perguntar umas coisas no caminho.

- Que coisas, Nando? – as meninas pegaram o material e todos se dirigiam para a porta de saída.

- Coisas que eu falo quando chegar no carro. Aqui é perigoso de tentares fugir. - Morgana levantou as sobrancelhas, mas nada disse.

Mal saíram da garagem, Fernando começou com o inquérito:

- Sabe o que o vó Lau disse?

- Se não me contares, não posso saber.

- Que tu sabes o segredo.

- Que segredo?

- Da Cura do Lobisomem.

Morgana soltou uma sonora gargalhada.

- Vocês devem estar brincando?!

- Não. Ele disse que acha que sabes, porque no meio do monte de livros que lê deve ter algum que traga escrito.

- Teu avô disse isso? – Subitamente, Morgana ficara séria.

- Disse. – Alguns segundos de silêncio, que pareceram séculos, e Morgana respondeu:

- Ele está enganado. Não sei a cura para a lupinina. Se soubesse, diria.

- Tem certeza?

- Absoluta.

- Mas por que ele diria isso?

- Talvez ele pense que eu encontro resposta para qualquer pergunta nos livros. Nem sempre é assim.

- Mãe? – Carola perguntava – e o que é tapu, tadu...

- Queres dizer TABU?

- Isso! O vô falou essa palavra... – mas eles acabavam de chegar em frente à Escola.

- Na volta eu explico. Façam lembrar. Beijo. – Os três beijaram a mãe e desceram do carro.

- Boa memória, Pulga!

- Posso ser uma pulga no tamanho, mas minha inteligência é “elefantal”.

- É o que?

- “Elefantal” – disse, como se fosse o óbvio – do tamanho de um elefante!

- O teu cérebro que é o de um quadrúpede, não necessariamente de um paquiderme. Não vou mais te chamar de pulga, vou chamar de mula!

- Palhaço! – E Érica ria solto da discussão dos irmãos.

As aulas de terça-feira transcorreram bem piores que o normal: a menos de duas semanas das férias, a maioria dos professores resolvera fazer algum trabalho ou prova, fazendo com que o pouco tempo livre que teriam, simplesmente desaparecesse. Nando, como sempre, saíra mal humorado, dizendo que o professor de Matemática resolvera rever toda a matéria do bimestre e passado várias páginas de exercícios do livro como tarefa. E o conteúdo da sexta série era bem extenso. Carola, além das provas já marcadas, tinha ainda uma pesquisa sobre a origem das festas juninas e da fogueira, as quais ela nem fazia idéia de onde poderia encontrar. Érica, que também tinha as duas semanas cheias de provas, ainda tinha a paródia de uma música para apresentar para a Professora de Português.

- Acho que vou pedir ajuda para a mãe. Ela é Professora de Português também, deve ter boas idéias. Pena que ela não dá aulas para a sétima série. Acho que seria mais fácil.

- Ela deve ter uma pilha de provas e paródias para corrigir. Trabalhando com o Ensino Médio deve ser bem pior, muito mais coisas que a gente. Acho que ela vai ter menos tempo que nós nestas duas semanas.

- É verdade, Nando.

- Mas eu vou pedir a ela, pelo menos, que me diga onde encontrar o que a Dona Jussara pediu.

- Ah, Carola, estás na quarta série, não precisa caprichar tanto.

- Eu é que não posso vacilar, ano que vem é a minha formatura no Ensino Fundamental. Preciso “aprender” de verdade como se faz uma boa paródia!

E assim eles tiveram que dar um tempo nas investigações. Tinham afazeres suficientes para encher as duas semanas que estavam por vir.

Nem sequer lembraram que o avô se oferecera para ajudar nas investigações. Tudo ficaria para o final de semana. Ou para as férias.

Morgana não fora para casa no final da tarde: tinha, ainda, três aulas à noite, portanto só chegaria depois das nove.

Queca e Carola discutiam as anotações, e Fernando comia biscoitos em frente à TV. Nove e quinze, Morgana chegou.

- Oi, pessoal!

- Oi, Mãe. Pronta para o inquérito? – Fernando largara o pote de biscoitos e correria ao encontro da mãe, tirando-lhe o material das mãos.

- Puxa, já tinha esquecido. Posso tomar banho e comer antes? – Morgana ironizava.

- Ta bom, vou te dar essa chance.

Morgana tomou banho, trocou as roupas, apanhou uma maçã e veio sentar-se com os filhos. Mal dera a primeira mordida, Fernando começou:

- Estive pensando...



- Ah, não, pode continuar pensando! Primeiro o tatu.
- Tabu, sua mula!
- Fernando! – Morgana parecia indignada. – Se começarem assim, eu não vou explicar coisa nenhuma!
- Ta bom, mãe, ta bom... – ele resignara-se. Pegou o pote de biscoitos outra vez e baixou o volume da TV, que continuou olhando, sem prestar muita atenção.
- Mãe, o... como é mesmo o nome?
- Tabu, Carola.
- Ah, ta. Tabu, tabu, tabu, tabu...
- Pra que repetir tanto?
- Pra não esquecer. Cada vez que vou falar, sai uma coisa diferente... – Morgana riu da técnica da filha.
- Bem. Tabu é uma certa restrição, proibição de alguma coisa. Pode ser de fundo religioso, supersticioso, enfim. De certa forma, é algo que não deve ser feito. Sobre o que era mesmo o tabu?
- A família do lobisomem não fala no assunto, diz que é tabu.
- Faz sentido. Geralmente o tabu está ligado a alguma punição, por isso é, geralmente, de fundo religioso ou supersticioso. Entenderam?
- Entendemos. É mais ou menos o que o vô Lau falou.
- Que bom! O vô Lau é um cara inteligente.
- Posso falar agora?
- Não. – as meninas disseram em unísono.
- Agora é a minha vez. Deixa a palhaçada pro final. – Fernando mostrava-se cada vez mais chateado com as irmãs, mas não se atrevia a discordar. A presença da mãe sempre lhe servia de “freio”.
- Mãe, perguntasse se eu lembrava de tudo o que tinha na casa, lembra?
- Lembro. Também falei que eu poderia dar uma olhada para ver se lembro de algo que esqueceste.
- Quando fomos na casa velha, eu estava com o meu caderninho. Já tinha feito umas anotações, só não eram organizadas como sugerisse. Eu desenhei a casa como ela é por dentro. – e mostrou o desenho à mãe.
- Legal. Pegue papel, régua, lápis e borracha. Vou transformar o teu desenho numa planta baixa, assim vai ficar melhor.
- Numa o que?
- Numa planta baixa. É um desenho da casa, visto de cima, mas sem o telhado. Carola fora ao quarto pegar o que a mãe pedira e, enquanto Morgana desenhava e as irmãs observavam, lembrou que Nando queria perguntar alguma coisa.
- Agora é a tua vez, Nando.
- Pensei que já tivessem esquecido que eu moro aqui.
- Eu sabia que a ladainha ia começar! Não disse que ele só queria encher o saco?
- Queca, quer respeitar teu irmão, fazendo o favor? – a garota limitou-se a bufar e calar-se.
- Pode falar, Nando.
- Como eu ia dizendo, estive pensando: o vô Lau falou que é possível que o lobisomem nunca tenha parado de se transformar.
- É mesmo, eu lembro que...
- Quer calar a boca? Eu não interrompi na tua vez!
- Crianças! – Morgana precisava intervir constantemente. Os três pareciam disputar a atenção da mãe no pouco tempo que ela tinha para eles. – Meninas, por favor, não interrompam. Nando, pode continuar.
- Ele disse que a mulher do lobisomem pode ter dado algo para ele beber, antes de se transformar, algo que o fizesse dormir, ou se acalmar. O que acha?

- Acho difícil. Poções desse tipo são muito recentes e os lobisomens, geralmente, não se casavam, pois o segredo da lupinia não devia vazsar.

- Que? Poções? Do que está falando?

- Bom – Morgana deu um longo suspiro. Parecia escolher as palavras para falar – certos chás, vamos chamá-los assim, acalmam, mas a descoberta deles é recente, logo é muito difícil que a esposa do nosso amigo usasse esse tipo de coisa com ele. Mas é uma possibilidade, embora remota.

- Peraí, mãe. Explica direitinho esse negócio de poção.

- Fernando... bom...

- Pode parar, mãe. Tu falas as coisas e depois volta atrás. Poção. PO-CÂO. Entendeu? Quero saber por que chamasse de poção. Não vem com essa história de chá! – Fernando ficara tão agitado que estava de pé em cima do sofá.

- Nando... tem certas coisas que eu não posso explicar...

- Por que não quer dizer. Tu mesma dissesse isso lá na capoeira, lembra? Eu lembro. Muito bem! Chega de historinha, mãe. Não precisa tratar a gente como criança.

- Mas vocês SÃO crianças!

- Ah, não. Assim não vai dar pra conversar. A vó ta te dando aulas de como contar as coisas pela metade? Tu nunca fosses assim! O que mudou agora? Por que tanto mistério?

- Vou pegar um café. – e saiu da sala.

- É tempo. Ela quer tempo para pensar, mas hoje ela não escapa!

- Calma, Nando. Tenho que reconhecer que estava errada: realmente pensasses em algo que se aproveite, mas vai com calma com a mãe, ta?

- Vou. Pode deixar. Venço a ela nem que seja pela insistência!

Morgana voltara para a sala com uma xícara de café.

- Aí, pode começar.

- Ta bom, Nando. Vou te explicar. – os três sentaram-se e começaram a ouvir a explicação. Era como se bebessem cada palavra da mãe.

- Quando o vô Lau falou sobre os livros, ele sabia o que estava dizendo: já conversei com ele várias vezes sobre o assunto. Ele sabe que eu estudo o aspecto religioso de alguns povos, principalmente dos Celtas. Tudo começou por acaso, quando voltei a estudar inglês: a base da língua inglesa está na antiga língua falada pelos celtas, que era um povo nômade, que geralmente casava-se com pessoas de outros povos. Também há influência do latim. Vocês sabem que somos descendentes de Europeus e, por muitas “coincidências”, eu diria que somos descendentes dos antigos Celtas.

Estudando essas coisas, me deparei com muitos dos mitos de que se houve falar: aparições... bruxas... vampiros... e lobisomens! – Os três se entreolharam – Mas isso não quer dizer que eu saiba a cura: apenas que eu sei alguma coisa sobre o assunto. Por isso eu sabia do termo lupinia, que vem do latim: eu estudei latim para saber melhor Português, acabou ajudando no inglês, e por isso eu usei o termo poção. Nada demais.

- É só isso?

- É. É só isso.

- Então por que o mistério?

- Por que quem estuda a religião dos celtas, geralmente é chamado de bruxo, ou bruxa. Há, inclusive, religiões pagãs que estão renascendo, onde as pessoas se auto-denominam bruxos. Mas nós vivemos numa cidade pequena, onde o preconceito é muito grande. Eu mesma já tive problemas por falar destas coisas para os alunos, algum tempo atrás. Por isso evitei falar nisso pra vocês. – depois de algum tempo, Nando continuou.

- Ta bom, entendi. Mas vamos usar o termo certo: poção. A que tipo de poção, especificamente, estavas te referindo?

- Poções calmantes, à base de plantas que têm a propriedade de acalmar, fazer dormir. O maracujá, por exemplo. Seu chá é extremamente calmante, mas se preparado da maneira certa, pode fazer uma pessoa dormir horas a fio. Talvez mais de um dia. Quanto ao uso com o lobisomem, há uma poção, chamada mata-cão, que não impede a transformação,

mas acalma de tal forma, que o bicho dorme o tempo todo, ou, se fica acordado, é inofensivo. Ela é preparada à base de extrato de maracujá, chuchu e alface. As três plantas têm propriedades altamente calmantes, mas, misturadas, têm um cheiro horrível: só quem realmente precisa é que toma uma coisa dessas. Sem contar que nesse tipo de poção, açúcar fica fora: pode alterar o efeito.

- Puxa, mãe! Estou pasmo!

- Não, não precisa pasmar. Só que agora vocês sabem o porquê de muitas coisas.

Entenderam?

- Entendi, mas...

- Olha só! – Carola mostrava o desenho da casa, que ilustrava detalhadamente os cômodos e os objetos maiores: o fogão, o guarda louças, os baús, todos estes com setas que indicavam o nome.

- Uau! Legal!

- Eu não lembrava mais da mesa.

- O que é namoradeira?

- É aquele banco comprido, Carola, que estava na sala.

- Ah...

Assim, passaram a discutir sobre a casa velha, Queca fazendo anotações, Morgana respondendo perguntas. Mas acabaram por esquecer de perguntar algo muito importante: as mulheres não se transformam em lobisomem?

## Capítulo VI – Parentes e contra-parentes



Na manhã de quarta-feira, Morgana saía para trabalhar sem tomar café: não queria fazer barulho para não acordar os filhos. Eles haviam ficado acordados até muito tarde, pois a conversa e as explicações da noite anterior se estenderam pela madrugada. Mas ela estava tranqüila: conseguira responder as perguntas dos filhos sem comprometer o segredo. Precisava mantê-lo o máximo de tempo, se possível para sempre.

Érica acordou às dez e meia com o telefone tocando.

- Alô?

- Quem fala? – era uma voz desconhecida, aguda, que esticava as palavras: quem faaaaala, e Érica achou que o telefonema era um engano.

- É da casa da Professora Morgana.
  - Ah, meu beeeem! E vooocê? Queeeem é?
  - Sou a filha mais velha dela: Érica.
  - Ah. Queeeerida! Eu só a vi quando era um liiiindo bebêêê!
  - Quem é a Senhora?
  - Sou a tia Niiiilda!
  - Tia Nilda? Acho que a senhora deve estar procurando uma outra Morgana....
  - Nãããã, meu beeeem! É a sua mããããe! Ela estáááá?
  - Não, mas acho que ela vem almoçar. Quer deixar recado?
  - Ah, coooomo é espeeerta! Diga que a Niiiilda ligou, meu beeeem! Mas ela nãããão precisa ligar de voooolta. Eu meeesma ligarei ao meeeeo diiia!
  - Ok. Eu dou o recado. – e desligou o telefone, ainda intrigada.
  - Ui! Que susto! Panaca!
  - Panaca por quê?
  - Ta aqui, grudado em mim! Quer me matar do coração?
  - Não. Só queria ver se dava pra ouvir a conversa. – disse Nando, encaminhando-se para a cozinha. – Quem era?
  - Uma tal de tia Niiiilda.
  - Que? – Queca desatara a rir.
  - É que a mulher estica as palavras. O nome deve ser Nilda. Disse que era tia, né?
- Vai ver é uma maluca que já trabalhou com a mãe em alguma escola.
- É. Vai ver?
  - Aí, ontem a gente falou, falou, perguntou, e eu esqueci de uma coisa importante.
  - O que?
  - Aquele lance que a Pulga falou, das mulheres não se transformarem em lobisomem.
  - É mesmo, cara! Vacilamos.
  - É, mas hoje eu não vou vacilar.
  - Mas hoje é quarta-feira, a mama trabalha até dez e meia da noite. Acho que não agüento acordada tanto tempo. Ainda mais depois de ontem. Que horas fomos dormir?
  - Nem sei. Mas eu agüento. Vou esperar o quanto for preciso.
- Quinze para o meio-dia, Morgana chegava em casa.
- Oi, povo!
  - Oi, mãe! Aí, podemos bater um papo?
  - Podemos, desde que não seja uma “sessão lobisomem” outra vez. Ainda estou cansada de ontem. Quase não dormi com medo de perder a hora.
  - Ah, mãe, qual é? – Nando ainda insistia.
  - Não, Fernando. Amanhã a gente continua, ta? - e encaminhou-se para seu quarto, onde sempre deixava o material escolar e a bolsa.
  - Mãe, uma tal de tia Nilda ligou. Disse que ligaria ao meio dia.
- Quando ouviu o recado, Morgana parou de repente:
- A tia Nilda ligou? Aconteceu alguma coisa?
  - Ela não disse nada. Só que ligaria ao meio dia. Por que, mãe? Quem é a tia Nilda?
  - Irmã da tua avó.
  - Da vó Ester? Essa eu não conheço!
  - Não, Queca, da vó Viviane. Não conhece mesmo. Ela mora há muitos anos em outra cidade, raramente procura os parentes. – De repente, o telefone tocou. – Pode deixar que eu atendo. – disse Morgana, olhando para o relógio de parede, que passava alguns segundos das doze horas.
  - Alô?
- Os três tentaram se aproximar, mas Morgana pediu “um minuto”, cobriu o fone com a mão e pediu aos filhos que a deixassem sozinha. Os três não gostaram nada, mas não insistiram: foram para a cozinha pôr a mesa para o almoço.

- Mais mistérios. Sabe que, às vezes, tenho a impressão que minha própria mãe é uma estranha?

- Que exagero, Nando!

- Exagero nada, Queca. Até uma irmã da tia Viviane de quem ela nunca tinha falado liga aqui pra casa. O que mais ela nos escondeu?

- Exagero, sim! A vó Viviane tinha quantos irmãos? Eu nem sei. Tu sabes? Conheces todos eles?

- Não. É verdade, quando a mama nasceu, a vó Viviane já tinha uns quarenta anos... mas mesmo assim, ainda acho um bocado de mistério. Precisamos fazer mais um bom inquérito com a mama.

Continuaram colocando o almoço na mesa e conversando sobre o assunto, quando Morgana entrou na cozinha.

- E aí, o que a velha queria?

- Mais respeito, Fernando: ela é tua tia-avó!

- O quê?

- Claro: irmã da tua avó, tua tia-avó. Ela vem nos fazer uma visita.

- Ta, então avisa quando é: vou precisar sair de casa.

- Fernando?!

- Ah, mãe, dá um tempo! Visita de cortesia, em pleno século XXI? Qual é? A velha acha que não tens mais o que fazer?

- Ta bom, eu te aviso pra saíres de casa.

Os três não entenderam: normalmente, Morgana começaria a falar sobre relações familiares, sobre conhecer os parentes, sobre... sobre... enfim, muitos sobres, mas, desta vez, concordou com Fernando, o que levantou suspeitas.

- Qual o problema, mãe?

- Nenhum. Por quê?

- Porque tu sempre nos obrigas a ficar em casa quando algum parente vem aqui. Por que podemos sair no dia em que a tia Niiiilda vier?

- Por que ela é uma senhora de idade e vocês vão achar chato conversar com ela. Se quiserem sair, tudo bem.

Os três serviram-se do almoço preparado por Érica: macarrão com molho de atum. Comeram em silêncio, achando estranho o comportamento da mãe; mesmo assim, não disseram nada. Morgana percebeu o constrangimento e, querendo aliviar o clima, entabulou a conversa sugerida por Fernando quando ela chegou em casa:

- Acho que ontem muitas coisas foram esclarecidas, não é mesmo?

- É mas faltou uma importante – Nando se aproveitava rapidamente da situação, ambos observados pelas irmãs – mulheres não se transformam em lobisomem, mãe?

- Boa pergunta, Nando.

- Não é minha. É da Pulga.

- Não gosto que chames a tua irmã assim!

- É brincadeira, mãe. Mas tudo bem, esquece a Pulga e responde.

Morgana não quis discutir para não piorar o clima entre eles outra vez.

- Antigamente, as mulheres não saíam à noite sozinhas, mas sempre acompanhadas por um homem, que as protegia. Imagine uma mulher que precisa ir à casa de alguém à noite, nos tempos em que o teu bisavô era jovem: não tinha iluminação pública, muitos lugares eram desabitados, as casas ficavam muito longe umas das outras. Um homem a acompanha para fazer a segurança. Se ouvissem um barulho, ou um rosnado de cão, por exemplo, ele trataria de colocar a mulher num lugar seguro e “caçar” o animal. Ou descobrir a origem do barulho. Por isso os homens eram mais vulneráveis ao ataque dos lobisomens. Eu nunca soube de uma mulher que tivesse levado uma mordida de lobisomem. Mas a pergunta é interessante. Muito interessante!

Não puderam conversar muito, pois tinham dormido até mais tarde e precisavam preparar o material para as aulas e vestir os uniformes. Morgana arrumou a mesa e lavou as louças. Saíram de carona com a mãe para a escola, mas não lembraram de mais nada referente

ao lobisomem para conversar e estavam preocupados com o final do semestre: provas e trabalhos!

Quinta à tarde era folga de Morgana, e eles haviam saído para a escola achando que ela estava muito nervosa. Geralmente, era bastante serena.

- O que acham que ela tem?

- Deve ser estresse, Queca. Imagina a quantidade de coisas que ela deve ter para corrigir? Ontem à noite, ainda vi, na mesa, um papel sobre um curso para professores que acontece bem na semana de férias. Ela deve estar uma pilha!

- É. Deve ser.

Morgana estava realmente nervosa, mas não com os afazeres. O telefonema da tia a deixara preocupada, mas ela conseguira disfarçar bem. Pelo menos até aquele dia. Só que tia Nilda tinha marcado a visita para quinta-feira à tarde, bem na folga de Morgana, para evitar a presença dos filhos dela. Tudo isso fora combinado durante o curto telefonema. O problema maior, na verdade, não era a tia Nilda: ela não viria sozinha. Um velho amigo de Morgana a acompanharia e ela não estava nem um pouco interessada que seus filhos conhecessem um “tipo estranho” como seu amigo. Ele tinha “a língua fora da boca” e Morgana não gostava nem um pouco disso!

Estava alimentando Jezebel, a gata, que andara sumida quase o tempo todo:

- Malandrinha! Onde tem se metido, hein? – conversar com Jezebel lhe tranquilizava. Jezebel era uma gata persa cinza, muito tranqüila, mas que dava bastante trabalho: apartamento acarpetado com gato peludo é uma combinação excêntrica! A campainha tocara, despertando Morgana de sua paz, fazendo seus nervos tinirem na frequência do som: tia Nilda chegara com Herculano!

Morgana deixara a gata na área de serviço e viera atender à porta, tirando pêlos cinza de sua roupa preta.

- Oi, tia! – ela abraçara Morgana antes mesmo de cruzar a porta.

- Ah, coooooo está boniiiiita, a viuviinha!

- Tia, não fale assim!

- Ah, meu beeeem! Seeeeu marido era maraaaavilhoso, mas já nãããã está mais aqui! Mas me deeeeixe entaaaar. Assiiim pooooodes me coooontar sobre os namoraaaados!

Nilza entrou, seguida por Herculano. Morgana surpreendeu-se: ele continuava muito bonito. Alto, atlético, olhos muito azuis e um cabelo castanho claro lhe davam ares de astro do cinema. Mas o que Morgana mais gostava nele fisicamente era a barba, quase sempre por fazer.

- Oi, Mo.

- Oi, Herculano.

- Que cerimônia! Me deixa te dar um abraço. – Morgana fez desse abraço o mais breve que pôde: tia Nilda os apresentara, na esperança de que namorassem uns dois anos depois da viuvez. Ficaram muito amigos, mas Morgana não deixara passar disso. Herculano, como sempre, vestia-se de maneira muito peculiar: negro dos pés à cabeça, com seu detalhe quase imperceptível, que Morgana só notou quando sentou-se: meias roxas! Isso a fez começar a rir.

- Que foi, Mo?

- Nada... nada não.

- Ah, meu beeeem! O que é iiiisso? Segreeeddos agoooora?

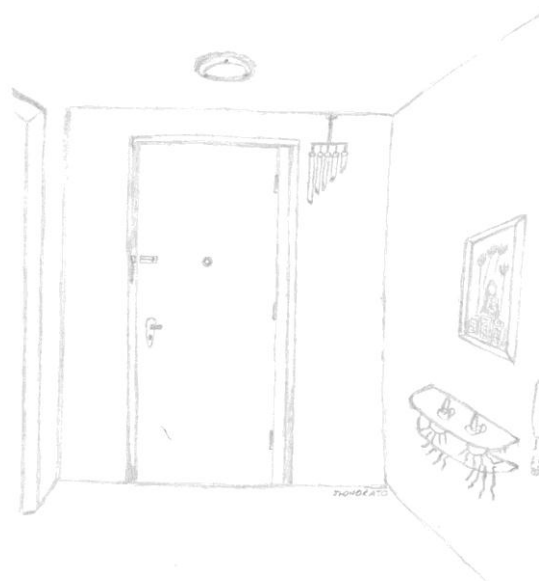
- Não, tia. Só tinha esquecido que o Herculano adora um detalhe chocante.

- Ela está falando das minhas meias. – e puxou a barra das calças e levantou os pés para que tia Nilda as visse melhor. – Nem te conto a cor da cueca! – disse, sorrindo.

- Eu só imagino!

Depois do incidente das meias, Morgana aquietou-se. Sentia-se bem na presença dos dois e estava tranqüila, pois as crianças tinham aula até as cinco e meia. Este foi seu maior erro: o tempo! Ficou tão à vontade com os dois que esqueceu-se do tempo!

## Capítulo VII – Uma visita muito estranha



Morgana, Herculano e tia Nilda tomavam café e conversavam quando o barulho da porta abrindo alertou-os: um mensageiro dos ventos fora pendurado na porta assim que mudaram para aquele apartamento para que Morgana pudesse, pelo som, saber quando os filhos entravam e saíam de casa. O barulho fez com que ela olhasse o relógio de parede: seis e quinze! Eram as crianças! Levantou-se de sobressalto, mas tia Nilda a tranqüilizou.

- Pode deixar, meu bem! Vocês dois continuam conversando aqui na cozinha, enquanto isso eu recebo as crianças e converso com eles. Sejam breves, por favor! – e saiu em direção à porta.

- Oláááá, meus amoooores! Eu sou a tia Niiiilda! Tu deeeees ser a moooocinha que atendeeeeu o meeeeu telefoneema! – os três se entreolharam.

- Cadê a minha mãe? – Nando perguntava, olhando para dentro, impedido de avançar pelo corredor pela presença maciça da tia: ela devia pesar uns noventa quilos, distribuídos em pouco mais de um metro e sessenta.

- Ah, meu beeeem! Eu vim aquiiii para trazeeer um amigo da suuuua mããããe, que há muuuuito tempo precisaaaava falaaaar com eeela. Vocês me fazeeem companhiia enquaaaanto eles conveeeersam?

Queca olhou para os irmãos e decidiu tomar uma iniciativa. A tia só poderia estar fazendo aquilo, senão a pedido, mas com o consentimento da mãe.

- Claro, tia. Será um prazer. Não é galera?

- Quem... – Fernando não conseguiu terminar a frase: Queca pisara tão forte em seu pé que ele engasgou-se. Pensou que nem mesmo os tênis protegiam mais seus pés....

Foram para a sala, onde puderam ver, ao passarem pela porta da cozinha no corredor, que a mãe estava encostada na pia, e havia um homem vestido de negro, de frente para ela, portanto de costas para a porta, a pouca distância.

- Quem é o amigo? – Nando ficou curioso.

- Herculaaaano...

- Ele é grande, hein?! – Nando referira-se à estatura: certamente mais de um metro e oitenta.

- Ah, siiim. Descendeente de Eurooooopeus... são toooodos graaaandes...

- Nem todos – ele resmungara.

- Como, querido? – desta vez ela não esticara as palavras.

- Nada, não, tia.

Assim, tia Nilda senta-se no sofá e começa a falar sobre a vó Viviane, que morrera três anos antes. Pergunta muito. Sobre as coisas que ela os ensinou, se eles nunca tinham visto nada estranho, ou mesmo assustador, na casa da avó. Nando acha tudo muito esquisito e acaba achando que a tia Nilda era só uma velha maluca. Mas percebeu que, à medida em que conversavam, ela falava mais baixo, e também parara de falar daquele jeito engraçado, esticando algumas vogais das palavras:

- Ah, mas me contem, me contem! – ela parecia apreensiva – Nunca viram nada mesmo?

- Não, tia. Mas o que, especificamente, nós poderíamos ter visto?

- Ah, não sei... vocês é que têm que me contar... Sabem, há muitos anos, a tua falecida avó, num passeio com o teu avô, falecido também, que Deus os tenha, viram uma bola de fogo que os seguia a pouca distância e muitos diziam que era um tesouro enterrado que o teu bisavô, sabe-se lá o nome dele, morreu quando o vô Nico era criança, tinha enterrado.

- Ah, essa não! Não faltava mais nada!

- Cala a boca, Nando! – era Queca, entre dentes, pois parecia estar anotando mentalmente o que a tia dizia. – e o que mais, tia?

- Ah, minha queridinha se interessou... muito bem, quando ameaçava tempestade, as pessoas da vizinhança já logo traziam um machado para que ela “cortasse” a tormenta, livrando as lavouras do estrago da chuva, que vinha bem mais fraca...

Fernando estava de boca aberta, literalmente! “Como é que alguém pode ‘cortar’ uma tempestade”? O garoto, quanto mais tempo passava com a tia, mais pensava que ela tinha alguns parafusos a menos, ou então, gastos pela idade.

- E, também, uma vez, uma bruxa maldosa estava entisicando um menino, eu e a tua avó, falecida, que Deus a tenha, descobrimos a malvada e fizemos com que ela confessasse, tirando os poderes da bandida sobre o menino... Ah, eu me lembro muito bem...

- Tia, quer dizer que bruxas más existem mesmo?

- Bruxas boas também!

- E... como vocês conseguiram tirar os poderes dela?

- Ah, queridinha... – a mulher parecia preferir Queca aos outros dois – eu posso te contar tudo, nos mínimos detalhes, mas isso se vocês me fizerem uma visita. Posso até mostrar o pilão, se quiserem, ainda o tenho guardado. Mas eu quero saber, mesmo, é se vocês nunca fizeram nada de estranho, de poderoso...

- E eu quero é saber, mesmo, o que é que a mãe tanto conversa com o tal de Hércules...

- Herculano, animal.

- Grande como Hércules!

- Ta é com medo!

- To é com fome!

- Está bem, meus queridos, vou dizer para que se apressem. Por favor, não vão até a cozinha, eles não devem ser interrompidos por vocês, sua mãe vai ficar preocupada, o que não é bom para ninguém! – levantou-se com dificuldade por causa do peso e foi em direção à cozinha.

- Tia Nilda... Humpf! Tia Orca!

- Palhaço! E tanso! Viu quanta coisa interessante ela falou? Prestou atenção?

- Não vi nada! Ouvi! O que? Aquele monte de abobrinhas, como bola de fogo que persegue pessoas, ou tirar poderes de bruxas... Peraí? Como alguém pode tirar o poder de uma bruxa?

- Só outra bruxa, seu imbecil! Lembra de toda aquela conversa mole que a mãe veio pra cima da gente, com estudar “aspectos religiosos de outros povos”?

- Ta pensando o mesmo que eu?

- Não sei se tens capacidade para tanto.

- Deixa de bancar a Sissi e diz logo.

- Que Sissi?

- Que ta Si-sintindo-a-tal.



- Que anta! É SE-SEN-TIN-DO! Fugiu da escola, é?

- Fugi... tava dentro da tua mochila quando tu pulasses o muro. Fala logo!

Mas nesse momento, a tia Nilda voltava da cozinha com Morgana e o “Hércules” à tira-colo.

- Que tal a gente pedir uma pizza? Ou vocês preferem sair para comer? – Era o troglodita-quase-louro que tentava ser amigável. Érica achou seu sorriso LIN-DO! Carolina adorou a idéia. Fernando fez cara feia.

- Ei, Nando, o que prefere?

- Eu? Qualquer coisa... sou minoria numa casa onde predominam as mulheres...

- Ah, mas o que é isso! Verdade que nós dois somos a minoria, mas eu faço questão de pagar, mas só se tu escolheres...

Fernando percebeu que o homem tentava aproximar-se dele. Olhou-o de alto a baixo – felizmente não viu as meias roxas – analisando o que um tipo como aquele poderia querer e, mais especificamente ainda, querer com Morgana.

- Gosta de quatro queijos? É a minha preferida!

- A minha também!

Carola atalhou: - Verdade, Nando?

- Verdade. – Foi uma resposta dita tão baixo que mais parecia um sussurro. Nem mesmo Fernando soube como ele o ouvira.

- E vocês, mulheres? O que preferem? Sim, porque os homens comem mais, e uma pizza gigante só dá pro Nando e eu. Certo, Nando?

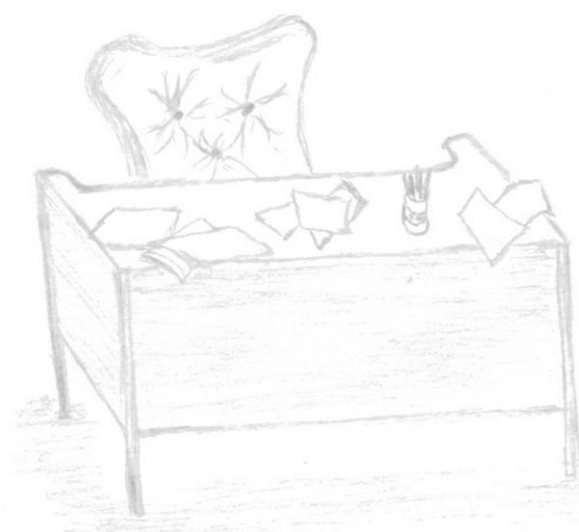
- Não sei... – o garoto ainda estava desconfiado.

- E vocês?

Nando foi se perdendo em pensamentos e quando se deu conta, a campainha tocava: o entregador de pizzas chegara com quatro, QUATRO pizzas gigantes e refrigerantes de diversos sabores.

Jantaram, riram, disseram piadas, mas nada de cunho sobrenatural foi falado. Comeram e divertiram-se, e sentiram-se cansados. Morgana, quando viu a cara de sono dos filhos, insistiu para que fossem tomar banho e prepararem-se para dormir, o que as meninas fizeram primeiro, sem reclamar. Nando ainda esperou por elas, pois o apartamento só tinha um banheiro. Mas logo que elas vieram dizer boa noite ele foi direto tomar banho. Parecia tonto de tanto sono...

## Capítulo VIII – O comprovante de Renda



A sexta-feira começou diferente: os três levantaram cedo e prepararam o café da manhã. Quando Morgana acordou, quinze para sete, sobressaltou-se, pois pensou que teria

que sair correndo de casa, sem ao menos tomar café. Correu para a cozinha para preparar algo para o desjejum das crianças e surpreendeu-se ao ver, sentados à mesa, os três filhos.

- Que milagre é esse?
- Não sei. Que milagre, mãe?
- Vocês três, levantados esta hora?
- E com o café pronto. Se quiser tomar um banho rápido, como gostas, ainda dá

tempo.

- O que aconteceu, Queca?
- Nada. Acordei cedo, levantei, fiz o café; o Nando levantou logo depois, pôs a mesa. E a Carola acabou de acordar, por isso ainda está comendo. Nós vamos estudar para umas provas. E aí, café ou banho?

- Já que o mundo parece ter mudado, vou tomar banho primeiro.

Foi uma ducha rápida. Morgana, vinte minutos depois, estava sentada à mesa com os filhos, tomando uma xícara de café.

- Mãe, como aquele Herculano é bonito!
- Morgana parou com a xícara a caminho da boca.

- O que o Herculano tem a ver com isso?

- Que “isso”?

- Isso, de vocês levantarem, prepararem o café...

- Sabe, às vezes eu acho que o Nando tem razão. Tu deves estar estressada, mesmo. – e levantou-se da mesa.

- Hei, espera aí! Eu só perguntei...

- Ah, ta bom. Mãe, não sonha! Eu só disse que o cara era bonito. Para de procurar cabelo em passarinho! O que uma coisa tem com a outra?

- Desculpe... é que eu tenho tantas provas para corrigir, que acho que não vai dar tempo!

- É, o Nando tem razão. – e foi saindo da cozinha – mas que ele é bonito, ah, isso é!

- É, mãe. E ele é bem legal, também! Eu gostei bastante dele!

- Ah, cristãos!

- Não tem nada de cristão! – e seguiu a irmã.

- Também vai dizer que ele é bonito, legal, ou o que?

- Que ele parece interessado em ti.

- Vamos parar, ta, Nando.

- Não, nada contra, nem a favor. Só me pareceu que ele fez esforço demais pra agradar. Só não entendi por que o sono... acho que a gente foi dormir super cedo... a que horas fomos deitar, mãe?

- Não sei, não olhei. Por quê?

- Porque a gente acordou antes das seis da manhã. Isso não é normal. A menos que vá dormir muito cedo. O que acho que aconteceu ontem...

- Sinto muito, filhote. Depois a gente discute isso. Se eu ficar mais um pouco, me atraso! Beijo.

- Beijo. – Fernando ainda estava pensando na conversa com a mãe, quando as garotas voltaram para a cozinha, cada uma com a pasta da escola nas mãos.

- Ainda não tirou a mesa?

- Não... Tava pensando em ontem... acho que aquele cara ta interessado na mama...

- Ta com ciúmes, é?

- Não. Só acho que ele se esforçou demais para agradar...

O Telefone toca, e Carola vai atender. Queca e Nando começam a tirar as louças da mesa, e Carola vem correndo chamá-los:

- O vô Lau, o vô Lau no telefone, corram! Ele descobriu umas coisas!

Érica pegou o fone, conversou com o avô, e ele sugeriu que os três fossem passar o final de semana em Congonhas outra vez. Se acaso Morgana não quisesse levá-los, vô Lau pediria a um dos seus outros filhos que os levassem, pois ele não dirigia.

Enquanto Érica conversava com o avô, Nando e Carola se espremiavam ao seu lado, na tentativa de ouvir a conversa, mas não conseguiram nada.

- Ta, vô. Pode deixar. Conversamos com a mãe assim que ela chegar. Beijo.

- E aí, Queca. O que ele falou?

- Não disse nada de concreto, mas falou que descobriu umas coisas que vão nos interessar. Ele quer saber o que descobrimos durante a semana, e o que falamos com a mama, mas não quer que ninguém se intrometa, por isso pediu que fossemos dormir lá, de preferência hoje.

- A mãe não vai deixar, Queca.

- E por que não?

- Por que a gente tá até os olhos de provas e trabalhos. Como vamos dar conta? Se dormirmos na vó, não estudaremos, e o fechamento do semestre tá em cima!

- Se adiantarmos as tarefas e os trabalhos, ela não poderá dizer não. Ainda temos tempo. Vamos dividir as coisas: primeiro, organizamos a casa. Nano, tu ajeitas o banheiro a área de serviços. Eu ajeito a cozinha. Carola, arrume as camas do nosso quarto. Quem terminar primeiro, põe as roupas na máquina de lavar. Depois de terminar o banheiro, Nando, arruma o teu quarto. Eu molho as plantas e vejo se tem alguma coisa pra fazer no quarto da mama. A sala tá legal. Depois, todo mundo pra mesa da cozinha com todo o material: quem terminar primeiro as próprias tarefas, ajuda a Carola. Ok?

- Ok.

Menos de meia hora depois, tudo estava pronto, exceto as roupas, que ainda estavam sendo lavadas pela máquina. Os três estavam sentados à mesa da cozinha, fazendo as tarefas e organizando o material para a próxima semana.

- Tomara que ninguém dê tarefas para a segunda-feira, senão nossos planos vão por água abaixo.

- É, mas mesmo assim teremos um grande adiantamento. Se tivermos tarefas para a segunda-feira, voltamos domingo, depois do almoço.

- Será que dá tempo?

- Dá, sim. Se um ajudar ao outro, dá.

- E a minha pesquisa?

- Qual?

- Sobre a origem das festas juninas e a da fogueira. Não sei onde acho isso!

- Essa é realmente difícil. Deixa por último, assim nós te ajudamos. E se não conseguirmos, pedimos pra mama.

- Mas ela pode aproveitar esse pretexto pra nos deixar aqui nesse final de semana, Queca.

- Só vamos saber quando perguntarmos.

E assim, rapidamente terminaram as tarefas, e para que o almoço também ficasse pronto rápido, mais uma vez o cardápio foi macarrão, só que desta vez com molho branco, que é mais rápido de preparar.

Morgana chegou quinze para o meio-dia.

- Oi, galerinha!

- Oi, mãe!

- Mãe, leva a gente pra casa da vó, depois da aula?

- De novo? Vocês dormiram lá no final de semana passado!

- Nós sabemos, mas o vô Lau ligou, e nós gostaríamos de ir.

- O vô Lau? O que ele quer?

Os três ficaram sem saber responder. O telefone tocou.

- Podem deixar que eu atendo.

Morgana pegou o fone e começou a conversar com alguém. Os três aproveitaram para combinar o que seria dito.

- E agora? O que a gente diz?  
 - Não sei. Alguma idéia, Dr. Sabe-tudo?  
 - Sabe-tudo-menos-o-que-dizer!  
 - Era o vô Lau. – Morgana justificava o telefonema.  
 - O vô? – os três perguntaram.  
 - É. Ele disse que quer bancar o detetive com vocês neste fim de semana. Como estão as tarefas?

- Tudo em dia, mãe.  
 - Só falta a minha pesquisa.  
 - Que pesquisa?  
 - A Dona Jussara pediu que pesquisássemos a origem da fogueira e das festas juninas.

- Isso é fácil: são festas pagãs incorporadas ao calendário cristão. A fogueira faz parte da lenda cristã, onde Isabel, mãe de João Batista, que era tia de Jesus, acendeu a fogueira para avisar Maria que seu filho tinha nascido. Assim Maria poderia ver a luz da fogueira e entender o recado, pois elas já tinham combinado antes.

- E como posso escrever tudo isso? Qual a fonte?  
 - A cabeça da mãe!  
 - Não, Nando! Carola, pode deixar, eu pego alguma coisa na Internet, assim vocês podem passar o final de semana bancando os detetives.

- Mãe, eu te amo!  
 - Nando, como tu mentes! Agora vamos almoçar logo, arrumar a cozinha, deixar as mochilas prontas porque eu trabalho hoje à noite. Só tenho tempo de passar na escola, pegar vocês, vir aqui buscar as mochilas e deixá-los na vô. Senão me atraso para as aulas da noite.

- Legal!  
 Assim, tudo foi feito conforme o combinado. Seis e meia, todos estavam pegando a bagagem para ficar na casa da avó.

- Vamos logo, galera! Minha aula começa às sete!  
 - Calma, mãe! Dá tempo!  
 - Dá tempo se tu não ficares embaçando! Mãe, pode deixar que a gente leva tudo pra dentro de casa. Beijo.

- Beijo Queca. Ajudem a Carola.  
 E Morgana deixa os filhos no pátio da casa da avó e volta para trabalhar. Eles entram perguntando pelo avô, mas a casa está deserta.

- Vô?  
 - Ué, cadê todo mundo?  
 Os garotos guardam suas coisas e vão tomar café, o tempo passa, mas ninguém aparece.

- Que estranho! Vamos sair pra procurar por eles?  
 - Não, Carola. Melhor esperar aqui. Estou nervosa!  
 - Qual é, Queca! O vô não teria chamado a gente se não quisesse que viéssemos.  
 - Ainda bem que a mama não entrou, senão ela nos levaria de volta!  
 - É mesmo! Talvez o Geraldo saiba onde eles foram. Vou lá.  
 - Não demora, Nando. Nós ficaremos assistindo aos desenhos.  
 - “Fica gelo”, Queca!

Logo que Fernando saiu, Dona Ester entrou pela porta da frente.  
 - Ah, já chegaram! Deixei a porta da cozinha aberta pra vocês. Eu o Nicolau estávamos na Catarina: o chuveiro dela queimou, e o Everton está trabalhando.

- E o tio Everton sabe consertar chuveiro?  
 - Foi só a resistência, Carolina. Quase todo mundo sabe substituir por uma nova.  
 - Ah...  
 - Cadê o Fernando?  
 - Cheguei! Fui saber do Geraldo se ele tinha notícias de vocês.

- Estavam na tia Catarina.  
 - Já sei, Carola: o chuveiro “baleou”.  
 - O que?  
 - Nada, não, vó. Deixa baixo.  
 - Que palavreado estranho.  
 - Vocabulário, vó. Palavreado também é bem feio. Mas deixa pra lá. Vamos assistir TV, ta bom?

- Tudo bem. Vou ver o que posso fazer para o jantar!  
 Os três foram, ansiosos, para a sala de TV. Estavam loucos pela chegada do avô, mas Queca fez uma observação importante:

- Nem adianta esperar alguma coisa hoje. Droga de chuveiro!  
 - Por quê?  
 - Porque não teremos oportunidade para conversar com o vô. A vó não vai nos deixar sozinhos com ele, e ele não quer que ela saiba das nossas investigações!  
 Fernando sentiu como se uma chuva de gelo caísse sobre ele.  
 - É... droga de chuveiro!

Como esperado, jantaram, ajudaram a tirar a mesa e foram assistir TV. Vô Lau aproveitou enquanto Dona Ester lavava as louças, e foi falar com os netos:

- Não se preocupem. Amanhã a gente conversa cedo. Hoje não vai dar: a Ester vai ficar em cima. Então, eu vou ao Bar. Tudo bem?

- Tudo, né? Fazer o que?  
 - Calma, Nando! Amanhã ainda é sábado!  
 - Ta bom!

Assim, assistiram TV e foram deitar-se, os ânimos arrefecidos pela presença da avó.

Amanheceu um típico dia de inverno: frio e fechado pela cerração. Via-se pouco mais de um metro à frente, mas o dia estava claro, embora o sol ainda estivesse encoberto pela névoa. Carola olhava pela janela do quarto em que dormiram, quando Queca acordou:

- Já acordada, Pulga?  
 - Já. O vô saiu.  
 - Como sabes?  
 - Ouvi barulho lá fora, e vi pela janela quando ele saiu.  
 - Mas já? Que horas são?  
 - Não sei.  
 - Vamos levantar.

Quando chegaram na cozinha, sentiram o cheirinho delicioso do café novo, e de um bolo que ainda assava no forno.

- Bom dia, vó!  
 - Bom dia, meninas.  
 - Cadê o vô Lau?

- Saiu. Mas deixou um recado para vocês: disse que terão que alimentar as galinhas para ele, que estará de volta perto da dez horas.

- Que horas são, vó?  
 - Oito e meia, eu acho. Veja no relógio de parede, na salinha de TV.

Ela errara por pouco: oito e quarenta. Ainda teriam uma hora e vinte minutos para esperar.

- Vamos acordar o Nando. Depois do café, alimentamos as galinhas.  
 - Vamos.

Já no galinheiro, os três procuraram pelo milho, que ficava armazenado num depósito de madeira.

- Psiu! – os três se entreolharam, em busca da origem do som.  
 - Psiu! – mais uma vez, nenhum deles foi capaz de dizer de onde vinha.

- Aqui! Como vocês demoraram!

- Vô!

- Falem baixo! Senão a Ester ouve vocês. Peguem o milho e sentem-se aqui nestes troncos. Assim posso dizer o que preciso falar pra vocês!

Vô Nicolau estava escondido entre um bambuzal e uma parreira de maracujás.

- Fingi que saí para poder falar com vocês. Pensei que nem vinham mais!

- Grande idéia, vô! – Mas porque não nos disse ontem à noite? Assim não precisaria ter esperado tanto!

- Por que eu só pensei nisso quando voltava do bar. Vocês já estavam dormindo. Escutem, não podemos demorar muito: tem uma certidão de nascimento do bicho debaixo da televisão.

- Uau!

- Calem a boca! Querem que a avó de vocês descubra tudo? Também tem uma carta pra vocês. Levem para a casa de vocês, e só abram lá, entenderam? Mostrem para a Morgana. Ela vai poder ajudar vocês. Tchau!

- Vô!

- O que é?

- Tu és demais! Sherlock Holmes da Silva!

- O que?

- Deixa pra lá, outro dia explico melhor!

- Biruta igual a mãe!

Os três caíram na gargalhada: o avô não sabia quem fora Sherlock Holmes, o maior detetive da literatura inglesa. Mas isso não importava mais. Eles tinham pistas. E concretas.

O sábado arrastou-se como nenhum outro: os garotos estavam loucos para voltar para casa, para poder ler o que tinha no envelope alaranjado que Queca tirou debaixo da TV. Estava guardado na mochila, e nenhum dos três quisera sair de casa naquele dia. De'pois do almoço, deitaram-se para assistir à TV, e mais uma vez despertaram as suspeitas da avó:

- Vocês estão doentes?

- Não, vô: estamos com frio! – Fernando, mais uma vez, pensara rápido – Até pensamos em ir no Marquinhos jogar vídeo game, mas não anima. Ta um ventão!

- É, teu avô só chegou e saiu. Não sei que tanto um velho aposentado tem pra fazer na rua!

- Deixa ele, vô! Acho que vou ligar pra mãe vir buscar a gente. Ta muito frio.

- Ela ligou ainda há pouco: não está em casa, e não quis que eu chamasse vocês. Disse que só vem buscá-los à noite, para fazerem um trabalho amanhã. Por falar em trabalho... como foi o das plantas?

Fernando tinha esquecido completamente das plantas dentro do livro. Nas últimas aulas de ciências, a Professora passara um vídeo sobre plantas e dera um questionário para ser respondido, sobre o vídeo que passara. Ele sequer abriu o livro, onde as folhas estavam.

- Ah... ela ainda não deu nota, vô. Acho que vai ser nessa semana.

- O Geraldo também perguntou...

- Assim que a professora der a nota, eu ligo avisando, ta?

- Está bem! Vou dormir um pouco!

- Por que ela não faz tricô, igual às outras avós?

- Acho que ela nem sabe fazer.

- A mama sabe, e nem é avó, ainda.

- E acho que nem vai ser tão cedo. Quer pensar em algo mais produtivo?

- É que se a vó Ester fizesse tricô, não estaria sempre na “nossa cola”, entende?

- Entendo. Mas ninguém na nossa família é 100% normal.

- Nem nós.

- Agora cala a boca que eu quero assistir ao desenho.

E passaram o resto da tarde em frente à TV, loucos para abrir o envelope, mas não queriam desobedecer às ordens do avô. Também não era aconselhável: a vò Ester tinha um sono de pulga, quando menos esperavam, ela estava ao lado deles.

Às oito horas, quando jantavam, Morgana apareceu:

- Alô, povo!

- Que demora! Aonde andastes?

- Ué! Que pressa! Para quem queria tanto vir para cá?

- É que aqui tá muito frio!

- Tá bom! Fui na Biblioteca da Universidade pesquisar o trabalho da Carola. Trouxe bastante informações, e descobri que nós temos uns quatro livros que falam no assunto.

- Que bom! Não vejo a hora de começar!

- Posso jantar primeiro? – Morgana estava surpresa com a reação dos filhos... por que a pressa?

Mal passou pelo portão da casa, os três começaram a contar tudo, numa confusão de sons vindos de três crianças, e Morgana precisou brigar para poder entender o que eles queriam dizer.

- Calma! Todo mundo ao mesmo tempo não dá! Érica, tu começa. Não ouvi a tua voz desde que cheguei aqui!

E assim, Érica contou, calmamente, tudo o que se passara. O envelope, o escondido do avô, tudo para que Dona Ester não descobrisse. Morgana ria solto:

- O avô de vocês é uma figura! Pra que tanto suspense! Mas, tudo bem! Quando chegarmos em casa, olhamos tudo. Carola, tem alguma coisa que copiei da Internet num disquete, e preciso te ensinar como se faz a citação da fonte quando o trabalho foi tirado de alguma página eletrônica.

Assim, voltaram para casa, agora mais calmos, mas nem um pouco menos curiosos sobre o conteúdo do envelope...

## Capítulo IX – Informação sem conclusão



Já em casa, Morgana pegou o envelope e deixou-o sobre a mesa:

- Não será aberto até que as coisas de vocês estejam guardadas em seus devidos lugares.

- Mas mãe!

- Não! Até agora o vò Lau fez suspense. Agora é a minha vez. Não vou abri-lo: vou pegar um café para sentarmos juntos e descobriremos o que tem de tão importante nos

papéis. Queca, traga o caderninho: quero ver todas as informações que tens anotadas. Vamos, andem logo. Também não quero esperar muito.

Os três foram fazer o que a mãe mandara de cara amarrada. Mas não demoraram: guardaram tudo de qualquer jeito só para poder ver o que tinha no envelope.

Menos de dez minutos depois, chegaram à sala, onde Morgana tomava café, sentada, lendo um livro.

Os três sentaram-se ao lado da mãe, ansiosos. Morgana continuava lendo.

- Como é, mãe?

- Calma, Fernando. Estou na última página deste capítulo.

- Eu não acredito! Não estás curiosa?

- Curiosa com o final deste capítulo do livro. O envelope não vai fugir. Pegue-o e me deixe terminar de ler.

Pouco depois, Morgana fechava o livro e colocava-o no braço do sofá. Apanhou o envelope das mãos de Nando e abriu-o:

- É uma carta, bem comprida, por sinal. E uma... certidão de nascimento?

- É! Uma certidão de nascimento! Leia!

- Aqui diz:

Certifico que, sob o nº 1026, às folhas 92, do livro Z-73 de Registro de Nascimentos, encontra-se o assento de ÚLMER BASILEU LUPPI, nascido aos 31 de Outubro de 1913, em às “está em branco” horas, em casa, na localidade de Barro Branco – Lauro Müller, do sexo: masculino, Filho de Basileu Landolfo Luppi, natural de Cecília – Itália, de profissão Lavrador; e de Belatriz Paola Silvestrini Luppi, Natural de Cecília – Itália, de profissão Lavradora, avós Paternos: Landolfo Luppi e Francesca Luppi; a avós maternos: Giuseppe Silvestrini e Maria Silvestrini. Foi declarante: o pai, as testemunhas constam no termo. O Assento foi feito no dia 14 de Dezembro de 1914. Observações: Falecido a 02 de Novembro de 1994. Depois, a assinatura do oficial do Cartório... a data... Ei! O teu avô pediu um registro... ou melhor, uma cópia do registro...

- Uma certidão, mãe.

- É, Fernando... Parece que sim. E por pouco, não o encontramos vivo. São só dez anos!

- Nem chega a dez, mãe: Estamos em julho...

- É verdade...

- Ta, e a carta?

- Vamos lá:

### *Caros netos*

*Mostrem estes papéis pra a mãe de vocês: ela vai saber o que fazer. Perguntem a ela se existe alguma coisa religiosa nos nomes, os significados deles, se ela souber, ou tiver como e onde procurar. Digam que procure também nas datas. Ela disse que existe uma “ciência” que estuda os números... coisa de superstição... ela sabe. E não esqueçam de me manter informado.*

*Outra coisa: o lobisomem era aposentado. O pai dele morreu quando ele e os seis irmãos – ele era o sétimo – ainda eram bem pequenos, e a mãe dele passou a receber a pensão como lavradora viúva.*

*Acho que os irmãos voltaram para a Itália, pois, pelo que pude saber, só ele ficou com a mãe. Ela se recusou a voltar para o lugar de onde viera. Parece que não tinha mais parentes vivos. Talvez os irmãos tivessem medo dele. Nunca saberemos. Muitos não usam mais o sobrenome, outros sim. Mas não soube de mais ninguém que tivesse a “doença do lobisomem”.*

*Foi tudo o que consegui descobrir. Depois de conversarem com a mãe de vocês, escrevam tudo e deixem no mesmo lugar em que encontraram esse envelope: será a maneira como nos comunicaremos.*



*Um abraço,  
Nicolau*

- Bom...
  - Bom o quê? E os nomes? Os números?
  - Preciso estudá-los, Nando. Não lembro de tudo, preciso pesquisar em alguns li-  
vros.
  - Livros... e quanto tempo demora?
  - Não sei...
  - Vai começar agora, não é?
  - Calma, Nando. Preciso pensar.
  - Pensar em que?
  - Em muitas coisas. Vamos combinar o seguinte: começo hoje, mas só digo algu-  
ma coisa quando tiver respostas interessantes. Se não encontrar nada que preste, esquecemos  
tudo isso.
  - Pelo menos de uma coisa já sabemos.
  - O que, Queca?
  - O dinheiro dele vinha da aposentadoria. Era disso que viviam.
  - Sim. E do que produziam também.
  - Além disso, mais nada. É como se não tivéssemos avançado muito.
  - Pelo menos um passo foi dado. Anote no caderninho. Pode ser que tudo isso seja  
útil mais tarde. Carola, vou te dar o material para o teu trabalho; vou pegar uns livros e come-  
çar a estudar os dados.
  - Talvez hoje já tenha alguma coisa...
  - Talvez, Nando. Talvez.
- Morgana pegou alguns livros e foi para seu quarto. Nando e Queca resolveram  
ajudar Carola com o trabalho, mas estavam desmotivados.
- O que podemos fazer?
  - Não sei...
  - Sabem, gurias, eu estive pensando...
  - Fala logo, Nando. Não começa com suspense. Eu já cansei: o vô Lau demorou  
praticamente o final de semana inteiro com isso e não foi de grande ajuda, a não ser pela cer-  
teza da aposentadoria, que a mama já suspeitava.
  - Mas agora temos certeza.
  - Ta. Qual foi o pensamento?
  - Que aquele amigo misterioso da mama talvez possa nos ajudar.
  - A troco de que?
  - A troco de que se alguém tem indícios de ser uma bruxa, mesmo que do bem, é  
aquela velha maluca da tia Niiiilda. E ele veio com ela, lembram? Talvez ele seja um bruxo  
também. Pelo menos, um morcegão. Viram? Ele estava todo de preto.
  - Não viaja, Nando.
  - Ta, eu só pensei...
  - Então, não pensa mais!
- Terminaram o trabalho, tomaram banho e foram dormir: não chamaram Morgana.  
Fernando viu, pela fresta da porta, que havia luz em seu quarto. Talvez ela estivesse estudan-  
do as coisas do lobisomem. Não disse nada às meninas. Disse “boa noite” a elas e foi deitar-se  
também.
- Acordaram cedo e surpreenderam-se ao ver a mãe na cozinha, em pleno domingo,  
àquela hora.
- Que foi, caiu da cama?
  - Quase. Na verdade, não dormi.
  - O que?
  - Descobri umas coisas interessantes. Gastei a noite toda analisando os números e  
acho que descobri algo que pode interessá-los.

- Essa é minha mãe! Diz aí: o que é?

- Ponha a mesa.

- O que?

- Ponha a mesa. Depois chame as meninas para tomarem café. Não vou contar a mesma coisa três vezes. E se apresse porque as panquecas vão esfriar...

Fernando, mais que depressa, preparou a mesa para o café e correu para o quarto das garotas. Tirou os cobertores de cima delas e foi logo intimando:

- Rápido! A mama disse que descobriu uns negócios interessantes sobre o lobis. Levantem porque ela disse que vai falar durante o café.

Mais que depressa, as duas levantaram, escovaram os dentes, tiraram os pijamas e correram para a cozinha, onde Morgana tomava uma xícara de chá.

- Pode falar, mãe.

- Pode comer, filha.

- O Nando disse que nos contaria durante o café!

- Eu não disse DURANTE! Comam primeiro. Depois eu mostro o que descobri.

Assim, tiveram de comer resignadamente, ou melhor, comeram apressadamente, para depois saber o que Morgana havia descoberto.

Depois de comerem, limparam a mesa e a mãe trouxe vários papéis e espalhou-os.

- Ta, o que esse monte de contas tem a ver com o lobisomem?

- Desculpem, esqueci que nunca tinha falado a vocês sobre numerologia antes! É como a astrologia, só que, ao invés de estudar a influência dos astros, estuda a influência dos números. Não fiz a correspondência entre números e letras para ver o quanto os nomes podem revelar, só estudei os números mais importantes, como as datas da certidão. Fiz algumas contas para ver o que se poderia dizer sobre o nascimento dele. Bem... não temos a hora do nascimento porque não era comum colocar isso nos registros naquela época. Mas temos datas: 31 de outubro de 1913, ou seja, 31, 10, 1913. Em numerologia, é comum não contar o 10, pois ele é neutro. Logo, o mês está fora. Também está fora o século, pois o 19 de 1900, se somarmos  $1+9 = 10$ , neutro também. Sobra 31 e 13, que, se observarmos, são anagramas.

- O que é isso?

- É a mesma coisa, só que invertido. 31, três e um; 13, um e três. Entenderam?

Além disso, ambos têm a mesma soma: 4, que, para muitos...

- O que é?

- Simboliza a morte. Ou grande agonia. Treze, para muitos, também é o número que carrega o azar. Sem contar que, pela carta do vô Lau, ele era o sétimo filho. Se não tinha irmãs, mas só irmãos, era portador da maldição: era um lobisomem!

- Mãe... mãe...

- Diga, Nando.

- Tanto suspense pra isso?

- Como assim?

- Nós já sabemos que ele era um lobisomem. Eu não quero saber se ele ficou assim por maldição ou mordida. Eu quero saber é como ele se curou. Entendeu? COMO!

- Sinto muito. – Morgana deu um longo suspiro. – Não posso dizer isso. Nem mesmo pelos nomes.

- Então não adiantou ficar sem dormir! O que nos interessa é a cura!

Morgana saiu da cozinha sem dizer uma palavra. Juntou os papéis da mesa e entrou em seu quarto e fechou a porta. Queca irritou-se:

- Ô, Nando! Que saco! Ela, com a maior boa vontade em nos ajudar e tu ficas chateando!

- Ah, vai dizer que ficasse satisfeita com o que ela descobriu?

- Não, mas também não desfiz o que ela falou. Informação nunca é demais!

- Ah, Ta bom! Não vou discutir contigo.

Morgana ainda ficou o dia todo trancada no quarto. Mandou vir comida de um restaurante para que não precisasse cozinhar. Só saiu do quarto para pegar comida. Quando voltava para o quarto, Nando falou:

- Ficasse brava comigo?

- Não. Por quê?

- Porque não saísse do quarto para nada.

- Saí, sim. Fui ao banheiro ainda há pouco.

- Gracinha.

- Nando, estou estudando pra ver se consigo alguma informação que preste. Já tenho algumas, mas...

-Mas, o que? Por que não fala pra gente. Almoça aqui!

Morgana olhou as meninas que pareciam pedir a mesma coisa.

- Ta bom... – no intervalo das garfadas, foi contando – ele foi registrado no dia 14 de dezembro de 1914, mais de um ano depois. Isso era comum, pois as pessoas, normalmente, esperavam para registrar dois, até três filhos de uma vez só.

- Que filharada!

- É, era comum ter famílias grandes. Elas garantiam muitos braços para trabalhar na lavoura. Mas não é isso que nos interessa. Para o lobisomem, isso foi bom, porque o cinco, a soma de 1 + 4, anula o efeito ruim do 13. E ele se repete no dia e no ano, sem esquecer que devemos desprezar o 19.

- Mas tem o 12, do mês de dezembro.

- Que, embora no Calendário Juliano correspondesse ao décimo mês, que era o último, para a numerologia, seu peso é 3, 1 + 2, que garante vencer batalhas vitais. Ou seja, ele nasceu sob a maldição, mas foi abençoado pelo registro. Ainda não acabei o estudo dos nomes, depois falamos sobre isso.

Morgana acabou de comer a lasagna quatro queijos e, com um beijo em cada um dos filhos, voltou para o quarto.

- Viu, panaca!

- Viu o que, Queca?

- Os números justificam por que ele parou de se transformar.

- Ah, ta bom!

- Tu vais ver só. Ela ainda vai descobrir mais coisas...

- Ah, tenho certeza que sim. Calendário Juliano... alguém sabe o que é isso?

- Podemos perguntar depois...

- É... tudo depois...

A tarde de domingo se esvaiu em frente à TV. Morgana continuou no quarto e os três comeram biscoitos e beberam chocolate com leite. Por volta das sete horas, ela apareceu com mais um monte de papéis.

- Alguma novidade?

- Muitas. Todas anotadas para que possas passar para o caderninho, Queca.

- Então, vamos a elas!

- Quero comer primeiro. Estou tísica.

- Ta, tem biscoito aqui. Quer café ou chocolate?

- Café. – enquanto beliscava os biscoitos, Morgana ia explicando uma relação com nomes e seus significados:

- Primeiro, ele:

Úlmer significa lobo famoso. Faz sentido, não?

Basileu: rei. Rei dos lobos, o mais forte e inteligente de todos, o lobisomen.

Luppi: lobo. Ou seja, todo o nome dele está envolto na maldição lupina.

- Até agora, nenhuma novidade.

- Calma, Nando. Continuando: o pai dele:

Basileu, já vimos que é rei. Era comum os filhos terem, como segundo nome, o primeiro nome do pai, e as filhas tinham como segundo nome, o primeiro nome da mãe. Depois vem Landolfo, que é o nome do avô, e Luppi, que também já vimos. Vamos lá:

Landolfo: lobo da terra. Mais uma vez, lobo. A avó: Belatriz: Guerreira. Paola, o mesmo que Paolo, ou Paulo. Não encontrei significado. Silvestrini: das florestas. Não acrescenta nada.

- Acrescenta, sim. Eles não eram lavradores?
- É, faz sentido. Luppi, já vimos. Landolfo e Luppi, já vimos. Francesca, o mesmo que Francisca, nem procurei. Giuseppe: José. E Maria. Também não procurei estes, mas acho que não mudarão muita coisa.
- Interessante...
- Tem mais uma coisa, Queca: Ele morreu em 02 de novembro de 1994.
- E o que tem isso?
- Tem: no dia 02 de novembro, segundo as religiões pagãs, todos os espíritos estão livres. 1994: tiramos o 19, 94:  $9 + 4 = 13$ ,  $1+3 = 4$ , o número da morte outra vez.
- E o que isso quer dizer?
- Pode significar que ele se libertou da maldição, que a alma dele é livre.
- Puxa!
- Só tem uma coisa...
- O que?
- Escreveram “Cecília” no registro.
- E daí?
- Daí que o nome do lugar é Sicília, e não Cecília.
- Ah, tava demorando! A SPP.
- O que é isso?
- Síndrome da Professora de Português!

## Capítulo X – Feitiçaria



A semana corre rápida, cheia de provas, trabalhos e tarefas. Parece que todos desligam, de alguma forma, do mistério. Mas Nando não esquece. Está com a idéia fixa de pedir ajuda a Herculano. Nem mesmo suas tarefas de escola o impedem de pensar no amigo da mãe. Nando acaba por fazer seus trabalhos e tarefas sem a devida concentração, mas faz tudo o que é preciso fazer. Está até nervoso.

As garotas, como sempre, divertem-se e lêem, mas ele está sempre pensando numa maneira de entrar em contato com Herculano sem pedir a ajuda da mãe, é claro, e sem contar seu plano pras irmãs.

Morgana também está cheia de afazeres, por isso ela também não toca mais no assunto. Já passava da metade da semana e as aulas de Morgana acabariam, no máximo, na quinta-feira.

Pela manhã de quarta-feira, as meninas saíram de casa para comprar revistas em quadrinhos. Nando, sozinho, ficou pensando, mais uma vez, em como entrar em contato com

Herculano. Nada lhe tirava da cabeça que o “Morcegão” poderia ajudar. Esquentava os miolos pensando numa maneira de encontrá-lo.

“Tia Nilda! É isso!” Pensando na tia ‘maciça’, Nando pega a agenda de telefones da casa e começa a procurar. Resolve começar pelo nome de Herculano, mas não encontra nada. Lembra-se que a anotação pode começar pelo sobrenome, mas ele não sabe qual é. Então recorda-se, ainda, que a mãe tem a memória ótima: muitos de seus amigos não têm o número escrito na agenda. Resolve procurar pela tia. Não demora muito, encontra: Nilda, tia. Não encontrara nenhum “tio” ou “tia” na letra “T”. Disca o número, ansioso. O telefone chama apenas uma vez:

- Alôôôô!

- Alô, tia. Aqui é o Fernando...

- Ah, meu boooom feiticeiriinho! Está tuuuudo beeeem? Em que tua veeelha tiiia pode ajudaaaar?

- Está, está tudo bem. Eu nem sei por onde começar...

- Pelo comeeeço, meu queriiido, pelo comeeeço...

- Bom... – e Fernando conta, resumidamente, o mistério da cura do lobisomem. Tia Nilda apenas fazia uns Ahans, Hummms, de vez em quando. Talvez para incentivar o garoto. A conversa não se estendeu muito, e quando a história terminou, ele concluiu.

- E, agora, não sei mais onde procurar...

- Ah, meu queriiido, e a tua mãããe, o que ela diiiiz diiiisso?

- Ela anda muito ocupada, e acho que não pode ajudar muito. Eu pensei que o amigo de vocês...

- O Herculaaaano? Queeeeres o núúúmero do telefoooone deeeele?

Nando sentia, apesar do frio, o suor escorrer em suas costas.

- Se a tia acha que ele não vai se chatear...

- Claaaaro que nãããão, meu queriiido. Anooote aiií. – e assim, o destemido

Nando, sozinho e em segredo, conseguiu o que queria.

Estava agitado, pois o modo como a tia falava lhe dera nos nervos. Olhou no relógio. Não sabia quanto tempo fazia que as garotas tinham saído. Resolveu arriscar. Discou o número e esperou. Ocupado. Tentou de novo. Ocupado outra vez. Esperou cinco minutos. Resolveu não desistir: discou novamente e esperou. Mas esperou muito pouco: na segunda chamada, uma voz conhecida respondeu:

- Herculano falando.

- Hã... oi... é... – Fernando não sabia o que dizer.

- Por acaso é o Fernando, filho da minha grande amiga Morgana?

- Como sabe?

- A Nilda acabou de me ligar e contou a história. Acho que ela pensou que ficarias sem jeito de falar comigo, ou chateado de ter que contar tudo outra vez. “Velha fofqueira” – pensou Fernando. Por que ela teria feito aquilo?

- Ah, que bom que ela fez isso... – foi o que conseguiu dizer.

- Ainda bem que gostou. Bom, meu amigo. Quem pode resolver o enigma? Uma pessoa muito conhecida de nós.

- Quem? – O estômago de Nando parecia que estava no chão. Sentia o fone escorregar em suas mãos, que suavam muito.

- Morgana.

- Mas ela nos ajudou o quanto pode e não descobrimos muita coisa, só o que eu contei pra tia Nilda.

- Então... vocês!

- Mas como? Não consigo entender o que mais precisamos fazer!

- Bem, eu não posso dizer, embora eu saiba qual é a maneira. Também sei de muitas coisas que são do interesse de vocês. Aliás, nunca soube de nenhum bruxo ou bruxa que ficasse infeliz quando descobre que tem poderes. Mas a Morgana não permitiria que vocês usassem a chave do tempo. Nem mesmo os poderes sem que ela estivesse com os olhos grudados em vocês.

- Usassem o que?

- A chave.

- Que chave?

- A chave do tempo. Só com ela vocês podem descobrir.

- Onde nós podemos conseguir essa chave?

- Fernando... não precisa conseguir nada! Só vai precisar de uns acessórios, algo que te leve ao tempo em que queres ir, entende? Olhe, eu quero ser teu amigo. Mas sou amigo da tua mãe. Ela não me perdoaria se eu contasse a vocês, em detalhes, sobre como usar a chave do tempo.

- Me diga apenas o que é!

- A chave do tempo... é... um ritual de feitiçaria!

Herculano ainda conversou um tempo com Fernando, insinuando que ele e as irmãs poderiam presidir o ritual, que tinham poderes para isso e muito mais, mas não disse como o ritual acontecia. Aquela conversa soava estranha aos ouvidos de Fernando: eles poderiam presidir o ritual? O que isso significava? Fernando não conseguia se concentrar no que ouvia, era como se a voz de Herculano dançasse em seus ouvidos. Apesar das dúvidas, resolveu não perguntar. Passou a prestar mais atenção ao que o “Morcegão” falava. Mas ele só insistia numa coisa: que inquirissem Morgana. Ela é quem deveria lhes contar tudo, e que o segredo – “que raio de segredo é esse?” - já deveria ter sido revelado.

O barulho do mensageiro dos ventos na porta anunciou a chegada das garotas. Fernando despediu-se de Herculano, agradecendo as informações e desligou. Herculano não insistiu, e disse que, sempre que precisasse, Fernando poderia ligar. Ainda prometeu fazer o que estivesse ao seu alcance para ajudá-lo, Nando não entendeu como ele poderia.

Fernando não contou nada às garotas, mas ficou cada vez mais calado, mais estranho! Ele pegou algumas revistas em quadrinhos e foi para o quarto.

A cada dia, Fernando ficava mais taciturno. Passou a fazer as tarefas no quarto, não usava mais a mesa da cozinha, nem compartilhava seu desagrado por tantas tarefas com as garotas. Depois dos telefonemas, ele se fechava cada vez mais.

As garotas tentavam conversar com ele, mas este sempre dava respostas vazias, ou dizia que estava cheio de coisas pra estudar.

As garotas não quiseram preocupar a mãe, pois logo entrariam em férias, e ela mesma perceberia as mudanças em Fernando, então, resolveram não contar nada a ela. Mas, na quarta-feira à noite, Nando saiu do quarto e perguntou:

- Vocês sabem o que é a chave do tempo?

E assim, Fernando contou sobre os telefonemas e as conversas que tivera com a tia Niiiilda e Herculano. Contara também sobre as insinuações de Herculano, de que eles tinham poderes, sobre a conversa maluca sobre rituais. Finalmente, sentiu-se aliviado. E elas, estavam de bocas abertas, com os olhos arregalados!

Mas Queca começava a juntar os pedaços das histórias:

- Lembra daquele papo maluco que a tia Niiiilda teve com a gente? Sobre as coisas estranhas que deveríamos ter visto na casa da vó Viviane?

- Lembro, mas não em detalhes.

- Nem eu. Só lembro que a velha era muito chata, e aquela verruga que ela tem perto da boca parece uma pereba!

- O que é isso, Carola! Coitada da mulher!

- Coitada, nada! Ela ficou alugando a gente para nós não escutarmos a conversa da mãe com aquele amigo dela. Ele é bem legal, mas ela é muito chata!

- Mas ele é outro doido varrido! Depois de tudo o que eu ouvi do cara, não tenho mais dúvidas: são todos doidos, por isso a mama não nos tinha apresentado a eles.

- Pode ser, Nando. Mas eu ainda acho que tem mais pedaços, mais coisas que a gente não sabe. E não é por vontade nossa. Acho que a mama é que não quer que a gente saiba.

- É, ela anda misteriosa demais.

- E o segredo, de que ele tanto te falou. Talvez seja...

- Seja?

- Deixa pra lá. Deixa eu ter certeza primeiro. Acho que vou dar uma olhada nos livros da mama. Naqueles que ela guarda no quarto dela.

- Acho melhor ninguém mexer lá. Ela vai perceber e não vai gostar nada. E, além do mais, as férias estão aí, são só mais dois dias de aula, hoje e amanhã, e ela entra em férias antes da gente: as férias do Ensino Médio sempre começam primeiro.

- Ta bom... eu espero as férias começarem. Mas na primeira oportunidade, vou ler os livros que ela não deixa ao nosso alcance.

- Como não? É só entrar no quarto dela e olhar...

- Mas ela não gosta que a gente mexa nas coisas dela, e se não deixa os livros junto com os outros, é pra não despertar a nossa curiosidade. Alguma coisa deve ter lá...

- É... até os livros de Medicina ficam nas prateleiras... talvez tenhas razão.

- Eu sei que tenho!

Aquela quarta-feira foi mais tranqüila para Fernando, que sentia como se tivesse tirado uma tonelada das costas. Na escola, estava até mais descontraído, fazia brincadeiras com os colegas, coisa que há alguns dias não queria mais. Carola estava mais preocupada com suas notas que com qualquer outra coisa, por isso, já esquecera da conversa que tivera com os irmãos pela manhã, antes de ir à escola. Morgana não almoçara em casa, ligara avisando às onze e meia, aproveitara o intervalo das aulas para passar no Banco. Mas Érica fora mordida pela curiosidade: o que teria naqueles livros? Talvez fossem os livros de que o vô Lau falara... mas ela ia descobrir, ah, isso ia! Não importava que os outros estivessem desligados ou sem a mínima curiosidade: ela descobriria tudo!

## Capítulo XI – O Grande Segredo



Quinta-feira, quinze para o meio-dia. Penúltimo dia de aula, e os três ainda discutem se devem ou não conversar com Morgana sobre os telefonemas. O frio, cada vez mais intenso, anuncia férias bem dentro de casa. Morgana chega e, ao contrário do que costuma fazer, não diz nada quando entra. Fernando estranha, e vai até a porta para ver quem a abriu, pois a mãe sempre chega dizendo um “Oi”.

A surpresa deixa Nando sem palavras: tia Nilda e Herculano – outra vez todo de preto – estão com ela. Os três têm bolsas de restaurante, indicando que trouxeram comida pronta.

- Tem refrigerante? – Herculano perguntou a Fernando, sem qualquer cerimônia.

- Oi. Não. Aqui em casa é raro ter isso. Mas tem suco de maracujá. Serve?

- É... serve. Morgana, ta na hora de para com essa mania “natureba”, faça-me o favor!

- Para os meus filhos, só o melhor. Refrigerantes têm muito açúcar, não devem ser consumidos todos os dias.

- Ah, ta bom! – os três foram entrando, surpreendendo as garotas, que acabavam de pôr a mesa.

- Filhotes, temos companhia para o almoço. Por favor: louças para mais duas pessoas.

O almoço transcorre bem: tia Niiilda com suas intermináveis histórias sobrenaturais; Herculano com seu riso frouxo; Morgana calada. Até que despede os filhos para irem vestir os uniformes.

Os três saem para a escola, intrigados com a nova visita. Pelo caminho, discutem sobre a razão de Herculano e Nilda estarem ali. Mas eles ainda têm dois dias de aula: não dá para especular por muito tempo.

- Nando, acabo de lembrar de uma coisa.

- O que, Carola?

- A vó Ester quer saber qual a nota do trabalho de Ciências.

- Hi! É verdade! O que vou dizer?

- Diga que ela deu apenas alguns pontos para ajudar na média bimestral. Mostres as folhas?

- Não. Aconteceu tanta coisa que eu acabei esquecendo!

- Então, diga que deixou de ganhar uns pontos na média.

- Gracinha!

Assim, os três seguiram para a escola, onde mais uma tarde interminável de aulas aconteceu. Fernando nem mesmo desceu durante o recreio: queria adiantar um trabalho de Geografia. Quando o final do período chegou, estavam cansados. Passando pelo portão da escola, um antigo carro preto, estacionado logo depois do ponto de ônibus buzinou.

- Quem anda com uma velharia daquelas?

- E com película escura nos vidros! Que fashion!

Mas quando eles se encaminharam para o outro sentido, o carro buzinou mais uma vez. Os três nem olharam. Então, o vidro baixou e uma voz conhecida chamou:

- Fernando!

Nando virou-se, e quando percebeu que era Herculano que estava no carro, falou depressa para as irmãs:

- Vamos logo! Acho que o Morcegão veio nos buscar. Sorriam, senão ele vai começar a buzinar outra vez, e ainda temos amanhã para galera “tirar onda com mico”.

- Mico? Não era Morcego?

- Cala a boca e anda logo, Carola!

Foram até o carro, onde Herculano prontamente disse que viera buscá-los.

- Que bom! Obrigado, mas não precisava!

- Sei que não precisava, amigão. Mas eu, a tia Nilda e a Morgana queremos ter uma conversa especial com vocês. Pena que não pode ser na minha casa: vocês iam adorar!

- Eu só imagino! – Assim, Herculano dirigia em direção à casa dos garotos. “Ainda bem que os vidros estão fechados e têm película. Não gostaria que ninguém me visse andando nesse... sei-lá-o-que! Nem tem com o quê comparar!” Mergulhado nesses pensamentos, e sem ter atenção com o caminho, Nando percebeu que chegaram em casa muito rápido, rápido demais para o horário de rush.

Em casa, encontram Morgana e a tia preparando o jantar.

- Por que tão cedo?

- Porque vamos aaproooveitar para conveeeersar, então vamos pulaaaar o café da taaaarde, viu, queriiida.

Queca tinha esquecido o quanto era chato o jeito que tia Nilda tinha para falar.

- Então vou tomar um banho, aproveitar que é a última noite antes das férias. Não tenho nada importante para amanhã; nem tarefa, nenhum trabalho para entregar. Acho que vai ser só um encerramento.

- Pra mim também! A Dona Jussara adorou a pesquisa, mãe! Disse que estava ótima!

- Que bom, Carola! Então valeu à pena o esforço em conjunto...

- Como assim?



- Eu peguei as informações, mas foram o Nando e a Queca que te ajudaram, lembra?

- Ah, é mesmo!

- E tu, Nando? Muita coisa para amanhã?

- Não, nada. Acho que nem vou à aula: só vão fazer um encerramento, talvez campeonato de alguma coisa.

- Que tipo de coisa?

- Ah, sei lá! Nos outros anos, a gente jogava tênis de mesa, vôlei, futebol na quadra com os garotos das outras séries. Acho que vai ser a mesma coisa. Já me considero em férias!

Herculano entrou na cozinha e começou a perguntar sobre o jantar. Os três aproveitaram e saíram, indo cada um desfazer as mochilas, tomar banho ou relaxar um pouco em frente à TV.

Mais ou menos uma hora depois, Herculano veio chamá-los:

- O jantar está servido!

Os três já haviam tomado banho e estavam assistindo à TV.

Antes mesmo que os garotos sentassem, tia Nilda anunciou:

- Precisamos contar uma coisa muito importante a vocês. – os três sentaram-se sem perguntar nada. Nem olharam para a comida. – Esta é uma noite muito especial: são oito horas!

Nando pensou “e daí?”, mas não disse nada.

- Hoje, o Grande Segredo será revelado!

Nenhum dos três percebera que a tia Nilda, mais uma vez, perdera o hábito de esticar as vogais. Estavam com os olhos vidrados nela: finalmente! O raio de segredo seria contado a eles!

Ela fez uma pausa, ninguém perguntou nada. A mulher os olhava de maneira estranha, seus olhos muito verdes pareciam faiscar. Os três sentaram-se e olharam Morgana, que estava calada, com o olhar perdido.

- Agora que vocês três já estão grandes, são quase adultos, já podem entender o que significa o segredo. E por que nunca lhes foi revelado antes.

Queca queria, a cada pausa que a tia fazia, dizer a ela que ninguém ali gostava de suspense, mas se conteve: resolveu esperar o que estava por vir.

- Crianças, Morgana, a mãe de vocês, é uma bruxa!

## Capítulo XII – O Ritual



Fernando e Carolina estavam estarelecidos. Érica, mais calma que nunca e mostrando um olhar de triunfo, anuncia:

- Eu já desconfiava...

- Como assim? Por que não nos disse nada?

- Eu tentei, mas vocês não quiseram me ouvir. Todas aquelas histórias sobre bolas de fogo, poderes retirados de uma bruxa, só poderiam indicar uma coisa: a vó Viviane era uma bruxa. E o vô Nico sabia disso!

- Sabia, minha querida. Ele mesmo também era um bruxo. Por isso mesmo a mãe de vocês tem poderes especiais, além disso, ela é a sétima filha.

- Eu também já tinha pensado nisso.

- Quando?

- Quando a vó Ester contou a história do lobisomem. Lembrei na mesma hora, mas achei que era só um detalhe que, na verdade, nem dizia respeito à história que ela estava contando. Também não acreditava na probabilidade de bruxas existirem de verdade.

- Quer dizer que nós somos filhos de uma bruxa?

- Quer dizer, amigão, que, como eu, vocês são bruxos também. Minha mãe era bruxa, meu pai sabia, mas não tinha poderes. Mas eu os herdei dela.

- E nós herdamos também?

- Sim, mas não é como vocês pensam...

- Como assim?

- Não é só estalar os dedos que as coisas acontecem. Na antiguidade, bem antes da Caça às Bruxas, nós tínhamos muito mais poderes, pois estávamos em harmonia com o Universo. Quando a Caça foi iniciada, na Idade Média, tivemos de nos esconder para não morrerem queimadas, e muitas de nós nem sabem que têm poderes.

- Não entendi.

- Oh, minha queridinha! Você é tão juvenzinha!

- Pode me explicar?

- Claro! Em tempos antigos, eram as mães e os pais bruxos que ensinavam seus filhos, passando as receitas de poções, ensinando a preparar o livro das sombras...

- Livro do que?

- É como chamamos nossos livros de encantamentos. Todo bruxo tem o seu.

- Ah... a mama também?

- É claro que sim, queridinha, mas deixe a tia Nilda explicar: existia uma guerra declarada às bruxas, que vocês certamente vão estudar em História, onde todas tiveram que se esconder: enterraram seus caldeirões e suas varinhas, esconderam ou atiraram nas águas seus livros das sombras. E, para manter viva a Tradição da Grande Arte, passaram a usar utensílios de cozinha como instrumentos dos rituais: a varinha mágica foi substituída pela colher de pau, as panelas eram usadas como caldeirões, e as receitas deveriam ser memorizadas, para que não se corresse o risco de que alguém encontrasse. Assim, a Tradição sobreviveu através dos tempos, mas, de certa forma, nos enfraquecemos. Muitos descendentes de bruxos não sabem que têm poderes, nunca se harmonizam com o Universo. Mas, quando alguém da família adoece, acabam por fazer um chá milagroso, que cura rapidamente o doente, não sabendo de onde vem tal inspiração. É a Mãe Terra que se manifesta, mesmo quando não são feitos os Rituais.

- Por isso a senhora perguntou se nunca tínhamos feito nada de extraordinário!

- Isso mesmo! Mas muitos bruxos só manifestam seus poderes na vida adulta, em estado de extrema necessidade, outras, nem mesmo têm poderes.

- Quer dizer que pode ser que nós não tenhamos poder algum?

- É possível, Nando. Mas temos maneiras de saber isso.

- Como?

- Com o Ritual de Iniciação.

- Quero fazer.

- Não! – Morgana falou pela primeira vez – A iniciação deve ser feita depois dos treze anos, e requer disciplina e estudo. Tu até podes deixar de te dedicar, mas não podes esquecer jamais dos preceitos, das leis. Eu mesma não sabia que era uma bruxa, descobri a meus de cinco anos, quando comecei a estudar outras culturas.

- Descobriu como?

- Eu lia sobre as manifestações religiosas dos Celtas, quando me deparei com uma “simpatia”, como a vó Viviane chamava, idêntica a que ela costumava fazer para diminuir os perigos das tempestades. Lembrei nitidamente dela realizando o ritual, e do meu pai dizendo a ela para olhar bem para onde mandaria a tempestade, pois poderia ter embarcações no mar. Lembro que sempre lhe dizia para evitar mandá-la para o mar, pois poderia matar pescadores. Eu era uma criança, quando vi estas coisas. Então, passei a perguntar aos meus irmãos e tios sobre as simpatias, e descobri muitas coisas. Mas esta não é a hora de falarmos sobre isso.

Érica, se quiseres fazer o ritual de iniciação, nós o faremos. Mas quanto ao Fernando e a Carolina, só depois dos treze anos.

- Por que isso?

- Já te disse, Fernando: é preciso ter maturidade para usar os poderes! Há leis na bruxaria que não podem ser quebradas, como as leis da natureza. Se algo de errado é feito à natureza, as conseqüências são sempre desastrosas. Na magia é igual!

- Como assim?

- A Primeira Lei da Bruxaria é a seguinte:

“Tudo o que fizeres ou desejares ao outro, voltará triplicado para ti. Quando apontas um dedo para outra pessoa, três dos teus dedos estão apontados na tua direção”. Aponte o dedo para mim, e verás que outros três, da mesma mão, estão apontados para ti: é a Lei do Tríplice Retorno. Por esta razão, é preciso saber o que fazer. Crianças tendem a ser vingativas e, às vezes, até maldosas. Por isso não se deve ensinar-lhes a usar os poderes antes de crescerem, pelo menos um pouco. Aos treze anos, já se tem responsabilidade. É por isso que eu não permitirei que sejas iniciado antes de completares essa idade.

- Por que não nos contou antes?

- Porque as pessoas são muito supersticiosas, e acham que todas as bruxas são más.

- Mas foi na Idade Média que tudo isso começou: a figura da bruxa foi associada à mulher má, vestida de preto, feia e com uma grande verruga no nariz. A minha é perto da boca, saiu no lugar errado!

- Ora, tia...

- Foi uma brincadeira! Mas é verdade, crianças. E o preto é a cor da proteção, por isso é tão usado pelos bruxos. Mas há alguns que preferem outras cores, que representam outros poderes, ou outros elementos. Mas tudo isso vocês terão tempo de sobra para aprender. Uma coisa é importante: estudar! Como os estudos de vocês, a bruxaria pede muita leitura, muita dedicação e treino. Quem respeita essas condições, consegue viver em harmonia com o Universo e ser muito feliz. Vocês também podem!

A conversa estendeu-se madrugada a dentro, com perguntas e mais perguntas. Tia Nilda deu a “primeira aula” aos garotos.

Na manhã seguinte, Morgana saiu cedo, antes dos três acordarem. Comprou o que seria preciso utilizar no Ritual de Iniciação de Érica, um caderno grosso para que ela escrevesse seus encantamentos, couro para que fizesse a capa, e muitas ervas.

Quando Carola e Nando acordaram, Érica estava costurando, sentada à mesa com Morgana, que lhe explicava as propriedades das ervas.

- Depois de terminada a capa, colocaremos algumas ervas por dentro, como forma de proteção. Também podes bordar símbolos pela capa.

- Que símbolos?

- De proteção, sabedoria e muitos outros. Mas isso vai ficar para depois. Mais tarde, quero que faças uma lista das ervas, que aprendas a reconhecê-las. As que temos aqui foram compradas numa farmácia de manipulação: estão secas e todas têm uma etiqueta com o

nome e algumas propriedades. Mas é preciso aprender a reconhecê-las na natureza, o que leva tempo. Sairemos outro dia para procurar algumas.

- Onde vocês vão procurar?

- Em qualquer lugar, Nando. Muitas nós poderemos encontrar em Congonhas, até mesmo no capoeirão. Outras, na margem do Rio. Não será tão difícil.

- Também quero aprender...

- Ótimo! Assim, quando fizeres o ritual, já saberás muitas utilidades das plantas!

- Mãe... como é o Ritual de Iniciação?

- Não se assuste, não é nada demais.

- E aquelas coisas que comprou?

- Não vamos usar tudo. Algumas são para mim. Mas certos objetos devem ser pessoais, então terás os teus e eu terei os meus. Outros, usaremos em comum. mas espere a hora certa.

- Ta bom... – Érica olhava a mãe.

- O que há?

- Estou com medo...

- Medo de que?

- Sei lá... tem sangue?

Morgana caíra na gargalhada!

- Érica, tem água, suco de uva e uma bebida que costumamos usar. Essa a tia Nilda vai trazer, porque dá muito trabalho e demora bastante.

- Que bebida é essa?

- Hidromel.

- O que é isso?

- Calma! Ainda vou te ensinar a preparar, e poderás escrever a receita no teu livro das sombras. Também terá bolo e biscoitos.

- Então é uma festa?

- De certa forma, sim.

- A gente vai poder comer e beber também?

- Podem, Carolina, mas só do que não fizer parte do ritual. Ou depois. Mas não se preocupem, pois a tia Nilda disse que vai trazer tudo a mais para vocês poderem experimentar.

- Oba! – Nando e Carola adoraram a notícia.

Às oito horas tia Nilda e Herculano chegaram. Estavam vestidos de preto, e Morgana disse à Érica:

- Agora, o banho da purificação. Tome o banho e depois jogue a infusão de ervas sobre o corpo. Pense bem no que tudo isso significa, durante o banho. Depois, vista a túnica que lhe dei, e sairemos.

- E nós?

- Vocês já tomaram banho e estão de roupas limpas, é suficiente.

Érica demorou cerca de vinte minutos no banho, então todos saíram.

Rodaram uns vinte minutos de carro, mas dez para às nove já estava tudo pronto. Foram a um bosque, um lugar que os garotos nunca visitaram antes. Tia Nilda instruiu Carola e Nando para que sentassem no tronco de uma árvore e apenas observassem. A lua estava cheia, por isso a noite era clara e, mesmo sendo inverno, não estava tão frio.

Herculano pediu que Érica ficasse num determinado lugar, então, pegou um pó branco e com ele desenhou um círculo no chão. Morgana e Nilda se posicionaram, de modo que os quatro estavam em pontos próximos, como fechando o círculo desenhado. No meio do círculo, Herculano arrumara alguns objetos sobre uma grande pedra. Os quatro levantaram os braços, fecharam os olhos. Eram nove em ponto quando Morgana começou a falar:

*Salve Guardião da Torre Norte e seus poderes!*

*Salve Guardião da Torre Sul e seus poderes!*

*Salve Guardião da Torre Leste e seus poderes!*

*Salve Guardião da Torre Oeste e seus poderes!  
Salve Ahasha, a essência da vida!*

*Salve os Poderes Sazonais: Inverno, Primavera, Verão e Outono!*

*Poderes dos cinco elementos e seus poderes:*

*Poderes da Terra: Lei e Invenção!  
Salve Gob, regente da Terra e seus gnomos!  
Poder do Ar: Inteligência!  
Salve Paralda, regente do Ar e seus silfos!  
Poderes do Fogo: Ação e Realização!  
Salve Djin e suas salamandras!  
Poderes da Água: Fertilidade e Amor!  
Salve Necksa, regente da Água e suas ondinas!*

*Que os Guardiões nos mostrem os ensinamentos necessários:  
Araquiel, os segredos da Terra  
Armaros, solucionar encantamentos  
Azazel: a magia da beleza  
Barqel, a astrologia  
Ezequeel, a magia das nuvens  
Gadreef, as artes da guerra  
Kokabeel, os mistérios das estrelas  
Penemue, a escrita  
Sariel, os segredos da Lua  
Semjaza, os encantamentos das ervas  
Shamshiel, os signos do sol!*

Abriram os olhos, baixaram os braços e Herculano fez um gesto de cabeça para Érica: Os quatro entraram juntos no círculo e sentaram-se. Érica fez uma oração, agradecendo a vida, os amigos, parentes, tudo o que possuía, até mesmo a escola e o lugar onde morava. Pediu proteção e sabedoria. Tocou cada um dos objetos de cima da pedra, olhou com atenção e depois colocou-os no mesmo lugar: uma estrela de cinco pontas, dois cálices, pratos, pedras e flores. Herculano pegou o que parecia ser um cálice, e disse:

*Bebo com minhas irmãs pela harmonia com o Universo, pela sabedoria, pela vida e pelos poderes.*

Passou o cálice para as mãos da tia Nilda, que repetiu as palavras, depois para Morgana, e por último, para Érica. Depois, Herculano pegou um biscoito e disse, antes de comer:

*Bebo com minhas irmãs pela harmonia com o Universo, pela sabedoria, pela vida e pelos poderes.*

O gesto foi repetido pelas outras.

Então, Morgana levou Érica até o lugar onde estava, e os outros dois também tocaram suas costas, enquanto diziam:

*Apresentamos esta irmã ao Norte, pela harmonia com a Grande Mãe e o Grande Pai!*

O mesmo foi repetido em cada um dos pontos cardeais. Depois, Morgana falou:

*Dormiremos, cada um em seu lar, em harmonia com o Universo, pela sabedoria, pela vida e pelos poderes.*

*Que a Grande Mãe e o Grande Pai nos abençoem!*

Eles saíram do círculo, de costas, cada um dando um passo atrás. Herculano falou:

*Fecho este círculo pelo dever cumprido e pela harmonia do Universo!*

Enquanto falava, tentava espalhar o pó branco que fora depositado sobre a grama.

Terminado o trabalho, não havia o menor sinal do pó, os utensílios foram guardados e Herculano falou:

- Agora é o nosso piquenique!

- É só isso?

- É, o que mais queriam?

- Sei lá, umas luzes, barulho, espíritos...

- Fernando, não é nada disso! Não confunda bruxaria de verdade com filmes de televisão. Agora precisamos esperar para ver se Érica manifesta poderes.

- Como assim?

- Não sabemos, mas se ela tiver poderes, eles vão se manifestar. Com cada um acontece de uma maneira.

- Como foi que aconteceu contigo? – eles começavam a comer – Isso é bom! O que é isso?

- Bolo de crescente. Beba isso!

- Nossa! É doce, mas nunca bebi nada assim!

- É hidromel...

Assim, Fernando esqueceu das perguntas. Voltaram tarde para casa, mas sentiam-se bem. Cansados, mas muito bem.

### Capítulo XIII – O sonho de Érica



“Um vento frio uivava cortante, e eles estavam em casa. Era noite e a única luz vi- nha do fogo aceso no fogão à lenha, na cozinha. Ela dizia que não tinha medo, e que eles de-

veriam tentar. Dizia que não deveriam esperar que as coisas acontecessem, mas buscar soluções, mesmo que pudessem sofrer com isso. Ele dizia que era perigoso demais, que preferia ser preso todas as vezes que a lua enchesse. Sentia-se inseguro, não por si mesmo, mas por ela. Ela insistia, dizendo que, se tudo desse certo, poderiam levar uma vida normal, e que as pessoas não os olhariam mais como se eles fossem monstros. E eles não eram monstros. A maldição existia, mas precisava ser quebrada. E ela acreditava que eles podiam quebrá-la. O vento fustigava as paredes da casa velha, e a lenha estalava no fogão, onde um fogo vivo ainda ardia.

Olharam-se em silêncio, ela num vestido simples, estampado com pequenas flores, o cabelo preso numa longa trança, com um xale negro tecido à mão, sobre os ombros. Calçava chinelos simples, mas que deveriam aquecer seus pés. Ele passou a olhar para o chão, sua camisa de algodão aberta na altura do peito, mostrava os pêlos escuros. Ela olha o fogo, e repete insistentemente que eles devem tentar. Ninguém precisa saber, mas eles devem tentar, antes que a lua cheia venha outra vez. Ele olha o fogo e concorda, apenas com um gesto de cabeça. Está sentado numa velha cadeira de palha, bem perto do fogão.

Ouvem gritos lancinantes: ‘Matem o monstro! Matem o monstro! Lobisomem só traz desgraças! Matem o monstro, e assim poderemos viver em paz!’

Os gritos cessam e o silêncio parece pior que a gritaria. Ela abraça o próprio corpo, puxando o xale para se proteger.

‘Precisamos correr o risco, ou viver para sempre essa agonia. Eu quero tentar. Nossas vidas não valerão nada se algum acidente grave acontecer. A bruxa disse que era a única maneira, e que era preciso coragem e amor. Eu tenho os dois! Precisamos fazer! Pelo nosso filho!’ - Ela acaricia o ventre. Uma forte rajada de vento assobia lá fora, o fogo crepita. Os dois se abraçam. Ele responde:

‘Verônica, amanhã é Sexta-feira Santa, nossa última chance neste ano. Logo depois, vem a lua cheia.- um silêncio assustador - Então, vamos fazer!’

Érica acorda ensopada de suor. Pensa no sonho que teve, e tem absoluta certeza de que era a casa velha, em outros tempos. Bem cuidada, mais nova, porém, a mesma casa que visitara com a mãe e os irmãos. Pensa no casal que vira no sonho. Só poderiam ser o lobisomem e sua esposa. Úlmer e a mulher. Ele dissera o nome dela, mas não conseguia lembrar. Levantou, foi até a cozinha e tomou água. Por que sonhara com eles? Talvez fosse porque esteve durante muito tempo escrevendo as explicações da mãe numa carta para o avô. Tudo isso deve ter causado uma impressão forte, e foi dormir pensando no que escrevera, tentando adivinhar o que aconteceu com eles.

Não. A última coisa que pensara, certamente, fora na chave do tempo. Tanta coisa acontecera que ela nem teve tempo de perguntar sobre ela à mãe. A ida repentina para a casa da avó, o vô Lau indo buscá-los com o tio Rivaldo, no sábado de manhã, logo depois do ritual. Nem teve tempo de perguntar o que era aquele pó branco que Herculano usara. As outras coisas ela identificou: bolos, suco de uva, água, pedras, velas, incenso, algumas sementes. Mas aquele pó branco, o que seria? Herculano o tirara de dentro de um pote de vidro. Parecia açúcar, ou algo semelhante. Perdida em pensamentos, olhava a noite escura pela janela.

- Perdeu o sono? – Érica quase deixou o copo d’água cair, tamanho o susto que levou.

- Quer me matar do coração?

- Ta doida? Peguei água, tomei, estou te olhando há uns dois minutos, mas tu nem te mexeste. O que foi?

- Desculpe, eu estava pensando.

- Pensando em que? No piquenique irado?

- Também...

- Em que mais?

- Num sonho que tive. Acordei ensopada de suor. Acho que a vó colocou cobertores demais na cama.

- Talvez. Ela tem mania de ‘agasalhar bem as crianças’.

- Ou o sonho me fez ficar ensopada...

- Sopa de Érica?
- Não brinca, Nando. Estou falando a sério. Sonhei com o lobisomem!
- Uuuuuuu!
- Que ú! Foi um sonho estranho... – Érica esperava que o irmão parasse com as brincadeiras de costume.
- Ele atacava alguém? – Fernando pareceu mais sério.
- Não. Estava na casa velha, com a mulher dele. Droga!
- Foi tão arrepiante assim?
- Não, na verdade, eu só estou chateada porque não consigo lembrar o nome dela.

Ele falou, eu sei que falou... mas...

- Nenhuma pista?
- Que gracinha! Pista de nome num sonho! Acho que és tu que estás sonhando!
- Vamos deitar logo. Amanhã a gente discute teu sonho. Não adianta ficar se torturando. Quando menos esperar, vais lembrar.
- Tenho medo de não lembrar mais...
- Do sonho?
- De tudo...
- Então escreve. Tem caneta e um bloco de notas numa destas gavetas. Anote, arranque as folhas e guarde. Assim ninguém vai ver depois, mas podes ler para lembrar. Vou deitar. Fomos dormir muito tarde na noite passada. Estou ‘moído!’

Érica encontrou o bloco de anotações na gaveta de um armário. Dividiu-o ao meio, pois alguém poderia procurá-lo. Ainda ficou boa parte da noite acordada, escrevendo o sonho, deitada na cama, mas não lembrou o nome que tanto queria.

A manhã de domingo chegou cinza e nevoenta. Érica dormira até mais tarde, pois perdera boa parte da noite escrevendo. Marquinhos e os outros primos e primas também estavam na casa da vó Ester, transformando as refeições em algazaras. Oito crianças em idades próximas conseguiam fazer mais barulho que os trinta e poucos alunos numa sala de aula. Nando estava irritado, pois não conseguia ouvir ao desenho que assistia. Carola reclamava que alguém sempre furava a ‘fila’ do vídeo game. Queca estava cansada demais para prestar atenção em qualquer coisa.

- Érica, estás doente?
- Não, vó. Por quê?
- Estás tão pálida!
- É que não dormi bem nesta noite... vou ligar pra mãe.
- Ela ligou hoje cedo, mas vocês estavam dormindo. Disse que viria buscá-los à tarde para irem passear.
- Ah, que bom. A que horas ela vem?
- Acho que logo depois do almoço... Não queres tomar um chá?
- Não precisa, vó. Eu estou bem! Só estou cansada, e essa bagunça não ajuda nada...

- Mas eu gosto quando vocês todos estão aqui... – “Coisa de avó”, pensou Queca. Logo depois do almoço, Morgana chegou.

- Alô, povo!

Brincou e conversou com os sobrinhos, jogou vídeo game, mas não conseguiu passar de fase. Érica estava apreensiva:

- Mãe, a gente não ia sair?
- Vamos, mas não precisa ter pressa. Vocês escolhem aonde vamos. Só queria ter um tempo com vocês...

- Quero conversar...

- Eu sabia – era a vó Ester – Morgana, ela está doente! Está pálida e quieta. Eu quis fazer um chá, mas ela se recusou a tomar!

- Pode deixar, Dona Ester. Eu cuido dela. Chame a Carola e o Nando, Érica. Assim podemos sair.

Tão logo entraram no carro, Érica começou a falar:



- Mãe, sonhei com o lobisomem nesta noite.

- E...

- E acordei ensopada de suor! – Érica contou o sonho a Morgana, que ouviu em silêncio. Os irmãos também prestavam atenção ao que a garota dizia sem falar uma palavra.

- O que pode ser?

- Bom, vamos por partes, como faria Jack, o estripador.

- Mãe, para de brincadeira!

- Ta bom, ta bom, mas vamos por partes: a palidez é por causa da falta de sono. O cansaço também faz isso comigo, vocês já me viram assim dúzias de vezes. Quanto ao sonho, não foi por causa da carta, mas porque dormisse pensando em como foi que tudo aconteceu. Depois do ritual, entrase em harmonia com o Universo, e a resposta para a tua pergunta veio em forma de sonho. É provável que voltes a sonhar a mesma coisa, com mais detalhes. Para evitar essa palidez, durma à tarde. Assim vais descansar e te recuperar. Também não deixes de te alimentar.

- Eu estou me alimentando normal, mas estou sempre sem fome.

- Isso também é comum. Quando estamos em harmonia, comemos para manter a saúde, e geralmente sem gula. Por isso está sentindo menos fome. O ideal é que faça uma oração de agradecimento antes de dormir. Depois, se quiser continuar a sonhar, peça. Pergunte e as respostas virão. Mas não esqueça de agradecer depois, Ok?

- Ok.

- Vamos combinar o seguinte: hoje é domingo, então o primeiro dia de férias, de verdade, é amanhã. Vou fazer um curso o dia todo, e só chego umas nove horas. Na terça-feira, ligo de manhã e vou para a casa da vó. Assim, se quiserem, podemos visitar a casa velha outra vez. Que tal a idéia?

- Ótima, mas vamos todos, né?

- Sim, vamos todos. Por que, Nando?

- Porque pensei que fosses querer voltar só com a Érica.

- Não se preocupe: no que depender de mim, vocês dois sempre estarão presentes!

Voltaram ao bosque onde o ritual fora realizado, e Nando espantou-se ao saber que ficava dentro de um cemitério. Mas não um cemitério comum, pois não havia construções: os túmulos eram debaixo da terra, e só apareciam lápides muito pequenas com as inscrições dos nomes daqueles que foram sepultados ali. Mas a parte reservada ao cemitério ficava bem mais ao norte, por isso eles não haviam percebido o que era no dia do ritual.

- Por que justo num cemitério?

- Porque não conheço nenhum outro bosque que possamos entrar livremente, e porque simboliza o renascimento dela para uma nova vida. Aqui é um lugar sagrado, e por muitos é chamado de campo santo.

Fernando insistiu:

- Não poderia ser em outro lugar?

- Sim.

- Onde?

- Numa praia, por exemplo. O problema são os curiosos: o que seis pessoas, três adultos e três crianças estariam fazendo numa praia à noite, em pleno inverno?

- É, faz sentido...

- Mãe...

- Diga, Érica.

- O que era aquele pó branco que o Herculano usou?

- Era sal.

- Sal?

- Sim. Proteção. Muitos acreditam que bruxas não entram onde há um círculo de sal, mas ele serve de proteção contra o mal. É que a maioria das pessoas associa as bruxas com o mal. Então, bruxas também podem se proteger com ele.

- Mas vocês queriam se proteger conta o que?

- No círculo, invocamos energias muito fortes, e não queríamos que outras energias estivessem presentes conosco. Outras que não tivessem sido invocadas. Só o que é invocado pode entrar no círculo. Por isso usamos o sal. A tia Nilda e o Herculano vieram aqui mais cedo e fizeram um círculo ao redor do lugar em que vocês se sentaram.

- Por que vieram antes?

- Para se certificar de que não teríamos problemas, que não havia ninguém nas imediações, e para evitar que vocês fizessem perguntas sobre o círculo e atrapalhassem o ritual.

- Pensaram em tudo, hein?

- Talvez. Vamos voltar? Já está anoitecendo.

- Vamos.

Voltaram para a casa de Dona Ester, e Morgana nem sequer entrou. Ainda ficou um tempo conversando com os filhos no carro, mas não quis entrar. Fernando não entendeu a razão.

- Por que a mama não quis entrar? Ela tinha algum compromisso hoje?

- Não. Ela apenas não queria responder às perguntas da vó.

- Que perguntas?

- Ela acha que estou doente. Vou dizer a ela que tive um pesadelo e que a mama acha que eu andei comendo algo muito pesado antes de dormir, assim ela me deixa em paz.

- Bem pensado!

#### Capítulo XIV – Uma conversa muito séria

Naquela segunda-feira, Morgana viajou bem cedo para uma cidade próxima onde faria um curso de aperfeiçoamento, junto com vários outros professores. Mas, quando se preparava para voltar, no final da tarde, logo que o curso terminara, seu carro não funcionou. Tentou dar a partida no motor, virou a chave várias vezes, e nada! Ainda teve sorte, pois alguns professores que saíam do curso naquele momento, moravam em Braço do Norte, e um deles se aproximou, perguntando se ela deixara o rádio ligado.

- Não, não é a bateria. Provavelmente algo de errado com o arranque.

- Tem um electricista de carros aqui perto. Se quiseres, posso te dar uma carona. O rapaz é de confiança, e ele pode te trazer de volta.

Morgana aceitou a oferta do colega e, em poucos minutos, estava em frente a uma oficina com uma grande placa que dizia:



Ela olhou a placa e pensou no nome: já tinha visto aquele sobrenome em algum lugar. E não era de nenhum aluno, pois ela lembraria. Heitor, o professor que lhe dera carona, desceu do carro e chamou alguém de quem se via uma sombra difusa dentro da oficina: o excesso da claridade do sol fazia o interior da loja parecer ainda mais escuro.

- Leu? – Heitor parecia chamar alguém. – Leu?

- Opa! Se não é meu amigo Hector!

- Heitor, Leu. Meu nome é Heitor! Sou brasileiro.

- Mas é de origem hispânica, não pode fugir às raízes! – ele apertava a mão do amigo e batia-lhe o ombro, num intenso cumprimento cheio de satisfação.

- O que o traz aqui? Teu carro está perfeito, tenho certeza, pois eu mesmo fiz a última revisão...

- Não, não! Com meu velho fusca está tudo bem. É o carro dela – Heitor apontou para Morgana, que estava encostada no carro. Os dois estavam a alguma distância, o que permitiu ao electricista fazer um comentário:

- Que gata, hem! E a Joana?

- Ta doido? Ela é uma professora que estava no mesmo curso que eu, e teve problemas com o carro. Eu só quis ajudar...

- A Joana não vai gostar... – nem deixou o amigo responder – mas eu já gostei! – e saiu ao encontro dela.

- Boa tarde, moça! Posso ajudar?

- Boa tarde, e espero que realmente possa. Meu carro está em frente ao ginásio e não quer pegar.

- Não deixou o som ligado, ou os faróis.

- Nem liguei o rádio no caminho, e os faróis desligam-se automaticamente com o motor. Creio que o problema seja no mecanismo de arranque.

- Bem informada, hem, dona! Pode deixar que eu dou um jeito no seu carro rapidinho.

- Podes levá-la até o carro?

- Claro, Heitor! Com o maior prazer! Já levo algumas ferramentas e peças, e caso o problema seja simples, resolvo lá mesmo.

- Obrigada, Heitor.

- Não tem de quê! Até outro dia!

- Até...

Enquanto Morgana e Heitor se despediam, “Leu” colocou algumas caixas em sua pick-up, entrou e deu partida no motor.

- Vamos, moça?

- Vamos!

No caminho. O electricista puxa conversa com Morgana:

- É de longe?

- Moro em Tubarão.

- Então preciso fazer o conserto rápido, senão a moça vai ter que viajar à noite.

- Não me incomodo com isso. Só não quero ficar pelo caminho.

Chegaram em frente ao Ginásio, e o homem mostrou-se bastante rápido no trabalho: girou a chave, tentou dar partida, abriu o capô e deu o diagnóstico:

- Escova do arranque. Vou abrir para confirmar.

Logo depois ele mostrava a Morgana uma peça danificada.

- Só precisa substituir.

- Que bom! Então é rápido!

- Seria.

- Seria?

- Se eu tivesse uma para substituir. Vamos voltar para a oficina. Lá eu telefono para os fornecedores e outros electricistas. Se alguém tiver, faço o serviço ainda hoje.

- Ah, não!

- Prometo fazer o possível, moça.

Assim, voltaram para a oficina, e Morgana aguardou sentada numa velha poltrona de tecido, em frente à mesa do escritório do electricista. Mais de uma hora, e vários telefonemas depois, ele olhava desolado para Morgana:

- Sinto muito. Só entregarão a peça amanhã cedo.

- Que droga! Quanto tempo demora a troca?

- Uns vinte minutos. É que já passa das seis, e a peça é muito barata, ninguém quer fazer a entrega hoje.

- Paciência. – Morgana dá um suspiro. – onde posso encontrar um hotel que não seja muito caro?

- Te dou uma carona.

Chegaram à frente de um prédio antigo, e o rapaz ainda entrou com ela e conseguiu um desconto na diária.

- Não te preocupes com o carro. Vou rebocá-lo para a oficina, ficará seguro lá. Assim que estiver pronto trago aqui, logo cedo.

- Obrigada. Ainda não sei teu nome.

- Basileu. Mas todo mundo me chama de Leu.

“O lobisomem!” Morgana lembrou do nome: era o nome do lobisomem, ou de um de seus avós. Silvestrini também!

- Está passando bem? Ficou tão pálida!

- Ah... acho que fiquei nervosa com o problema do carro. Desculpe, não disse meu nome: Morgana.

- A fada Morgana, irmã do Rei Artur?

- Talvez fosse bom ser. Assim eu mesma poderia consertar meu carro...

- Fadas não são electricistas. Deixe isso comigo! Foi um prazer, Morgana. Se quiser comer algo, tem uma boa lanchonete na esquina, ao sul. Vou até lá todas as noites, por volta das nove. Se tiveres fome, te vejo lá. Até logo.

- Até.

Morgana ficou inquieta, e resolveu ligar para os filhos, mas não havia telefone no quarto: só poderia usar o da portaria. Não pôde falar nada aos filhos sobre o nome do electricista, apenas avisou-os que de voltaria no dia seguinte, por causa dos problemas no carro. Quase sete horas. Subiu para o quarto, tomou banho, mas precisou vestir as mesmas roupas. Encontrou na mesa de cabeceira um livro. Suas últimas folhas estavam cheias de anotações escritas à mão, e várias páginas dele estavam rabiscadas com coisas impossíveis de entender. Na contra capa, em belas letras escritas com caneta tinteiro, estava o nome

### *Verônica Luppi*

Quando desligou o telefone, Érica estava desanimada. Queria conversar com a mãe. Sonhara outra vez com o lobisomem, outra vez o mesmo sonho, mas não ouvira novamente o nome da mulher dele. Haviam jantado há pouco mais de meia hora, e Fernando esmoreceu ao saber que a mãe não voltaria naquela noite.

- O que há com vocês? Até parece que é a primeira vez que a Morgana dorme em outra cidade...

- Não é isso, vó. É que...

- Que a gente ta acostumado a ficar com ela. Desta vez, esperávamos que voltasse, não é Queca?

- É, Nando, é isso...

- Amanhã vocês podem dar um passeio. Visitar alguém...

- Quem sabe o vô não inventa alguma coisa legal pra gente fazer?

- Isso mesmo, Carolina!

- Carola, vó! Carola!

Deitaram-se em seguida, os três no mesmo quarto que Marcos. Os outros primos ficaram no quarto ao lado, e a avó ainda levou dois dos menores para o quarto com ela. Não poderiam conversar. Marcos tinha medo de histórias sobrenaturais.

Depois do café da manhã, Seu Nicolau convidou-os para um passeio na ponte de ferro, construída pelos ingleses quando implantaram a ferrovia. Marcos quis acompanhá-los.

Como não podiam conversar sobre as investigações, Nando acabou afastando-se do grupo. Sentado num tronco perto da ponte, ele observava o avô explicando a Marcos como navegar com a canoa a motor. Érica também estava quieta. Carola e Marcos pareciam os únicos a se divertir. Érica se afasta deles.

- Deveríamos ter ido para outro lugar.

- Onde, vô?

Na figueira, perto do matadouro.

- Que matadouro?

- Há alguns anos, o gado criado por aqui era abatido lá, para depois ser levado aos açougues.

- E não é mais?

- Não. Hoje em dia a carne deve ter controle sanitário, e é abatida com melhores condições de higiene, coisa que os matadouros não oferecem.

- E o que mais tem lá?

- A figueira.

- Mas tem figueiras espalhadas por toda a parte!

- Mas aquela é especial.

- Especial, como?

- Dizem que, nas noites de lua cheia, aparece pendurada nela a caveira do enforcado.

- Ui, vô! Que medo!

- E o vô já a viu?

- Não, Carolina. Nunca fui para aqueles lados em noite de lua cheia, mas a tua mãe já deve ter ido. E por que o medo, Marcos?

- Não gosto dessas histórias, vô. Elas me dão arrepios!

Então vamos mudar de assunto.

- Outro dia o vô conta?

- Claro, Carola! É só me lembrar.

- Então está combinado.

Érica se aproximara do irmão.

- Sonhei outra vez.

- E aí, qual é o nome?

- Não sei. Acho que ele não a chamou mais pelo nome.

- Por que será, hem?

- Não sei. Por isso quero conversar com a mama...

Voltaram para casa, pois já era quase meio-dia. Os três saíram correndo quando viram o Uno branco de Morgana estacionado no pátio da casa.

- Cadê a mama?

- Saiu.

- O quê? – os três perguntaram.

- Calma! Ela deve ter ido ao mercadinho comprar algo.

- Vou encontrá-la, Vó!

- Mas que pressa!

- Também vamos!

- Crianças!

- Deixa eles, Ester! Está tudo bem com a Morgana?

- O problema era com o carro, não com ela. É claro que está tudo bem!

- Estou doida para conversar com vocês. Mas precisamos ser discretos.

- Mas, como?

- Deixem comigo. Vamos almoçar.

Comeram, arrumaram a cozinha, e Morgana falou que estava muito cansada. Vamos?

- Vamos. – os três aceitaram na hora.
- Dormir? Pensei que íamos jogar futebol com os outros garotos...
- Não, Marcos. Vou ficar um pouco com a mama.
- Que grude, hem, Morgana!
- Eu gosto, vó.

Assim, no quarto, Érica fala dos sonhos.

- Mãe, tenho sonhado todas as noites com o lobisomem, aquele mesmo sonho que te contei...

- Tenho uma coisa pra contar a vocês.
- Mãe, meu sonho...
- Ouviu o nome?
- Não. Acho que ele não falou mais o nome dela...
- Como a gente faz para descobrir?
- Eu já descobri.
- Hã?
- É. Descobri. Encontrei um sobrinho da mãe do lobisomem em Braço do Norte.

Lá tem uma grande colônia de italianos, e conversamos bastante...

- Como encontrou o cara?
- Ele é o eletricitista que consertou o carro.
- Como assim?
- Me deixem contar como tudo aconteceu.

E assim, Morgana contou sobre a noite anterior em Braço do Norte.

Deitada na cama, Morgana folheava o livro e não conseguia entender nada do que estava escrito. Não sabia dizer se era pela caligrafia ou se por estar escrito em uma língua que ela não conhecia. Mas pensou que, se “Leu” tinha o mesmo nome e um sobrenome de alguém da família do lobisomem, talvez ele soubesse de algo. Olhou o relógio. Oito e meia. Ele deveria estar na lanchonete da esquina sul. Guardou o livro no mesmo lugar, e resolveu procurar “Leu”.

Poucos minutos depois, Morgana chegava à Lanchonete. O ambiente era bom, e alguns casais lanchavam nas mesas, e um comprido balcão abrigava pessoas solitárias. No canto mais afastado, estava “Leu”.

- Oi...
- Fada Morgana! Que bela surpresa! Juro que pensei que não viesse...
- E não viria, mesmo! Mudei de idéia por causa de um livro que encontrei no hotel.
- Um livro?
- O que vai querer? – era o garçom que vinha atender Morgana. Ela pediu um sanduíche da casa e um suco.

- Não bebe? – “Leu” perguntou.

- Não.

- Paramos no livro. – o garçom se afastara.

- Está escrito, na contra capa, o nome de uma pessoa que morou num lugar que conheço.

- Que nome?
- Verônica Luppi.
- Verônica Silvestrini Luppi, queres dizer.
- Não entendi.
- Era de uma tia-avó. Mãe da dona do hotel. Ela está viajando com o marido.

Aquele rapaz que nos atendeu é meu primo.

Morgana emudecera. Estava com a boca aberta, mas não sabia o que dizer.

- Sei o que quer saber. Sobre a suposta Lenda do Lobisomem. – o garçom chegou com o pedido, e a conversa mudou de rumo.

- Teu carro já está seguro. Reboquei para a oficina. – o garçom se afastou.
- Por que suposta Lenda?
- Porque é verdade! - Morgana não diz nada. – Não acredita?

- Eu... eu acredito. Tanto que tenho conversado com todas as pessoas que sei que têm algum conhecimento da história, mas ninguém diz nada. Todo aquele a quem perguntamos, dá respostas evasivas, ou mostra claramente que tem medo.

- É normal. Todo mundo tem medo do que não conhece. Só não sei como foi desfeita a maldição. Mas que ela existiu, existiu.

- Como podes ter tanta certeza?

- A tia Paola contava que os pais dela lhe disseram. Mas não contaram como, pois a maldição ia, com o tempo, desaparecer da terra.

- Faz sentido. Se ela recaí sobre o sétimo filho, a tendência é desaparecer. As famílias já não são tão grandes.

- Também porque os lobisomens eram mortos, quando descobertos. Então, era bem mais difícil de alguém acabar sendo mordido.

- Mas... o que mais sabes sobre a maldição?

- Bom, foi a mulher dele, a Verônica, que desfez. Dizem que ela teve a ajuda de uma bruxa, que ensinou como desfazer a maldição, mas que ela fez tudo sozinha. Cada um conta uma coisa diferente, mas pelo menos uma coisa todas as histórias têm em comum.

- O que?

- Que deve ser feito num cemitério, na hora em que a lua começa a aparecer. Ela era um bocado corajosa.

- É, deveria ser mesmo.

- E o que mais?

- Bom, cada qual com sua versão, mas nenhuma com coisa que se aproveite. Acabei esquecendo a maioria das bobagens que o povo diz.

- Que bobagens?

- As que envolvem mexer com a terra do cemitério, por exemplo.

- E por que não?

- Porque foi uma bruxa que a ensinou. Nenhuma bruxa de verdade brinca com coisas sagradas, e o cemitério é um lugar sagrado. É o portal que as almas usam para entrar e sair deste mundo. – Morgana levantou as sobrancelhas. – Olhe, Morgana, pode lhe parecer presunção da minha parte, mas sei que és uma bruxa. Sei reconhecer uma quando vejo.

- Como?

- Minha mãe também é.

- E tu?

- Infelizmente, não herdei os poderes dela. Por mais que estude, me aplique, não consigo nada.

- Talvez a hora ainda não tenha chegado... – Basileu se mostrava triste – talvez sua missão seja outra...

- Qual?

- Tu mesmo deves descobrir. Mas, o importante, é que aprendestes a respeitar as bruxas e as pessoas comuns. Esse é o primeiro passo para ser um bom bruxo. Quem sabe a hora de despertar não seja agora?

- Há algo que eu possa fazer?

- Já foi iniciado?

- Já.

- E nada?

- Nada.

- Bom... na família do meu pai, os que não demonstravam poderes passavam por uma purificação... Sabe o que é?

- Não. Acho que a mama não sabe...

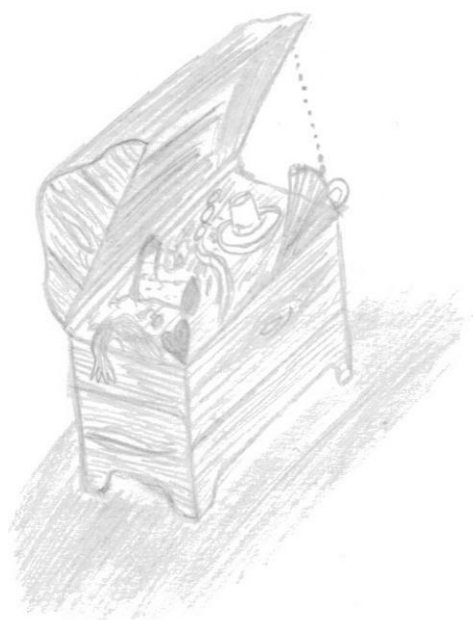
- Vocês são descendentes de italianos, minha mãe também era. Na família dela esse ritual não era conhecido. Eu mesma o descobri há pouco tempo, conversando com uma tia com quem aconteceu a mesma coisa que...

- Morgana, por favor, sem rodeios. Não queres ensinar direto para a mama?

- Ela não precisará fazer nada.

- Não? Quem vai fazer, então?
  - Tu mesmo.
  - Como?
  - Bem, as bruxas estão em harmonia com a natureza, certo?
  - Certo.
  - Então, a primeira coisa a fazer é parar de destruir.
  - Mas eu não destruo nada!
  - Mas come carne. Está matando para se alimentar, ou há outra opção?
  - Eu... nunca tinha pensado nisso...
  - Então, se quiser, pode tentar.
  - Nem tocasse teu sanduíche.
  - Eu não sabia que ele tinha tanta carne. Mas, quando nos alimentamos apenas com os frutos da terra, com o leite do gado e ovos, nossa percepção e os poderes melhoram. Acho que não custa nada tentar...
  - Vou fazer isso, Morgana. Vou fazer.
  - Se quiser, podes dizer à tua mama que apenas resolvesse te abster de carne e, se aparecerem poderes, certamente ela vai ficar muito feliz. E eu vou dormir. Quero voltar cedo para casa amanhã.
  - Morgana... obrigado!
  - Espero que dê certo. Até amanhã.
- Quando contou aos filhos, Morgana omitiu boa parte da história. Contou apenas o que os interessava sobre Verônica.
- Isso mesmo, mãe! Era Verônica!
  - Ouvir o nome te fez lembrar?
  - Sim! Tenho certeza que foi esse nome que ouvi!
  - E o que vamos fazer, agora?
  - Não sei, Nando. Não sei.

## Capítulo XV – A casa velha e os objetos dos baús



Morgana deixou-os depois do jantar e foi dormir em casa. Érica estava tranqüila, por isso Morgana foi para casa sem preocupações. Desde que ficara viúva, não dormira mais na casa de Dona Ester. Na manhã seguinte, voltou para lá, pois tinham combinado de ir até a casa velha para mais algumas explorações.



Desta vez, a caminhada até a casa velha deixou as crianças cansadas: o sol estava forte e, mesmo sendo final de julho, no pior do inverno, o dia estava bastante quente. Mais uma vez Morgana fez reverências ao entrar na floresta. Érica ficou observando, mas nem foi preciso perguntar, pois a mãe, tão logo terminou seu pequeno ritual, explicou:

- Pedi permissão para entrar no capoeirão. Para os bruxos, todas as matas são sagradas, e a natureza é uma força, uma enorme fonte de energia.
- Mas por que fez isso numa língua que não entendemos?
- Por que aprendi a fazê-lo em latim, mas vou te ensinar em português: será uma das coisas que deverão estar anotadas no teu livro das sombras.
- Não preciso decorar?
- Não é algo decorado. Como tudo que realmente se aprende, é preciso entender. Se esta é uma grande fonte sagrada de energia, deves pedir licença para entrar.
- Pedir necessariamente a quem?
- Quem tu achas que está aqui?
- Não sei... espíritos, talvez...
- Então peça a eles. Mas é preciso senti-los.
- Também é preciso falar?
- As palavras são poderosas. Tudo o que tu falas, se transforma em energia. Se os espíritos são energia, então têm a mesma frequência das palavras.
- Preciso fazer isso agora?
- Não. Apenas quando achar que é necessário. Quando sentir que deve. Já fiz isso por vocês, mas não esqueça que já és uma iniciada: uma bruxa. Aprendendo a Arte, mas uma bruxa.

Continuaram o caminho e, quando chegaram ao córrego, mãe e filha inclinam-se e falam juntas:

- *Força das águas, permitam nossa passagem, emprestem vossa energia para que se cumpra o que é necessário. Que assim seja!*

- Vocês ensaiaram?
- Não. Saiu. Simplesmente saiu! – Érica explicava, perplexa, ao irmão. Morgana deu um sorriso maroto e os quatro continuaram o caminho.

Na frente da casa velha, Morgana adverte os filhos:

- Pode ser que, desta vez, nossa visita seja diferente. Não se assustem, e não precisam ter medo.

Já dentro da casa, Morgana pede aos filhos que encontrem o que pode lhes ajudar a ver o passado. Eles olham ao redor, pegam alguns objetos, mas não se decidem por nada, não encontram nada que julguem ajudar. Ela sugere que abram os baús, mas antes fazem um ritual de proteção.

*Antigos donos que aqui viveram*

*Permitam que conheçamos a verdade*

*Permitam que possamos tocar em seus pertences*

*Emprestem suas energias para que a verdade seja conhecida*

Eles se olham antes de mexer nos baús.

- Não esqueçam que devemos ter respeito por tudo que tocarmos. Não importa o que venhamos a encontrar, não nos pertence. Se a permissão que pedi nos foi dada, então a chave do tempo se materializará.

Fernando ficou imaginando uma grande chave, bem antiga, de metal. Mas o que ela abriria? Será que ia se materializar uma porta? Não conseguia entender...

Encontraram vários objetos nos baús: fronhas, cobertores, toalhas e roupas antigas. Morgana pega uma camisa velha, fecha os olhos e um vento forte varre a casa velha. Ela solta a roupa a roupa no chão.

- Nando, Carola. Vão lá fora e peguem terra da rua nas duas mãos. Sintam a terra, e peçam a ela que os proteja. Na volta, entrem aqui e se encostem nas paredes. É uma proteção.

Os dois obedecem a mãe sem fazer perguntas.

- Érica, faremos a chave do tempo. Segure, com ambas as mãos, este vestido velho, deve ter sido de Verônica. Eu seguro a camisa.

Nando e Carola voltam da rua, as mãos cheias da terra úmida que tem ao redor da casa. Tiveram que arrancar o mato para poder pegá-la. Quando os dois encostam na parede, Érica segura o vestido e fecha os olhos. Morgana segura a camisa de algodão. Novamente o vento varre a casa, e os três são projetados para o passado. Érica se vê no corpo de uma mulher, a mulher do lobisomem, e vê o lobisomem, mas sente que a mãe está no corpo dele. Elas não conseguem controlar os acontecimentos, são apenas veículos da projeção.

## Capítulo XVI – A cura do Lobisomem



Os três continuam no passado, e vêem o casal se preparar para o ritual de cura, que deve permanecer em segredo, sob pena das transformações voltarem. Não sabem como entenderam isso, pois nenhum dos dois falou. Eles parecem muito nervosos, e conversam sobre uma viúva que vivia num povoado distante. Ela os ensinou o ritual. Quando falam na viúva, ouve-se um forte estrondo, e Érica vê nitidamente os brilhantes olhos castanho-claros da mãe. “É preciso muita coragem e muito amor para que tudo dê certo”- Verônica diz ao marido. “Nós temos os dois. E muito mais! Faremos o que for preciso.”

O lobisomem e a mulher saem da casa, caminham até o cemitério e esperam o aparecimento da lua. O lusco-fusco da chegada da noite, dentro do cemitério é assustador. Tudo acontece sem que Morgana e os filhos saiam da casa. É a chave do tempo que está mostrando o passado.

Quando a lua começa a aparecer, Úlmer atira-se ao chão e começa a se contorcer. A transformação está começando. Verônica pronuncia umas palavras estranhas, algumas reconhecidas do ritual de iniciação de Érica. Há vento forte, trovões e raios que cortam o céu. Verônica levanta os braços, segurando um grande espinho na mão direita. Aproxima-se de Úlmer e espeta o lobisomem, na altura do coração com o espinho. Ele se contorce, uiva, parece sofrer muito. O sangue que sai do ferimento escorre em sua camisa clara de algodão, mas ao invés de se transformar na fera, a metamorfose cessa. Ele ainda fica parado por alguns minutos, estendido no chão. Depois começa a voltar ao normal. A maldição está quebrada! Os dois se abraçam e iniciam o caminho de volta para casa, felizes. Neste momento, o forte vento varre a casa mais uma vez, e Érica e Morgana estão caídas no chão.

Exaustos, os quatro sentaram-se no chão. Mas nem mesmo o cansaço impediu-os de conversar.

- Mão, por que aquele estrondo? E bem na hora em que falaram da viúva?

- Ela era a bisavó de vocês. Ficou viúva muito jovem, criou os filhos sozinha. E sempre ajudou a quem precisava, sempre que podia. Eu desconfiava que ela era bruxa por causa dos conhecimentos que tinha sobre as ervas: conhecia um remédio natural para qualquer

coisa. Ela ensinou o que sabia sobre as ervas aos filhos. O sangue de bruxo está na nossa família há muitas gerações. Mas vocês são mestiços, pois herdaram o sangue apenas da minha parte. O pai de vocês não tinha poderes sobrenaturais, e nunca soube de qualquer um da família dele que os tivesse.

- Engraçado...

- O que é engraçado, Nando?

- Sei que eram vocês duas, mas estavam diferentes...

- Então vocês viram alguma coisa?

- Eu vi... acho que tudo... – e contam o que viram, fazendo perguntas para entender melhor.

- Mãe... a vó Viviane também era uma bruxa. A família dela também é de bruxos?

- Sim. Mas isso a tia Nilda pode explicar melhor. Eu tinha esperanças de que vocês não tivessem poderes, mas parece que me enganei.

- Melhor assim. Eu ficaria muito frustrado se não conseguisse ver o que aconteceu aqui.

- Só os bruxos conseguem materializar e ver a chave do tempo.

- O que acontece se uma pessoa comum, quer dizer, que não é bruxa, está junto quando se faz a chave do tempo?

- Eles podem sentir o vento, ver trovões, ouvir estrondos. Mas não conseguem ver nada. Só os bruxos conseguem conectar o passado com objetos antigos, por isso somos tão cuidadosos com antiguidades. Elas podem ser mais valiosas do que parecem. Mas os poderes só devem ser usados para o bem, nunca para o mal. Outra coisa muito importante: não se deve mexer com o tempo. Principalmente tentar alterar fatos que já aconteceram. Isso poder ter conseqüências desastrosas.

- E isso é possível?

- Espero que não, Nando. Do contrário, bruxos inescrupulosos podem tentar alterar coisas que já aconteceram. É melhor irmos embora. Estou muito cansada, e temos uma caminhada e tanto pela frente.

Fazem a caminhada de volta para a casa da avó e, muito cansados, arrumam suas coisas para voltar para casa.

- Mas, por quê? Brigaram com alguém? Estão doentes?

- Não, Vó. A gente só quer voltar pra casa, só isso.

- Esta vai ser a primeira vez que vocês não ficam até o final das férias!

Dona Ester parece triste, mas conformada com a decisão dos netos.

- Talvez a gente vá viajar, Dona Ester. É o único tempo que temos para isso. Nas férias de verão nunca consigo viajar por causa dos cursos. Eles se despedem e iniciam o caminho de volta, largados nos bancos do carro, Morgana dirigindo.

- Mãe, o vô Lau contou que tem uma curva que chama “curva da figueira do enforcado.” Já ouviu falar?

- Claro que sim! Mas quem conhece toda a história é a tia Nilda.

- Legal! Que tal a gente ir visitá-la?

- É, podemos, mas só amanhã, porque hoje estou muito cansada.

- É, seria legal! - Erica se entusiasma e, num olhar silencioso, os três entendem que a tia Nilda poderia contar outras histórias interessantes, outros mistérios a serem descobertos.

- Mãe, precisamos contar ao vô Lau que descobrimos tudo. Mas como?

- Digam que o rapaz da oficina em Braço do Norte me contou.

- Acho que ele não vai acreditar nisso!

- Não custa tentar, Carola. Se ele não acreditar, paciência. É melhor não envolver o uso de magia, e a única maneira que vejo é essa.

Quando estão chegando perto de casa, ao abrir o portão eletrônico vêm, saindo da garagem deles, um enorme cão negro. Morgana, Érica, Nando e Carolina se entreolham em silêncio. Seria um lobisomem?

**BIBLIOGRAFIA AUXILIAR****UTILIZADA COMO FONTE PARA OS RITUAIS QUE CONSTAM DA HISTÓRIA  
RECONTADA**

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**. São Paulo: Loyola, 2001.

BEIMS, Marina G. **Wicca e outras tradições**. Florianópolis: Edição da autora, 2001.

BIANCARDI, Rosa M. **O livro secreto da bruxa**. São Paulo: O artífice editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sabedoria das bruxas – Manual de iniciação à magia**. São Paulo: Berkana Editora, 1998.

CONWAY, D. J. **O livro mágico da lua – magias, encantamentos e dias mágicos**. São Paulo: Gaia, 2001.

CUNNINGHAM, Scott, HARRINGTON, David. **A casa mágica**. São Paulo: Gaia, 2001.

CUNNINGHAM, Scott, **A verdade sobre a bruxaria moderna**. São Paulo: Gaia, 1998.

\_\_\_\_\_. **Magia natural**. São Paulo: Gaia, 2001.

GRIMASSI, Raven. **Os mistérios wiccanos**. 2. ed. São Paulo: Gaia, 2001.

LELAND, Charles G. **Aradia, o evangelho das bruxas**. São Paulo: Outras Palavras, 2000.

QUINTINO, Cláudio C. **A Religião da grande deusa**. São Paulo: Gaia, 2000.

Dados de licença no Creative Commons:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/></a><br />A obra <span xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dct:title" rel="dct:type">Imaginários em diálogo: a lenda do lobisomem em uma perspectiva bakhtiniana como resgate de narrativas folclóricas</span> de <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://www.magiadasletras.com" property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Elita de Medeiros</a> foi licenciada com uma Licença <a href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/">Creative Commons - Atribuição - Uso Não-Comercial - Obras Derivadas Proibidas 3.0 Não Adaptada</a>.<br />Podem estar disponíveis permissões adicionais ao âmbito desta licença em <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://www.magiadasletras.com" rel="cc:morePermissions">www.magiadasletras.com</a>.